RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.º ANNO

Janeiro a Fevereiro de 1875

VOLUME XXV

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1875

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

O advento da monarchia hispanhola. Parabola dos reis e dos lombrigoides.— Abertura do parlamento. Discurso da corôa. Situação politica. O povo. A patria. A representação nacional. O que o povo escreverá quando souber escrever. — A senhora Emilia das Neves. — A superstição do dandysmo na sociedade portugueza. Critica americana. A civilisação de *boudoir*, sua historia, sua influencia na arte, na moral, nos costumes, nas maneiras e na moda. Cadastro do dandysmo. As instituições bancarias, o jogo de fundos, o credito, a batota, a loteria, a crapula. A educação das meninas. O que ellas aprendem e o que ellas ignoram. Instrumentos e ideias. Os ideaes e as cassarolas sujas. O estudo das linguas, as sciencias da natureza, a formação do criterio, o senso moral. O figurino e o lar domestico. Como nasce o namoro e como nasce a estima.— Valentina de Lucena. O espirito publico e o espirito das *Farpas*.— As Ephemerides de Raspail.

Depois da expulsão da rainha Isabel, a Hispanha procurou ávidamente restabelecer a liberdade. Vendo porém, ao cabo de alguns annos

de duras experiencias e de sangrentos sacrificios, que se tornava impossivel a resolução do problema pelos exforços populares, que faz a Hispanha? Acclama um rei. Esse rei suppõe-se trazer em si a liberdade do povo. Resta agora ao povo extrahir a liberdade do rei.

Á primeira vista nenhuma contradição mais flagrante do que esta entre a tendencia politica e o espirito scientifico do tempo moderno.

. ˙ .

Mas, se reflectirmos um pouco mais, achamos que a natureza—que é a sabedoria suprema—procede muitas vezes nos seus designios exactamente pelo modo como acaba de proceder a Hispanha.

Vejamos, para exemplo, a historia da tenia:

Ha um pequenino parasita obscuro, mas cheio de sabedoria e de astucia, cujo destino é ser a tenia e habitar o organismo de um gato. Para este fim o referido parasita, que antes de ser uma tenia é apenas um cysticerquio, offerece-se ao gato para que o gato o assimile. O gato porém repelle violentamente a adopção do cysticerquio. O cysticerquio então faz o se-

guinte: estabelece-se provisoriamente nos tecidos do rato, e espera tranquillo que a ordem natural das coisas traga um dia o gato a devorar o habitaculo escolhido pelo futuro lombrigoide. Esse dia chega finalmente. O cysticerquio penetra então com os tecidos do rato devorado no tubo gastrico do gato, e n'elle se estabelece sob a fórma definitiva e triumphante de verme solitario.

. · .

Este expediente, egualmente adoptado tanto pelo cysticerquio para vir a ser a tenia como pela monarchia para vir a ser a felicidade dos povos, não tem senão um ligeiro inconveniente: É bastante desagradavel para os ratos e para os reis.

Os nossos parabens á Hispanha monarchica, e os nossos sentimentos a sua magestade Affonso XII!

As camaras abriram-se.

Os srs. deputados ruraes, tostados pelo sol dos comicios bucolicos, cheirando ao feno dos

campos, ás teias de linho do bragal e ás maçãs camoezas, rijos de musculos pelas simples e solidas dietas reconstituintes, compenetrados de lombo de porco e de castanhas assadas, chegaram das suas circumscripções, com os patrios alforges pejados de requerimentos e de memoriaes. Morderam avidos e peccaminosos o fructo prohibido dos edens da baixa, cortaram o cabello, mandaram fazer camizas, compraram o chapeu da moda e abriram as suas assignaturas em S. Carlos e no Gremio.

Pobres moços simples e honestos, estaes engulidos por esta Babylonia burgueza e barata! O vosso destino agora é serdes digeridos. Acabou-se a iniciativa e a liberdade dos vossos actos individuaes: as vossas frias madrugadas no monte á caça das perdizes, a vossa intriga eleitoral com a junta de parochia, com o administrador e com o brazileiro, ao domingo, depois da missa conventual, sob as nogueiras do adro; as vossas leituras predilectas, os vossos livros, o vosso quarto, a vossa cana de pesca e o vosso arroz de familia!

Agora pertenceis ao grande ventre da capital. Impellidos pela acção digestiva da civilisação lisbonense, ides percorrer fatalmente, suc-

cessivamente, ininterrompidamente, todas as roscas de um systema intestinal, como se fosseis um verme parasita. Até que a diligencia da vossa aldeia despeje outra vez no ponto de que saistes aquelle que durante algum tempo foi um politico, um legislador e um estadista.

Vossas mães não vos reconhecerão, a tal ponto ireis magros, defecados e anemicos! Levareis uma dispepsia contrahida nos jantares de mesa redonda e nas ceias do Matta; levareis o vicio do cognac e do tabaco de fumo; levareis o *Diario das Camaras* com a prosa do sr. Barros e Cunha e do sr. Barros e Sá; levareis as cartas de namoro de uma menina hysterica, leitora dos versos do sr. Thomaz Ribeiro e do sr. Eduardo Vidal; levareis algumas contas de credores, alguns frascos de perfumaria, uma garrafa de xarope Lafecteur, uma caixa de Revalenta Arabica, menos dinheiro, menos cabello, menos sangue, mais corrupção, mais esterilidade de idéas, mais rebaixamento moral, e, envolvendo tudo isso, uma tristeza ôca, uma vaga saudade imbecil, um tédio nojento.

Terá a esse tempo acabado o sr. Fontes, que vos inventou. O novo ministerio nem sequer saberá que vós existis. O brazileiro, o adminis-

trador do concelho, o regedor da freguezia desprezar-vos-hão. Então reconhecereis, tarde de mais para que vos aproveite a lição, que perdestes a faculdade do estudo, os habitos recolhidos e perseverantes do trabalho; que a politica portugueza é uma intriga baixa, depritmente dos altos estimulos e das nobres ambições; que os seus laços liliputianos vos amarraram á velha atafona constitucional; que tendes para todo o sempre o vosso pé atado ao enorme trambolho a que está chumbado o vosso partido; que sobre uma asa do vosso espirito se sentou o sr. Carrilho, que sobre a outra asa se sentou o sr. marquez de Avila, e que suspenso do vosso pescoço pende para o chão com todo o peso do seu appellido o sr. conselheiro Arrobas.

. ˙ .

Para inaugurar a nova legislatura veiu do paço da Ajuda o soberano, em coche de gala, precedido dos seus archeiros, com os reaes pés constitucionalmente apertados no polimento novo das suas botas de generalissimo.

«Dignos pares e senhores deputados da na-

ção portugueza! Mais uma vez calcei as minhas botas altas e abotoei o meu grande uniforme para vir dizer-vos que continua a estar lá em casa o throno dos meus antepassados. Apraz-me fazer sciente ao paiz e ao mundo que esse inviolavel penhor da paz internacional e da prosperidade publica ainda hontem foi convenientemente espanado pelos officiaes e gentis-homens da minha real casa, e sobre o dito penhor me sentei eu hoje a ler a folhas e a digerir uma taça de chocolate e duas bôas brioches, com que ao erguer da cama castiguei o meu real corpo, inspirado pelo appetite que á divina Providencia approuve conceder-me. Em quanto ao governo, ahi está essa bemdita papeleta, que é a carta, da qual espero que os dignos pares e srs. deputados da nação continuem como até aqui a extrair o numero de pilherias sufficientes para divertir o povo. Com isto não enfado mais, e passo a fazer aquillo que por vós outros está talvez já feito ha muito: venho a dizer — que me safo. Dignos pares e senhores deputados da nação portugueza, está aberta a galhofa.»

«Senhor! A camara ouviu com profunda sen-

sação e illimitado jubilo o discurso que a corôa se dignou de lhe dirigir. A corôa póde, quando quizer, ir para casa descalçar-se, despir-se, pôr-se á fresca e continuar a ler as folhas sentada no penhor da paz internacional e das publicas liberdades. Praza á divina Providencia continuar a manter illeso o augusto appetite da corôa para as suas brioches matinaes e bem assim para o não somenos bife com batatas e para o mais que é preciso para a vida correlativa dos seres. Em quanto ao governo a camara espera continuar a haurir da letra da carta e do respectivo acto addiccional as facecias necessarias para manter o espirito publico no mais subido grau de satisfação e de alacridade. Deus guarde a preciosa vida de vossa magestade por longos e dilatados annos.»

. ˙ .

Aberto o parlamento, a attitude da camara electiva tem sido particularmente comica. A opposição deliberou unanimemente guardar um silencio imperturbavel e solemne,—como o dos peixes. A divisa de guerra inscripta na sua bandeira é esta: *Moita... e Peixismo!* pro-

gramma terrivel e perfido que o governo não póde debellar, nem mesmo arrojando á opposição o deputado da maioria mais feito para esta crise — *Moita... e Vasconcellos!*

Que é que se ha de fazer n'este singular congresso convertido pela opposição de parlamento em piscina? Que é que se ha de dizer quando ninguem quer fallar? Oh! nova e insondavel angustia nos annaes do parlamentarismo nacional!

O sr. presidente senta-se, com os seus secretarios um de cada lado. A camara está nos seus postos, cheia de compostura e de gravidade, com as barbas feitas. Os tachigraphos teem aparado as suas pennas mais velozes, teem-as molhado na sua tinta mais corredia, e, de punho suspenso sobre a pagina, com a manga de alpaca enfiada no braço, o collete desabotoado, o corpo curvo, esperam avidos e diligentes. O sr. presidente toca a campainha e diz: — *Está aberta a sessão*. O sr. presidente assôa-se, tosse, procura nas algibeiras, consulta os srs. secretarios em voz baixa. Na mesa trocam-se palavras imperceptiveis. Os srs. secretarios procuram tambem nas algibeiras. Um d'elles tira uma carteira, o outro tira o relogio, o sr. presidente

tira um lenço branco, que colloca sobre a mesa pondo-lhe em cima o antebraço. O sr. presidente enchuga os beiços ao lenço branco e torna a collocal-o sobre a mesa ao lado de um lapis. Alguns srs. deputados batem nas tampas das carteiras com os nós dos dedos e fazem gestos expressivos aos srs. continuos que apparecem. Os srs. deputados estendem a mão aberta parallelamente com o nariz e movem-a repetidamente, mettendo para dentro da bocca a ponta do dedo pollegar: os srs. continuos percebem esta mimica e voltam trazendo copos de agua. O sr. presidente vendo este movimento, crusa os braços no peito, recosta a cabeça para traz e espera. Os srs. deputados que beberam agua rocam uns com os outros palavras que se não ouvem na mesa dos tachigraphos e deitam as linguas de fóra. (Silencio). Os srs. deputados que beberam agua e deitaram as linguas de fóra tornam a metter as linguas para dentro. (Outro silencio).

O sr. presidente: Está em discussão o paragrapho n.º 6 do projecto de lei n.º 8. (Silencio profundo.)

O sr. presidente percorre com os olhos a assembléa tendo o braço erguido no ar e um la-

pis em punho. No meio do silencio geral ouve-se nos bancos da direita um rugido intestinal.

Uma voz debaixo dos bancos da esquerda: — A maioria rugiu!

Uma voz debaixo dos bancos da direita: — Fóra faccioso!

A primeira voz: — Peço ao sr. presidente que me dê o rugido para uma explicação pessoal.

Muitas vozes: — Peço o rugido! peço o rugido!

O sr. presidente, tocando a campainha: — Ordem, senhores! ordem! Eu não posso dar o rugido a todos ao mesmo tempo. Inscrevam-se, inscrevam-se! (Pausa). Tem o rugido o digno deputado sr. Barros and Cunha.

O sr. deputado Barros and Cunha (com amarga ironia e uma grande calva) sr. presidente, eu não rujo senão em inglez, no rujido de lord Byron e de John Stuart Mill. (Com uma grande sobrexcitação de amargura e de ironia). Se eu rugisse, o governo não me comprehenderia sem consultar os diccionarios! Sr. presidente, (cada vez mais amargo e mais calvo) eu desisto do rugido.

O sr. presidente: — Continua a estar em dis

cussão o paragrapho n.º 6 do projecto de lei n.º 8.

O deputado sr. Rocha Peixoto, cheio de barba e de ardor: —A rugidos... Digo: a votos! a votos!

O deputado sr. Tanas Lyrico —(Appoiado!)

O sr. presidente: —Está approvado o paragrapho n.º 6 do projecto de lei n.º 8. Como deu a hora, está levantada a sessão. A ordem do dia para ámanhã é a discussão do paragrapho n.º 7 do dito projecto n.º 8.

. ˙ .

E está-se n'isto ha dois mezes! A opposição abstem-se de discutir. A maioria pela sua parte não póde discutir sósinha, porque, se ella discute, separa-se; desde que ella se separe a opposição appoia um dos grupos divergentes, e o governo recebe um cheque.

Todas as probabilidades são de que se ficará assim até o fim da legislatura.

Os jovens deputados ruraes estão plethoricos de eloquencia. Elles vinham cheios de imagens, de narizes de cera cuidadosamente trabalhados, de tropos, de repentes, de ditos, de replicas, de

jocosidades, de apostrophes, de vehemencias. Estas coisas todas represadas no cerebro dão-lhes vertigens; teem-lhes rebentado espinhas carnaes e furunculos; sentem rugidos cavos e profundos nos ventres; e, á força de não poderem pedir a palavra, ha alguns que pedem magnezia.

. · .

Lembrava-nos uma coisa: Visto os srs. deputados haverem decidido não ser politicos, fazerem como os jornaes: tornarem-se noticiosos, litterarios, amenos, de recreio e de annuncios.

Em que se prejudicaria a opposição se o sr. presidente dissesse:

«Tem a palavra o deputado sr. Luiz de Campos para nos dizer em oitava rima de como Dolores, a andaluza, morreu da amores em Cordova por Pepito, o toureiro?»

Porque é que o deputado sr. Pinheiro Chagas não diz assim:

—Sr. presidente, capitulo quarto: O mysterioso guerreiro acabava de sentar-se junto da cruz de granito; em sua mente tumultuavam

pensamentos de guerra e de amor; elle tinha deposto a lança; ali por acaso, no meio d'aquella solidão, achava-se um bandolim... etc?

Porque se não nomeia uma commissão de noticias? O *sr. deputado relator da commissão de noticias:* —Sr. presidente! Fez hontem annos v. ex.ª. Os nossos parabens a v. ex.ª

—Desde que começou a sessão até á hora a que proferimos estas palavras tem tomado meio arratel de rapé o nosso collega sr. Namorado.

—Antes de hontem, na *soirée* da presidencia, o deputado sr. Thomaz Ribeiro recitou um inspirado discurso sobre administração colonial, ao piano. S. ex.ª foi *bisado.*

—Nasceu uma coisa na cabeça ao nosso illustre amigo o sr. Melicio. Desejamos o pronto allivio de s. ex.ª... etc.

Porque não ha de haver tambem uma commissão de annuncios?

O sr. deputado relator da commissão de annuncios: Sr. presidente! refiro-me á bem conhecida a doce *Revalascière Du Barry*. Ali está um que a não quer tomar (*apontando para o sr. Anselmo Braancamp*). Ali está outro que se

tem regalado com ella (*apontando para o sr. Antonio Rodrigues Sampaio*). Sr. presidente, nada mais tenho que accrescentar: v. ex.ª, a camara e o paiz decidirão.

—O illustre deputado e inspirado tribuno sr. Franco de Belem continua a ter á venda na sua pharmacia o terrivel xarope James, que s. ex.ª descobriu com o intuito de ser agradavel ás pessoas gulosas de peçonha que não teem meios para se fazerem morder pela cobra cascavel.

—Sr. presidente, ámanhã abre-se no *Retiro dos pacatos* um novo casco do bello torreano; segundo a politica rasgadamente progressista da grande maioria d'esta camara, o povo, sr. presidente, póde e deve beber mais; álerta pois, patriotas!

—Tribuna da presidencia, rosa branca no chapéo. Aquelle que na sessão passada vos fez olho emquanto esteve discursando ama-vos.

—A'manhã anda a roda.

.˙.

Sem as modificações indicadas, —no estado actual das coisas,—não sendo permittido senão discutir e não havendo coisa que se discuta, os senhores deputados que tinham feitos os seus

discursos e que necessitam de os collocar, inventam opportunidades engenhosas, por meio de expedientes similhantes ao d'aquelle sujeito que se achava no seu estado interessante de uma anedocta ácerca dos costumes americanos. — «Perdão! exclamava elle repentinamente, sentindo que ia dar á luz a anedocta, não ouviram agora mesmo cantar um peru?» — Ninguem tinha ouvido. — Ah! não ouviram? Pois bem: por este peru, que ninguem ouviu, me lembra uma bem interessante anedocta... Viajava eu n'elle, — no Peru, — e achava-me por acaso em Lima, quando um bello dia, seriam cerca de sete horas da manhã»... E assim dava o ser á narrativa.

. ˙ .

Foi exactamente o que succedeu, por exemplo, ao joven deputado sr. Manuel d'Assumpção. O que logicamente elle devia fazer era — ficar calado. Ninguem tinha ouvido cantar o peru. Todas as razões determinavam o silencio. Pois bem: seja a proposito d'isso mesmo! seja sobre a propria necessidade de ficar silencioso! E s. ex.ª começou assim:

— «Desejava permanecer largo espaço ainda em silencio.»

E em seguida para cohonestar de certo modo o uso da falla:

—«Pareceu-me porém que n'esta occasião competia...»

Aqui o terreno era resvaladio. O orador não pode esconder de si mesmo que o que verdadeiramente lhe parecia n'essa occasião era calar-se; e por isso accrescenta.

—«Mudei porém de tenção já depois de ter pedido a palavra; não desejo desviar a questão para mais largos debates!»

Vê-se pois, logo do exordio, que o discurso do sr. Assumpção se divide em tres partes.

Primeira parte: De como o orador resolve permanecer largo espaço em silencio.

Segunda parte: De como crueis duvidas assaltam o espirito do orador e lhe quer ás vezes parecer, posto que longe, mui longe, indistinctamente, como um vago canto hypothetico de peru, que lhe convirá talvez — quem sabe! — quebrar por um momento o silencio a que se refere a parte primeira.

Terceira parte e ultima: De como o orador reconhece que era uma fallaz chimera, uma enganadora illusão o canto do peru referido na parte segunda, e de como o que o orador deci-

didamente resolve é remetter-se ao silencio trazido á collecção na parte primeira.

. * .

O sr. Manuel d'Assumpção é geralmente tido pelo mais notavel orador da geração moderna. Todos os periodicos, tanto do ministerio como da opposição são concordes em lhe tecer os maiores elogios. Diz-se que s. ex.ª está destinado a preencher na tribuna portugueza o logar vago desde a morte de José Estevão. A critica nada mais tem que accrescentar aos elogios feitos: *stylo imaginoso e florido, voz clara, potente e sonora, presença a mais agradavel, gesto sobrio* inteiramente comedido segundo os principios da arte expostos pelo sr. padre Cardoso no seu compendio de eloquencia, n'aquella parte em que o mesmo sr. padre textualmente diz: *Não se eleve a mão acima dos olhos nem desça abaixo do peito. Parta o meneio do lado esquerdo para o direito, terminando este como quem repousa e não de golpe. A mão esquerda nunca gesticule só, amolde-se á direita.*

O sr. Assumpção é pois a voz mais auctorisada da camara. As suas palavras devem

considerar-se como a expressão mais genuina das idéas, dos principios e das aspirações da geração que s. ex.ª representa. É sob este ponto de vista que julgamos do nosso imprescriptivel dever passar a meditar alguns pontos do discurso por tantos titulos notavel de s. ex.ª

. ˙ .

Comecemos por attentar na delimitação dos campos. Vejamos qual o ponto mais culminante, o principio mais geral, em que se baseiam as divergencias de s. ex.ª perante a doutrina dos seus adversarios.

S. ex.ª principia por declarar *que é homem novo, que não tem conhecimento dos negocios publicos, que ignora as necessidades da nação.* Por tanto solicita *dos veteranos nas lides politicas* que o guiem, a fim de poder com os seus companheiros *chegar a salvo atravez das tempestades e dos escolhos d'este oceano revolto ao formosissimo porto em demanda do qual ha tanto tempo navegamos*. (Appoiados).

Depois do que, s. ex.ª immediatamente accrescenta:

Pois que? Não somos todos aqui obreiros do

progresso e defensores da justiça? (Appoiados).

(N'este ponto — digamol-o em parenthese — não comprehendemos bem os appoiados da camara. Se a camara appoia o principio de que *somos todos navegantes em demanda do porto formosissimo*, como é que ella appoia egualmente que somos ao mesmo tempo *obreiros do progresso e deffensores da justiça?*) O orador affirmava uma coisa e perguntava outra. Affirmava que andavamos no mar a navegar entre cachopos, e perguntava se não estavamos em S. Bento a trabalhar no templo do progresso e da justiça. Ora se a camara approvou que eramos effectivamente navegantes, logo que o orador perguntou se eramos obreiros o que a camara devia responder-lhe era: *Não! não! somos navegantes.* Porque,—concedido que a camara se considere tanto foca quanto expressão do suffragio popular, concedido que o sr. Assumpção seja tão eloquente quão amphibio,— nem o sr. Assumpção nem a camara podem ter a pretenção de se acharem — ao mesmo tempo — na terra e nas aguas.)

Todavia para que o sr. Assumpção—desconhecedor dos negocios, ignorante das necessidades da nação, bacharel formado em direito e homem

novo — acceite, como s. ex.ª vinha acima dizendo, os conselhos, a lição e os exemplos dos *veteranos*, é preciso saber-se uma coisa... E aqui é que bate o ponto, aqui é que se vão conhecer os homens... É preciso saber-se em que corações é que *com mais vehemencia pulsa pela patria o mais santo e puro amor*.

E' pela vehemencia da pulsação que o joven tribuno discrimina as opiniões e os principios. Importa-lhe pouco se o que cada um tem no cerebro é o amollecimento ou a idéa; o que o interessa é o estado do coração; o seu criterio politico é especialmente cardiaco; elle sente um occulto verme que o aferrôa e o punge, esse verme é o doutor Alvarenga, que elle deseja expellir e arrojar ao peito dos *veteranos* para que os ausculte.

Pela parte d'elle orador, ah! como o seu coração pulsa! ah! como elle orador ama!

«Não, exclama; vós não tendes pela patria, berço formosissimo de todos nós, affecto mais requintado do que este meu. Desde que creancinha balbuciei as primeiras palavras, afiz-me a querer-lhe com taes extremos que não concedo nem admitto possam ser excedidos. E, se trato de observar o que se está passando, observo

quanto differente é o meu e o vosso amor. Eu, quando vejo a patria em lagrimas, choro com ella porque padeço das suas magoas, soffro do seu soffrer; quando a contemplo em alegrias referve-me no peito um affecto tão puro e tão violento que só desejava exaltar-me com ella e levantar-me acima do espaço para ir prostrar-me junto do throno de Deus e bem dizel-o pelos beneficios que lhe concede.» (*Vozes*: Muito bem!)

Notavel quadro da infancia extraordinaria do illustre patriota! Estamol-o vendo d'aqui nos braços da sua ama, dando á patria os vagidos d'aquelle primeiro enthusiasmo roxo e convulso, resultados de um tremendo amor ou de uma tremenda colica, predestinação para chegar ao heroismo ou para tomar ruibarbo! Estamol-o vendo nos seus annos tenros, desmamado e profundo, luctando simultaneamente com os primeiros dentes, com as lombrigas, com o uzagre e com as aprehensões de uma invasão extrangeira no solo nacional.

Estamol-o vendo menino pasto de vermes e de enthusiasmo patriotico, gritando pelos hymnos da phylarmonica *Primeiro de Dezembro* e pelas pastilhas de Santonino!

O que não percebemos com egual nitidez é a

differença que s. ex.ª, depois de crescido, encontra entre o seu amor da patria e o amor da patria dos seus adversarios politicos. Parece, segundo s. ex.ª, que a patria póde estar a chorar quando nós andamos a rir-nos, ou que póde rir quando nós nos achamos a chorar. Se a patria póde achar-se em desaccordo com as nossas alegrias ou com as nossas penas, isto é, se a patria não somos nós mesmos, que entidade metaphysica é então a patria a que o sr. Assumpção se refere? Se a patria é pelo contrario a unidade geographica dos nossos interesses, dos nossos votos, dos nossos sentimentos, e se, como o sr. Assumpção assevera, nós estamos ligados por uma tão estreita solidariedade de principios, que rimos ou choramos oppostamente perante a mesma causa commum, qual d'essas fracções em que nos dividimos se deve considerar a patria para os effeitos da nossa adhesão e do nosso affecto?

Que o sr. Assumpção nol-o diga! Nós queremos, como s. ex.ª, ir á estação d'esse entroncamento ideal, queremos como s. ex.ª metter a nossa cabeça pelo *guichet*, e como s. ex.ª queremos gritar lá para dentro: *Expresso de recreio e de patriotismo para cima do espaço! Bi-*

lhete de ida e volta para o throno de Deus!

E d'esse dia em diante o sr. Assumpção não deixará mais de registrar no tomo das suas impressões de viagem ao Altissimo, ao lado da sua bagagem oratoria, a nossa modesta chapelleira!

. ˙ .

A idéa que o illustre orador tem do povo não é menos extraordinaria que a que s. ex.ª fórma da patria. Segundo o sr. Assumpção, o povo não são *as multidões anonymas que pediam em Jerusalem a crucificação de Jesus, nem as turbas fanaticas que seguiam o cavallo branco de Napoleão no dia seguinte ao do fuzilamento do duque de Enghien, nem os assassinos do arcebispo de Paris, nem os enthusiastas de Rochefort.*

Não, diz o sr. Assumpção que não foi o povo que fez isso! Foi talvez a nobreza. Foi uma commissão de viscondes que applaudiu os philosophos do Areopago, foi uma cavalhariça de duques que relinchou atraz do cavallo de Napoleão, foi o clero que fuzilou o arcebispo de Paris e que mandou accender pelos cabidos e pelas collegiadas os enthusiasmos a que deu origem o espirito de Rochefort!

O povo, pelo que diz o sr. Assumpção, *é o aldeão que não sabe ler nem se importa com o manejo dos negocios publicos; apparece-lhe o homem engravatado da sua freguezia, e diz-lhe: «Vae assignar aqui o seu nome.» «Para que?» pergunta o singelo aldeão. «Para não pagar tributos» responde-lhe o outro; e elle consente em tudo na fé do figurão lá da terra. É este o modo porque geralmente se fazem as representações.*

Os deputados sabiamos nós que eram os figurões de Lisboa que os mandavam fazer nas aldeias; as representações diz-nos o sr. Assumpção que são os figurões das aldeias que as mandam para Lisboa: de sorte que, perante os poderes publicos, vemos o povo n'esta curiosa condição: nem representa nem elege quem o represente!

Não ha mais invejavel felicidade. O povo está alliviado de tudo, absolutamente de tudo. Os poderes publicos encarregam-se por si mesmos de todos os serviços adjudicados ao povo, excepto unicamente de um, — que é pagar os tributos.

. ˙ .

Com tal patria e com tal povo é realmente

impossivel que não haja uma satisfação geral, e muito bem diz o sr. Assumpção quando entre os unanimes applausos do parlamento s. ex.ª exclama:

«Descontentamento, se o ha, está em plano tão inferior que não alcanço vel-o com os meus olhos!»

Pela nossa parte o unico desgosto que receamos no meio d'esta grande alegria é que o povo venha a aprender a ler e a escrever. Porque logo que elle saiba escrever o que sente e tenha lido o que se está passando, é muito natural que quando os poderes publicos lhe mandarem a lei de meios, elle responda na sua grossa lettra bastarda uma carta, — que será a verdadeira reforma da carta—, e que dirá o seguinte:

Senhores poderes publicos. — Cá recebi as vossas leis e os vossos discursos, e uma e outra coisa li pela primeira vez em minha vida. Eis a minha resposta, tirada da minha cabeça e escripta pela minha propria mão: Ide para o diabo que vos leve a todos! D'este vosso mandatario que nada mais vos manda — *Povo*.

Ventila-se nas regiões da arte esta importante questão: O que deve o governo fazer da sr.ª Emilia das Neves? A critica teve repentinamente esta idéa: é preciso que o governo faça alguma coisa da sr.ª Emilia das Neves.

N'este mez todos os folhetins, todas as revistas de theatro — varias d'ellas expressamente creadas para resolver este ponto — perguntam de todos os lados:

Que se ha de fazer da sr.ª Emilia das Neves?

. · .

A sr.ª Emilia das Neves é uma actriz que foi bella. Tinha a estatura elegante, o rosto de um lindo oval, os olhos magnificos, a bocca severamente fendida como a de uma estatua, lindissimos dentes, e a mais doce voz, a mais expressiva, a mais inergica, a mais insinuante, a mais extensa que se póde escutar. N'esse admiravel instrumento modulava a sr.ª Emilia das Neves as entonações mais tocantes, mais commoventes, mais profundas. Foram as inflexões da sua voz, juntas aos attractivos do seu physico juvenil, que produziram a admiração e o enthusiasmo de nossos paes pela *linda Emilia*.

Como actriz a sr.ª Emilia das Neves, é a coisa mais imperfeita, mais extraordinariamente incorrecta, mais profundamente absurda que se conhece.

A sua organisação anti-artistica tem sido constantemente rebelde aos mais elementares rudimentos da declamação.

Nunca, apezar da sua longa pratica da scena, pôde aprender a dividir um periodo e a dar ao sentido de cada phrase a inflexão que lhe corresponde.

O seu processo é todo de acaso. Imaginem, por exemplo, dois sacos. Dentro de um estão as palavras de Margarida Gautier, de Medéa ou de Joanna a doida; dentro do outro estão as inflexões da sr.ª Emilia das Neves: chocalhem-se os sacos como se estivessem dentro as bolas de um loto; tire-se de um saco a phrase e do outro saco a inflexão, metta-se a phrase do acaso dentro da inflexão da sorte, e teem o desempenho de um papel, tal como o comprehende a eximia atriz! Ouve-se, por exemplo, um grito estridente, lancinante, profundo, que se nos entalha no coração como um golpe de espada. Vae-se ver o que é. E' uma *cocotte* que agradece um copo de agua com assucar. Outra vez surpre-

hende-nos uma nota fresca, risonha, graciosa, matinal como uma perola de orvalho que cae n'uma rosa de musgo. Que é? E' o grito da suprema raiva de uma mulher a quem apunhalaram o filho.

Oh! nada como a sr.ª Emilia das Neves tão fina e graciosamente comico... sobre o cadaver de um filho! Nada tão dilacerantemente elegiaco... sobre o copo de agua com assucar!

. ˙ .

Parece-nos pois que o que se deve fazer da sr.ª Emilia das Neves é simplesmente deixal-a socegada na sua casa e na sua familia. Na arte ella não é mais do que um traço sem perspectiva e um som sem escala, uma nota e um ornato. N'estas condições, como linha optamos por uma copia em gesso da Venus de Milo; e como voz preferimos uma rebeca de Stradiwarius.

Um nosso amigo, mr. Ward, que ultimamente esteve no Tejo com a corveta *Franklin*,

um fino observador americano, natural de New York, educado em Paris, tendo feito mais de uma *seeson* em Londres e viajado por toda a America e pela Asia como official da marinha dos Estados Unidos, dizia-nos que nada o impressionára mais vivamente em Lisboa do que a *toilette* dos seus habitantes. Não que o vestuario obedeça geralmente aos mais gara ntidos modelos da alta moda; n ão que muitas senhoras não tenham — pelo córte exaggerado dos seus vestidos, pelos seus chapeus postos com demasiada intrepidez e pelas suas botinas á Mabille — um ligeiro ar de exhibição premeditada para impressionar a galeria; não que muitos homens não offereçam uma apparencia dura, esquerda, como de actores de provincia pouco familiarisados com o caracter dos personagens que representam; não que muitos mancebos elegantes não soffram o que quer que seja das objecções a que se presta o dandysmo especial do sargento aspirante. O que caracterisa o trage em Lisboa, o que n'elle feriu a attenção do nosso amigo, é a superior qualidade dos pannos, o seu aspecto novo e caro, o ar recemnascido dos chapeus altos, a intacta frescura de loja que teem as gravatas, parecendo que estão no pescoço á venda como nas *vitrines*.

Sobre isto uma particularidade notavel: toda a gente, homens e mulheres, vestidos pelos mesmos moldes, pelo mesmo gosto, e—o que é mais — pelo mesmo orçamento.

Entre as senhoras que vemos na rua quaes são as fidalgas de raça, quaes as mulheres dos burguezes ricos e dos donos de loja, quaes as filhas dos banqueiros, quaes as dos empregados a 600$000 réis por anno, quaes as peccadoras inclassificadas filhas de ninguem e esposas de todo o mundo? É extremamente difficil distinguir. Ellas discriminam-se apenas por uma quasi imperceptivel differença no andar, não na maneira de pôr o pé, mas na de o levantar do chão, o que complica com o movimento dos quadris, mais pela intenção do olhar, pelo geito do sorriso e principalmente pela expressão do nariz.

Algumas vezes estes caracteristicos contradizem-se. Uma mulher, por exemplo, de sorriso casto e sobrio, tem o andar suspeito e o olhar apagado: n'este empate é exclusivamente da expressão do nariz que é preciso arrancar-lhe a sua certidão moral. Ora entre dois mil homens haverá apenas um que distinga lucidamente as expressões do nariz. O que geralmente se ob-

serva no nariz é a fórma, o volume, a linha do perfil; a expressão está na curva da asa, n'esse pequeno vinco affectado pelo movimento de todos os musculos que determinam o jogo da physionomia.—Coisas longas de aprender e impossiveis de ensinar de repente a um estrangeiro que chega.

De resto, pelo geral aspecto exterior todas as senhoras são eguaes em Lisboa. As meninas teem todas na rua a mesma attitude. Os tacões excessivamente altos, dobram-lhes o corpo inclinando-lhes o tronco para diante e rebaixando-lhes os quadris. D'ahi a moda do *pouf*. Agora, extincto o *pouf*, as meninas para não andarem curvadas e para recolherem o defeito que o *pouf* exaggerava, fazem um esforço muscular que dá a todas absolutamente o mesmo ar: os joelhos muito salientes, a nuca fincada para traz, os hombros encolhidos e o mais que póde ser recuados, os cotovellos cerrados ao corpo. Trajam todas as mesmas modas, usam os mesmos estofos, fazem o mesmo numero de vestidos.

Os homens são egualmente unanimes de *toilette*. Quem é capaz de differençar na multidão de Lisboa os dandys, os ociosos ricos, os capi-

talistas, os amanuenses, os artistas, os caixeiros, os escriptores publicos?

Para se chegar a este apparente nivellamento economico de todas as condições sociaes, tão interessante para um *yankee*, haverá a riqueza geral? Não. O que ha é uma superstição unanyme — a superstição do dandysmo.

. · .

Esta superstição é, removido dos interiores de estufa para o ar livre das praças, o fructo da civilisação especial chamada por Philaréte Chasles, a civilisação *de boudoir*, que nasceu na Provença com as côrtes de amor, atravessou cheia de finura, de malicia e de elegancia os palacios dos principes na Italia, tornou-se pomposa e epica na Hispanha e foi acabar o seu primeiro periodo, o periodo nobre da sua existencia, nas ceias de Marly e d'Auteil, em França.

Depois d'isso principiou para a civilisação de *boudoir* o periodo de democratisação; e o que até o seculo passado se chamava ainda *a cavalleria* principiou a tomar os diversos nomes por que até hoje tem sido successivamente designado o *dandysmo*.

Extinctas as tradições da antiga nobreza feudal, principios novos começaram a reger a elegancia, o theor de vida, o espirito de conversação, o trage e as maneiras. O velho ideal da honra, do amor, da bravura foi-se pouco e pouco obliterando. O cavalleiro e o trovador primittivo modificaram-se successivamente até se chamarem o conde de Chesterfield, de que Richardson tirou o seu Lovelace, e lord Byron, que copiou de si mesmo, ao espelho, D. Juan, para virem a acabar definitivamente — porque se não póde descer mais na escala dos seres — no moderno *crevé* ou, como se está cantando n'um couplet celebre no boulevard: — no *petit bonhomme pas plus haut que ça !*

A litteratura peculiar d'esta civilisação seguiu a mesma evolução que trouxe o homem desde o paladino coberto de aço até o *estoiradinho* forrado de um *maillot* de seda. Deve-se-lhe o soneto, o dithyrambo, o madrigal, o elogio academico, o sermão florido, a *Dama das Camelias*, os romances de *cocotes*, o discurso parlamentar da presente legislatura, a poesia *Espinhos d'Alma*, e a secção noticiosa do *high-life*.

Os sentimentos e os costumes obedeceram aos mesmos impulsos que affectaram as creações

litterarias. Ao amor seguiu-se a galanteria, á galanteria a affectação, á affectação a frivolidade, á frivolidade o egoismo, ao egoismo a perversidade macia, o vicio delicado, correcto.

A altivez poderosa da nobreza feudal e das velhas aristocracias monarchicas produziam no povo os vicios grosseiros, mas davam tambem os rancores intransigentes dos burguezes, o espirito de lucta e de rivalidade, o fecundo amor de classe, elementos de que sairam as honradas dynastias dos negociantes e dos mercadores da Renascença e a rigidez democratica da Revolução. O burguez, mercador, negociante ou letrado, tinha então a sua personalidade distincta, fortemente acentuada, o seu typo especial, os seus usos domesticos, as suas tradições de familia, o seu trage, as suas modas, que não se confundiam nunca nem elle queria que se confundissem com os usos e os costumes, as tradições e as modas da nobreza de espadá. O povo pela sua parte accumulava na servidão o immenso odio que afogou no sangue de 93 as velhas instituições tyrannicas.

Abolido o poder aristocratico, cairam pouco e pouco os intrincheiramentos em que se fortificavam as classes subalternas. A distincção ca-

racteristica dos typos desappareceu. O modelo-senhor, o ideal-fidalgo, poz-se ao alcance de todos os imitadores sem estirpe, sem linhagem, sem a espada de herança, que os outros se habituavam a cingir de pequenos, sem as tradições de valor, que os outros aprendiam desde o berço a imitar, sem os retratos d'avós e sem as convivencias de familia, em cujas figuras os outros se habituavam logo na infancia a formar o gesto, a fazer a physionomia, a ganhar as maneiras e o ar.

Burguezes e plebeus começaram então a imitar, até o ponto de se confundirem com elles, os typos cada vez mais degenerados dos antigos senhores de corte e de guerra. Os verdadeiros fidalgos, pela sua parte, sem o prestigio que lhes dava a protecção do cezarismo antigo, sem privilegios, sem foros, sem o novo poder que vem da sciencia e do dinheiro, tristes, desalentados, acanalhavam-se progressivamente, facilitando a immergencia das classes novas.

Na burguezia, como cada mancebo queria mostrar-se mais brilhante e mais luzido que seu pae, como cada menina se presumia com mais aristocratico ar que sua avó, a estima e o respeito de familia dissolveram-se. Os bachareis

filhos de sapateiros esqueceram-se da casa paterna. As jovens viscondessas, filhas de antigas bacalhoeiras enriquecidas, tendo esposado titulares arruinados, obrigavam as mamãs a ir morrer de tedio para sitios longinquos onde o cheiro do seu antigo commercio não nauseasse a gente limpa.

Como no seio de uma sociedade moralmente constituida por este modo faltava um pouco a comprehensão da dignidade e o sentimento do dever, para substituir essas coisas perante o respeito e perante a consideração imaginou-se a ostentação e o fausto como medida geral, e, não havendo o ar, inventou-se a moda; não havendo a elegancia, creou-se o *chic*. E assim foi que nasceu o dandysmo contemporanéo.

. ˙ .

A fascinação exercida por esse novo poder social é de tal modo profunda que merece ser assignalada. O dandysmo é o *in eo vivimus et sumus* do tempo moderno. É pelo dandysmo-apparencia que havemos de ser vistos, é pelo dandysmo-conversação que havemos de ser ouvidos, é pelo dandysmo-arte que havemos

de ser lidos nos livros e olhados nos quadros, é pelo dandysmo-codigo que havemos de ser processados, approvados ou excluidos no tribunal da opinião.

O dandysmo tem penetrado em toda a parte como a intima essencia da vida moderna. Tudo lhe está subordinado. Não é só o trage. É a casa, a mobilia, a hora de comer e de dormir, o numero e o sexo dos criados, os usos domesticos, a fórma do travesseiro e a do *prie-dieu*, o penteado da nossa mãe, a religião da nossa mulher, a educação dos nossos filhos, as nossas convivencias, as nossas antipathias ou as nossas predilecções, os nossos prazeres e o nosso trabalho.

Escolhei o salão de Lisboa em que se reunam as pessoas mais dignas, mais intelligentes e mais sensatas, e apresentae ahi pela primeira vez um homem desconhecido das pessoas que o vão receber. Fazei previamente o retrato moral d'esse homem. Seja a mais esclarecida intelligencia e o mais honrado caracter, uma natureza privilegiada, energica e amante, dedicada e forte — o ideal perfeito do homem. Que em seguida appareça a *rara avis*, e que tenha joelheiras nas calças e um fraque antigo de panno

preto rapado pelo uso, com reflexos brancos nas costuras, enfollado nos hombros e com mangas até os nós dos dedos! Bastará esse fraque e essas calças para que a presença do desgraçado manche como uma nodoa o logar que occupa no tapete, e será um bom negocio infallivel para elle apostar uma casaca á moda e umas calças novas que d'entre cem meninas nem uma só lhe dará um sorriso benevolo e um aperto de mão affectuoso, se elle se atrever — o que não é crivel — a sustentar por um momento o confronto do seu aspecto com o dos homens á moda, penteados á Rabagas e vestidos por Pool, que conversam com as senhoras sentados defronte d'ellas, dobrados para diante, tendo os cotovellos nos joelhos e pegando-lhe familiarmente nas mãos para examinarem um annel ou para darem o seu voto ácerca de uma particularidade interessante na *toilette* das unhas.

Esses bellos senhores, de apparencia tão nitida, tão grave, tão fresca, tão perfumada, teem talvez defeitos que revoltariam a nobre alma do das joelheiras; são, por exemplo, pusilanimes, poltrões, covardes, grosseiros, mentem de quando em quando, calumniam uma vez ou outra, e o contacto d'elles emmurchece e queima a fina

flôr da candura na consciencia das pobres meninas exaltadas que os admiram. Não importa. Muitas senhoras sabem tudo isto, e não obstante — em particular não, mas em publico — todas ellas transigirão mais facilmente com uma infamiasita elegante do que com umas joelheiras ordinarias e ridiculas.

Supponhamos ainda que o vosso apresentado se senta á mesa do jantar, e que parte o pão com a faca, que faz o mesmo ao peixe, que confessa nunca ter provado os vinhos do Rheno, que não gosta de espargos, que deita gelo no Bordeus, que o não distingue do Borgonha, que separa as trufas do peito da codorniz e as deixa ficar na borda do prato... Oh! então elle, que primeiro fôra apenas despresado, torna-se odioso e repulsivo. As senhoras a quem fôra apresentado voltarão a cara quando o encontrarem na rua, os homens não lhe tirarão o chapeu; e o conceito em que o terá toda a gente será o de uma nullidade indecente.

. ˙ .

Para penetrar, para fazer caminho, para chegar a *ser alguma coisa*, não ha outro remedio:

é preciso ter a pratica da elegancia, ter os habitos do luxo, gostar do que é bom, ter bebido Johansberg com pasteis de truta e com filetes de salmão, ter tido as enxaquecas do Champagne, as irritações das trufas, o refrigerio dos espargos, as convalescenças de simples gallinhola com vinho de Bourgogne. É preciso ainda conhecer: os estofos e os tecidos da moda, as tapeçarias de Gobelins, os setins de Lyon, as rendas de Bruxellas; as mobilias e as suas respectivas epocas, o stylo Luiz XIII, o stylo renascença, o stylo rococo; as armas; os vidros de Veneza e da Bohemia; o antigo e o moderno Sevres, o antigo e o moderno Saxe, a faiança Palissy, os *biscuits* de Weidjoold; os esmaltes de Limoges; os nomes por que se distinguem os diversos generos de carroagens e as diversas maneiras porque se atrellam as parelhas; as principaes raças de cavallos e de cães de caça; os primeiros fornecedores da *toilette* e da perfumaria; a sciencia de dictar um *menu* e a arte de governar um *cotillon*.

Estas diversas noções constituem o curso do dandysmo, que habilita muito mais do que qualquer curso universitario. O dandysmo abre o caminho das collocações mais rendosas: a di-

plomacia, as empresas de credito, as direcções de caminhos de ferro, as agencias financiaes. Diante de um perfeito dandy sólidamente garantido, — com mais de quarenta annos de edade, com cabellos brancos, com uma irreprehensivel *toilette*, com um coupé de Blinder, um *valet de chambre* francez, meia duzia de altas relações em Paris e em Londres, — os governos portuguezes sentem uma vaga sensação de respeito e de timidez, a imprensa inclina-se, as mulheres estremecem. É uma especie de realesa com os seus aulicos, os seus servidores, as suas damas de honor e os seus bobos. Não tem o criterio scientifico nem o talento pratico, não sabe manejar nem as idéas nem os homens nem os negocios. É a nullidade enthronisada pelo dandysmo. Não governa, mas reina, e é para elle que o povo, não querendo chamar-lhe reinante, inventou a palavra *reinadio!*

. ˙ .

O que na sociedade portugueza torna os homens differentes não é o nascimento, nem a intelligencia, nem o caracter, é o dandysmo. O dandysmo tem a sua aristocracia, a sua classe media e o seu povo. A egualdade social desap-

parece diante do predominio que cada uma d'essas classes exerce sobre a classe inferior por via da *toilette* e do theor da vida elegante.

A distancia que separava o antigo servo do senhor feudal não é mais profunda que a que separa hoje o gaiatito de pés nus, roto e immundo, que apregôa jornaes no Chiado, e o menino da mesma edade, que passa calçado em meias de seda e botinas envernisadas, com knickerbokar de veludo e chapeu tyrolez carregado no ôlho. Entre este pequeno personagem, aristocraticamente loiro, creado com dôces e agua morna, lymphatico, de olhos doentes e mãosinhas brancas, molles e suadas, e esse outro ser denegrido, de cabello intonso e aspero, de pés ossudos e descarnados como os de um velho, com a pelle mordida pela *vermine* e pela sarna, e cartonado em lama, ha um insondavel abysmo, que a legislação não enche, ha uma barreira insupperavel, que a democracia não transpõe. Esse menino bonito e bem trajado ha de toda a sua vida dominar, mandar, tratar por tu o pequenito roto, o qual nem sequer se lembra de lhe ter inveja, a tal ponto o considera um ente superior mais proximo dos anjos que dos gaiatos!

Isto não é uma fatalidade social, porque em New-York, por exemplo, não ha creança nenhuma nas condições dos pequenos pobres de Lisboa. Em New-York toda a creança empregada nas pequenas industrias como a venda dos phosphoros, dos jornaes, etc., tem um albergue onde uma grande sociedade de beneficencia lhe ministra uma ceia, a cama e o almoço por um preço minimo, que a creança satisfaz quando quer e quando póde, segundo o estado da sua bolsa e do seu negocio. N'estas casas sabiamente instituidas e governadas de um modo que faz a gloria de New-York, o pequeno que vae pedir uma cama para passar a noite começa por ser introduzido n'um confortavel quarto de banho onde encontra agua quente, sabão, esponja, pentes, escovas, o necessario para lhe dar a consolação hygienica do aceio, antes de comer e de se ir deitar em uma cama tão fresca e tão aceada como a de um *gentleman*. De sorte que o rapaz da rua, ao voltar pela manhã ás suas occupações ordinarias, não se considera inteiramente como um bicho asqueroso que saiu do interior de um buraco immundo. Além d'isso as senhoras de New-York consideram como a ostentação mais brilhante do alto luxo e do fino gosto

as festas sumptuosas dadas em honra dos pequenos pobres. Assim os rapazes da rua são frequentemente convidados em turmas ou em massa a irem passar um ou mais dias nos palacios e nos jardins das pessoas mais ricas do mundo.

Por occasião d'essas festas visitam os aposentos mais elegantes e mais luxuosos, comem os mais finos jantares, provam os vinhos delicados, são servidos por creados de librés recamadas de ouro, vêem os museus, os quadros, as bibliothecas. Outras vezes proporcionam-lhes pequenas viagens e digressões de recreio, por mar ou em caminho de ferro; mostram-lhes os portos e as cidades mais notaveis, fazem-os visitar os monumentos, os theatros, as fabricas, as officinas, os estabelecimentos celebres. O rapazinho da rua desenvolve por esse modo os elementos da instrucção que recebeu na escola; aprende muitas coisas, provê-se de observações, de factos, de idéas; familiarisa-se com as pessoas mais educadas e aspira a imital-as, aperfeiçoando-se pelo estudo, pela morigeração, pela economia e pelo trabalho. E quando encontra no seu caminho um menino burguez vestido de veludo, o gaiato de New-York não o considera

como um ente á parte da infancia a que elle pertence — como um anjo de altar ou um cão de regaço; considera-o como um egual, e, sob o ponto de vista do dandysmo, o gaiato roto e de pés nús acha-se superior porque, no fim de contas, tem melhores relações, tem sido convidado para mais palacios, tem entrado em mais brilhantes salões, tem viajado mais, tem tido mais banquetes e mais festas, e se a mamã do menino de veludo quizer noticias do *high-life*, elle, pé-descalso, pode informal-a.

. ˙ .

Em Portugal o ingresso no mundo elegante está longe de ser assim gratuito para os pobres, como a instrucção obrigatoria. Custa caro ser ou fingir que se é recebido. É preciso ter certas noções do que se passa para poder conversar, estar ao facto, ter um logar na opera, vêr as peças novas nos outros theatros, pagar um coupé nas noites de lama, ter uma provisão de meias de seda, de bons charutos; de luvas côr de perola, de sapatos de baile, e para não parecer um parasita, um *japonez* como agora se diz, é ainda preciso convidar tambem de quando em quando,

ainda que não seja senão para o restaurante, para um almoço de rapazes ou para uma pequena ceia com Champagne, com um ramilhete e umas luvas de mulher sobre a toalha.

— Oh! perguntar-me-hão, mas quem é que não póde, com uma certa ordem, com alguma economia, fazer face em Lisboa a esses pequenos gastos de rapaz?

Esses pequenos gastos, leitor amigo, são em Lisboa as enormes despezas.

Uma senhora nossa amiga, fallando-nos o outro dia da miseria, explicava-a pela falta de gosto nas classes baixas. «Faz-me tristeza o pouco tino com que vejo arranjadas as casas pobres. Era tão facil tornal-as bonitas e agradaveis, sem despeza nenhuma! Que lindos interiores pobrissimos se não podem organisar, com papel de tostão a peça, com cortinados de chita, uma pequena mobilia de pinho, envernisada sobre a propria côr da madeira, com simples filetes azues, e um vaso das Caldas com um ramo de rosas e de lilazes!»

Em França havia tambem uma princeza que dava este remedio aos que se lhe queixavam de não ter pão para comer: Que comam brioches!»

. · .

Queres saber, leitor, o que custam os pequenos gastos da vida elegante? qual é o orçamento do dandysmo? Lê os periodicos dos ultimos dois mezes. Nenhuma nova industria se creou, nenhuma importante fonte de trabalho e de riqueza se tratou de explorar. Não se agricultaram mais campos nem se abriram mais officinas. No entanto que immensa exploração do dinheiro pelo dinheiro! Do dinheiro d'uns pelo dinheiro dos outros! Para que uma quinta parte dos exploradores enriqueça é preciso que os quatro quintos restantes se arruinem. É um jogo desenfreado com proporções enormes.

As emprezas bancarias surgem de toda a parte com um caracter epidemico, aterrador. São o banco de Bragança, o banco do Alemtejo, o de Guimarães, o de Chaves, o de Villa Nova de Gaia, o banco Nacional, o Portuguez, o do Commercio e Industria, etc., etc. Só em Lisboa, no espaço dos ultimos oito dias, fundaram-se quatro bancos e projectaram-se seis.

Além d'isso ha o jogo de fundos. Em Lisboa abriu-se a *Bolsa da noite*, uma casa com o aspecto de um *tripot*, marcada com uma lanterna,

na rua do Almada. No Porto, além da Bolsa da praça, ha a *Bolsa official*, o *Bolsim official*, a *Bolsa central* e a *Bolsa da tarde*.

Não ha negociante ou capitalista que não tenha jogado á *baixa* ou á *alta* dos fundos hispanhoes. Nomeiam-se confidencialmente os jogadores insoluveis, os corretores compromettidos, os banqueiros arruinados. Os periodicos referem ainda a fuga de differentes empregados que desviaram os fundos que lhes estavam confiados.

Todos esses phenomenos teem uma origem commum: o amor da ostentação e o desdem do trabalho.

Uma ambição fanatica, sem energia para as fortes resistencias e para as grandes luctas, appellando na sua inercia para o milagre economico: tal é a nossa attitude social.

A par d'isto um unico exemplo de desinteresse: o sr. Alexandre Herculano e o sr. conde do Casal Ribeiro escrevem — de graça — cartas platonicas ácerca da *agricultura* e dirigem essas cartas ao sr. Carlos Bento, o qual as recebe — — egualmente de graça.

* * *

Tendo-se geralmente um rendimento inferior

á despeza, quando as especulações abortam appella-se para os supprimentos eventuaes, para a loteria, para os recursos do credito; conta-se com a promessa de um emprego, com a morte de um tio; contráem-se emprestimos, assignam-se letras de cambio ou obrigações de fiel depositario para garantir a restituição em prazo dado do dinheiro levantado no agiota. Estas transacções repetem-se e complicam-se. Antigas contas de fornecedores esquecidos apparecem. Inventam-se as evasivas, as desculpas, os subterfugios, os promettimentos. Tornam-se vedados certos sitios habitados por credores exigentes. Os prasos fataes de uma liquidação irremediavel aproximam-se. Compram-se successivos bilhetes da loteria que sáem brancos. Vae chegar finalmente a penhora, a prisão. Ha um supremo expediente para que appellar: o soccorro de um velho amigo, de um parente rico. Esse expediente falha. Os parentes desculpam-se, os amigos esquivam-se. É a semana fatal de que falla Balzac. Tenta-se um derradeiro esforço ao jogo, e perde-se na roleta a ultima libra. Occorre então a idéa do suicidio, mas geralmente prefere-se a embriaguez. Perde-se então, como dizia Juvenal, o respeito á pobreza. No mez seguinte,

quando se não está na cadeia ou no hospital, está-se na crapula e na miseria, sem roupa branca, sem banho, abotoado n'uma sobrecasaca cheia de nodoas, com os dedos enegrecidos do cigarro, o cabello immundo empastado do suor da batota e da poeira do macadam, as botas rotas, os dentes sujos, e o espirito conformado á repulsão e ao despreso.

. ˙ .

Nas mulheres a preoccupação do dandysmo compromette apenas o criterio, o senso moral, os principios da educação.

Em Lisboa, nas altas classes, as meninas são em geral mais instruidas do que os homens. Sabem musica, sabem as linguas, fallam o inglez, o francez, o italiano, escrevem adoravelmente, no mais bello cursivo inglez, com uma grande propriedade de locução e com os mais finos toques de stylo. Teem incomparavelmente mais graça, mais agudeza, mais alegria, mais scintillação e mais espirito do que nós. Infelizmente porém, como ellas são educadas em vista mais do exito e do applauso na sociedade do que do logar que teem de occupar na familia e na casa, faltam-lhes conhecimentos praticos, noções positivas e

claras, principios solidos que sejam a base do seu caracter e o ponto de partida do seu criterio. Os conhecimentos litterarios que recebem, aliás imperfeitos e superficiaes, não constituem para ellas uma habilitação domestica, uma utilidade na familia. Na edade média as senhoras da nobresa eram muitas vezes as leitoras, as secretárias de seus maridos: era com esse fim que tinham uma esmerada educação litteraria, sabiam o latim, conheciam os antigos poetas e os moralistas, estudavam em livros traduzidos do arabe os elementos da physiologia e da mateorologia. Taes foram os estudos seguidos pelas condessas de Champagne, pela mãe de Godofredo de Bulhões e por Heloisa, a amante de Abeilard. As mulheres romanas, educadas por escravos instruidos e lettrados, recebiam as mesmas lições que os homens, estudavam nos mesmos livros. As raparigas pobres iam ás escolas publicas no Forum, junctamente com os rapazes, como actualmente na America. A meiguice, as sensibilidades, as morbidas ternuras eram attributos, exclusivos da cortezã. As mulheres de Plauto nunca são contemplativas, nem scismadoras, nem timidas, teem o ar reflectido e deliberado, e as palavras firmes e viris. Em

França as mulheres celebres pela sua influencia de salão no gosto, na arte e nos negocios publicos, eram superiormente instruidas. Os biographos de Madame de Sévigné attribuem as suas exemplares qualidades de esposa e de mãe, a sua rigida e inviolavel dignidade de mulher no meio das seducções que a cercaram, á immensa elevação do seu espirito, á sua vastissima erudição, aos seus constantes e profundos estudos.

A missão das mulheres modernas é muito complexa. A vida democratica das sociedades actuaes exige da esposa os conhecimentos mais praticos. É preciso que possua todas as noções da economia domestica, que saiba escripturar as suas despezas, dirigir os seus creados, alimentar a sua familia, educar a infancia dos seus filhos. É preciso além d'isso que tenha a cultura indispensavel para se poder entreter a si mesma, para exercer a actividade intellectual, para se não aborrecer quando estiver sosinha, para poder acompanhar o seu marido para qualquer parte do mundo e estar habilitada para reorganisar, em qualquer sitio que seja, um forte centro moral de que o seu espirito deve ser o phoco. Precisa de ter aptidões especiaes, precisa de ter conhecimentos e idéas.

Ora a educação geral, inspirada pelo dandysmo, dá instrumentos para adquirir as idéas, ou para as transmittir, como são o conhecimento das linguas e a facilidade da redacção e da escripta, mas não dá as idéas, as quaes deviam pelo contrario constituir a base fundamental da educação feminina.

De que serve a uma mulher na convivencia de seu marido ou na dos seus filhos a faculdade secundaria de poder exprimir em quatro ou cinco linguas differentes o enredo de cem ou duzentos romances, que são todo o fundo da sua riqueza mental? Como ha de ella, com esses unicos recursos intellectuaes, actuar sobre o mais simples incidente da sua vida domestica?

Imagine-se, por exemplo, uma noiva no primeiro semestre do casamento, em plena florescencia conjugal. Ella e seu marido adoram-se. Teem um delicioso interior de casa, fresco e delicado como um estojo do mimo. Jantam em *tete-à-tete*, sob o abat-jour de um candieiro de aço, em pratos de Sevres, n'uma salinha quadrada com tapete de fundo alvadio estrellado de botões de rosas. Ella tem todo o encanto da toilette, as mangas de setim justas, côr de perola, para cima das quaes se voltam os punhos bran-

cos; as mãos finas, esguias, pallidas, com unhas côr de rosa; um ramo de violetas no peito, mettido no vertice de um angulo de *tulle;* a madeixasinha da provocação, fôfa, secca, perfumada, caida na testa.

Ha porém uma pequenina nota que desafina d'esse concerto elegante: — a sopa não sabe bem, tem um segundo gosto de caçarola suja, e o aspecto da mais graciosa mulher do mundo não póde obstar-nos a que pensemos no esfregão e na agua morna engordurada da lavagem dos pratos. Admoesta-se o cosinheiro, mas o terrivel phenomeno persiste, contamina-se mesmo a outros pratos. Substitue-se a bateria da cosinha por uma bateria nova, mas a tremenda calamidade volta. O jantar enjôa. Ao cabo de dois mezes de insistencia n'este regime, não é só o jantar que se torna enjoativo, é a casa, o ramilhete das flores que está no centro da mesa, o guardanapo, o copo, a pessoa que está defronte de nós, o seu ar, a sua *toilette*, a sua physionomia. Sobre todas essas coisas se dilue a influencia fatal de uma caçarola que persiste em pôr mau gosto. A esposa procura distrahir a attenção do esposo de cima d'este incidente vil. Manda-lhe um beijo nas pontas mimosas dos seus dedos,

diz-lhe palavras ternas: «Augusto, como eu te amo!» Mas elle contempla os beiços que articulam essas doçuras e ajuiza baixinho que elles devem saber como os d'elle á caçarola pertinaz, insistente n'um cheiro que não é bom com uma paixão egual á que se póde pôr n'um amor que não é legitimo.

Ora quando uma caçarola chega a tomar esta resolução desesperada, é inutil laval-a, esfregal-a, lustral-a, escalda-la, fervel-a: o gosto que ella communica é cada vez peor. Ha um meio unico de obrigar a caçarola a transigir.

Sabem as meninas bem educadas em Lisboa qual é esse meio? Não sabem. Querem que nós lh'o digamos? Tambem não querem.

Pois fazem mal! A nossa existencia está essencialmente ligada á caçarola. A caçarola é o principio fundamental da vida pratica. É da caçarola que depende a saude, o trabalho, a alegria, o talento e até o amor.

A simples falta de nitidez no fundo de um tacho basta com a sua acção lenta e occulta para dissolver a familia pelo tedio e pelo desprezo.

A vida solta de muitos maridos, o seu despêgo da casa conjugal, os seus habitos de café, as suas relações illicitas são frequentemente

os resultados acumulados d'este simples facto domestico—a caçarola com mau cheiro.

Sim, minhas bellas senhoras, saber tirar o cheiro a uma caçarola é tão importante coisa para a felicidade de uma mulher, para a dignidade da sua casa, para a estima e para o respeito da sua pessoa, que nós, no fim de contas, não podemos deixar de dizer como isso se faz, mesmo áquellas que menos quizerem sabel-o!

É muito simples: Pega-se na caçarola, mette-se-lhe dentro um carvão acceso, e tapa-se hermeticamente. A brasa, apagando-se, absorve os gazes contidos na vasilha, e esta fica inodora.

Estamos ouvindo d'aqui as finas ironias, os agudos epigrammas, as frescas risadas cheias de desdem e de perolas com que nos hão de pagar a posse d'esta preciosa noção chamando-nos bicho de cosinha, descobridor do segredo de limpar panellas!

Oh! mas como nós riremos tambem! Porque é exactamente a isso que queriamos chegar: a vel-as escarnecer, como sendo uma coisa desprezivel e abjecta, um facto prefeitamente scientifico que muitas cosinheiras ignoram, mas que todas as senhoras da aristocracia ingleza apren-

dem em pequenas, quando estudam as propriedades dos corpos, na chimica elementar!

. . .

Merimée nas suas *Cartas a uma desconhecida* escreve as seguintes linhas memoraveis: «Estive n'um baile dado por um dos meus amigos a todas as comparsas da Opera. Vi e estudei de perto essas mulheres: ha apenas um vicio que as distingue das senhoras da melhor sociedade. Esse vicio é a pobreza.»

Que se conclue d'estas palavras terriveis? Que as senhoras da sociedade conhecidas de Merimée tinham sido educadas—como as comparsas da Opera.

Ao tempo porém a que Merimée escrevia estas linhas achava-se talvez em Paris lady Morgan, acerca de cuja instrucção e de cujo espirito bastará dizer-se que os seus livros de critica d'arte são geralmente considerados como superiores aos de Taine. Lady Morgan vestia com tão original e fina elegancia as *toilettes* de *soirée*, que de uma vez, em um salão, algumas senhoras parisienses ousaram perguntar-lhe quem era o seu costureiro. Soube-se então que os vestidos de lady Morgan eram feitos por ella.

Assim se explicava o extraordinario bom senso, o profundo criterio philosophico dos seus livros. Que admirava sahir a obra perfeita, quando o auctor era a mulher completa!

Ora eis ahi uma senhora que Merimée não confundiria com uma comparsa.

Em Portugal não sabemos qual é o vicio que destingue as mulheres das differentes gerarchias sociaes. O vicio que as confunde esse sabemos que é o dandysmo.

Applicado á educação das mulheres, o dandysmo, como vimos já, dá instrumentos mas não dá ideias. As ideias não se tiram das lingoas, nem da musica, nem dos romances. As ideias criam-se no conhecimento do mundo physico e do mundo moral, nos estudos da natureza e da sociedade, na physica, na chimica, na botanica, na geologia, na physiologia e na historia. As ideias criam-se principalmente no isolamento do nosso espirito deante dos problemas da vida pratica.

Encarregae uma senhora intelligente de ensinar a instrucção primaria ao seu filho ou ao seu irmão, incumbi-lhe a complicada direcção de uma cosinha, interessae-a na exploração horticola de um jardim, na piscicultura de um lago,

na classificação dos insectos e das vegetações de um parque, dae um emprego util, pratico, sensato, superior, ao exercicio das suas faculdades, e essa mulher adquirirá dentro de um só anno mais principios solidos mais ideias profundas do que as que poderá grangear durante a sua vida inteira passada a receber em casa lições de piano e a correr na rua as lojas de modas.

. · .

Meninas que não teem ideias aggravam esta falta pretendendo ter ideal.

Que ideal, santo Deus!

Ellas imaginam possuir um ideal na musica, na poesia, na pintura, na arte. Pobres meninas, como se enganam! A arte é uma interpretação da natureza feita, como diz Proudhon, em vista do nosso aperfeiçoamento intellectual e moral. Como ha de, pois, entender a arte quem desconhece absolutamente os interesses do mundo moral e os segredos da natureza physica?

Cuidam ter um ideal domestico, suppõem poder crear sob a realisação do seu desejo um perfeito interior de casa. Como?

Na parte material ignoram as artes do dese-

nho e do ornato, de que procedem as leis da harmonia nas fórmas e nas côres.

Na parte economica não sabem contabilidade nem escripturação. São absolutamente inaptas para fazer um orçamento, para dar um balanço, para organisar o trabalho essencial de uma simples conta geral de receita e despesa.

Na parte hygienica ignoram tudo: a questão do ar, a questão do banho, a questão dos alimentos. Não poderiam precisar as condições em que deve achar-se um quarto de dormir. Não estão habilitadas para determinar qual deve ser a temperatura da agua com relação ao modo como tem de operar um banho, e pensam geralmente que a agua fria constipa quem tem calor.

Dos problemas da cosinha são ordinariamente tão ignorantes como se fossem cosinheiras. Não sabem qual é chimicamente a differença que existe entre um prato de legumes e uma fatia de roast-beef. Não sabem qual é a relação physiologica entre a alimentação e o temperamento. Não podem de modo algum ordenar e regular technicamente um jantar, porque não sabem como é que opera no organismo de quem o come a acção de cada uma das substancias de que elle se compõe. De resto, nunca lhes passou pela

mente que o homem com quem se casarem possua um tubo gastrico, nem comprehendem em que parte do seu corpo elle esconderá o figado, se o tiver!

Estão egualmente convencidas de que comprehendem o ideal no homem. Mostrae-lhes tres ou quatro entes vivos da nossa especie e dizei-lhes que escolham entre elles o que mais se aproxime do seu typo ideal: d'entre cincoenta meninas de dezoito annos, quarenta e nove escolherão exactamente o mais tolo, o mais ridiculo, o mais feio! Porque? Porque o julgam pelo mais falso criterio: pela convenção litteraria dos romances, e pela gravura de modas.

⁂

Da falta de ideias produzida nas meninas pela preocupação do dandysmo não resulta sómente o ignorarem o mundo externo, resulta ignorarem-se a si mesmas!

Perdem a personalidade. Não teem propriamente uma existencia. Não vivem de si. O que fazem no mundo é apenas representar um papel. Falta-lhes a poderosa concentração moral, subjectiva, psychologica. De sorte que os homens instinctivamente não as tomam a serio, não lhes

confiam os seus segredos, não lhes fallam nunca das coisas graves e serias da vida, em que se tempera o caracter, em que se eleva a intelligencia, em que se fórma o senso moral. Não trocam nunca com ellas pensamentos, observações, ideias. Dizem-lhes novidades, contam-lhes pequeninos escandalos, tecem-lhes lisonjas, e, se as veem muito frequentemente, como não teem mais nada que lhes dizer — namoram-as.

Taine diz que é impossivel com as meninas inglezas, mesmo ao homem mais vaidoso, tratal-as de outro modo que não seja como irmãs. E isto porquê? Porque ellas não pensam na toilette, nem na belleza. Vivem de si. Não teem papel que representar. São plenamente sinceras nas suas opiniões e nos seus actos. Querem principalmente instruir-se, aprender, tornar-se uteis. Nos museus e nas galerias de quadros vê-se frequentemente as meninas mais graciosas e mais bellas tirarem das competentes caixas os seus oculos, e collocarem-os como velhos advogados que vão lêr e estudar um processo. Teem uma infatigavel actividade de espirito. Passam seis mezes do anno em uma casa de campo sem nunca se enfastiarem, porque não estão nunca ociosas; remam, pescam, colligem insectos, fa-

zem excursões botanicas ou geologicas, desenham, pintam aquarellas, fazem gravuras a agua forte, lêem as revistas scientificas, e nunca — mas pela palavra nunca! — põem os seus olhos n'um jornal de modas.

Vestem-se mal, caminham como granadeiros em marcha, teem os pés grandes, e representam tel-os ainda maiores com as suas longas botinas de grandes bicos e tacões rasos. É verdade. Por esse motivo teem menos quem as namore, mas teem em compensação muito mais quem as estime, porque ellas são as mais amaveis companheiras e os mais honrados amigos.

O mundo barbaro civilisa-se. O naturalista Levingston percorre incolume o interior dos sertões africanos. O doutor Armand explora a seu salvo o coração da India. Uma expedição de astronomos europeus observa pacificamente a passagem de Venus nos jardins do embaixador francez no meio da cidade de Pekin.

. . .

Lisboa porém é rebelde a esse espirito de conciliação e de confraternidade, de que se acham penetradas as regiões do globo mais hostis á communicação extrangeira.

Segundo referem os jornaes d'esta manhã, foram hontem corridos á pedra na praça da Alegria os artistas japonezes da companhia acrobatica do circo Price.

Os intuitos da praça da Alegria, com relação áquelles forasteiros, queremos crer que são puramente anthropophagos, e se a praça da Alegria os apedrejou, não foi por certo pelo mero prazer de lhes fazer mal: foi para os tornar mais tenros. Tendo de os devorar, batem-os primeiro como se faz aos bifes.

Ha dias uma senhora extrangeira inseria no *Diario de Noticias* uma carta em que se queixava de ser insultada pelos aborigenes ao passar no Chiado.

O Chiado queria provavelmente dar a esta senhora o desgosto da vida, como se dá a aguardente aos perus que se destinam a ser assados no espeto. Era ainda uma machinação da anthropophagia.

Por algumas ruas vêem-se espalhados cabellos, botões, solas de botas e outros restos de comestiveis humanos.

Decididamente Lisboa devora os viajantes.

. · .

O que nos admira é que, postos para um lado estes costumes da cidade, haja por outro lado habitantes que ainda põem casaca para ir aos sabbados ás *soirées* do sr. Fontes Pereira de Mello!

N'uma terra onde as senhoras são insultadas na rua e onde os extrangeiros são corridos á pedra nas praças, os habitantes não andam de casaca; andam nús.

Se o frio aperta muito com elles, põem na orelha um brinco. Se querem aformosear-se para uma festa em que se dansem uns Lanceiros macabros, ou para um banquete em que se comam extrangeiros assados, pintam uma paizagem no ventre e entalam um batoque n'uma fenda aberta no beiço.

Depois, enfiam na cabeça uma corôa de pennas, deitam um arco ao tiracollo, e communicam mutuamente os seus pensamentos guinchando, mordendo e atirando coices.

Nós não queremos que Lisboa se cohiba de apedrejar os viajantes e de insultar as mulheres. Se Lisboa entende que é isso um desafogo para as necessidades da sua natureza, que o faça muito embora! Sómente: tenhámos coherencia, tenhámos logica!

Se é definitivo que nos achamos no estado selvagem, que o digam!

Que a ordem, representada na pessoa do sr. barão do Rio Zezere, nos appareça ao léo na sua frisa de S. Carlos, trajando unicamente as suas esporas, o seu chicote e uma das suas commendas pendente do nariz por uma argola; e que sua excellencia a ordem, assim ornada com as suas insignias do mando, nos permitta despirmo-nos dos fementidos preconceitos civilisados e lançar-mo-nos para todo sempre fóra das nossas repressivas piugas e dos nossos restrictivos colletes de flanella!

Quem quer imitar um cafre começa pela *toilette*. Querem apedrejar os homens e insultar as mulheres? Muito bem: — dispam-se!

Projecto de reforma da camara dos pares, apresentado pelo sr. conde de Casal Ribeiro. Ninguem o discutiu nem o tomou a serio. É o que succederá a todos os projectos de egual natureza que não principiem pela seguinte disposição fundamental:

Artigo preliminar, paragrapho unico: *Reconhecida como viciosa a actual organisação da camara dos pares, fica a referida camara dissolvida desde a data da presente lei.*

Toda a reforma que não partir d'essa base essencial dará necessariamente em resultado o seguinte phenomeno absurdo:

Fazer o balsamo da chaga com o mesmo pus que ella segrega

Votou-se no parlamento o codigo de justiça militar.

Segundo a nova legislação, que mantem o fuzilamento nos crimes do exercito, é punida com

a morte toda a offensa corporal commettida na pessoa *de um superior*.

As offensas perpetradas sobre os inferiores ficam impunes.

. ˙ .

D'este modo o codigo estabelece na hierarchia militar uma nova gradação de postos, a qual póde ser rigorosamente medida pelo numero dos pontapés que cada um está ou não isempto de receber.

Nos regimentos, por exemplo, o posto de tenente coronel significa: Superficie para um pontapé,—o pontapé do coronel. Major: duas divisas e dois pontapés,—o do tenente coronel e o do coronel. Capitão: tres pontapés,—o do coronel, o do tenente coronel e o do major. Tenente: quatro pontapés,—o do coronel, o do tenente coronel, o do major e o do capitão. Alferes: cinco pontapés, o do coronel, o do tenente coronel, o do major, o do capitão e o do tenente.

Segue-se o primeiro sargento, que recebe seis pontapés da officialidade, e passa sete ao segundo sargento, o qual passa oito ao cabo, e assim por diante, até chegar ao soldado razo, que leva tantos pontapés quantas são as divisas disseminadas no regimento.

. · .

Ora como o refrigerio mais doce de quem leva um pontapé é dar dois, e como nada impede que o tenente coronel ao receber um pontapé do coronel passe tres ao major, que alongue seis ao capitão, que transmitta doze ao tenente, etc., a equanimidade é completa para toda a classe militar, excepto para o soldado, o qual recolhe consideravelmente multiplicada a dose dos pontapés que a successão gradativa dos postos superiores lhe garante por lei.

. · .

Comprehende-se que o soldado, recipiendario da agglomeração d'estes mimos, experimente de quando em quando uma certa agitação nervosa, um formigueiro nas pernas, e a necessidade instinctiva de as mover com alguma violencia, quer seja para o fim de bater com os calcanhares em si mesmo, desertando; quer seja para fazer refluir até o augusto fundo das costas do Generalissimo o pontapé circulatorio que dos bicos das botas do Generalissimo baixou, succesivamente multiplicado por todos os postos militares, até o fundo das costas d'elle.

O codigo então pega paternalmente no soldado nervoso, volta-lhe para um muro a parte do corpo que elle apresenta contundida pela ordem das coisas, e desfecha lhe no peito a descarga de um piquete. Ora chucha, que é para te não tornar a doer o fundo das costas! As costas do soldado portuguez, para os effeitos penaes da lei militar, não teem fundo! O bigorrilha acho que já cuidava que tinha costas com fundo, como os marechaes obesos!

A soldadesca sempre é muito desenfreada e muito bruta!

A pena de morte é definitivamente indispensavel para pôr um freio ao soldado.

* * *

Succede porém o seguinte:

Toda a organisação social consta de forças estaticas e indissoluveis e de elementos transitorios e substituiveis Entre as forças estaticas figuram a nacionalidade, a familia, a religião, etc. Entre os elementos transitorios figuram a salsa parrilha de Bristol, o exercito, as obreias, etc.

Que faz a lei para regular as relações do homem com os elementos constitutivos da sociedade?

Derroga a pena ultima em todos os attentados contra o que é indissoluvel e sagrado, e mantem-a nas infracções do que é perecivel e transitorio!

O que macula um trapo de certa côr que se convencionou chamar uma bandeira morre espingardeado. O que deshonra a familia, que é a substancia vital da humanidade, fica impune.

Pode cada um espancar livremente a sua mãe ou vender a honra da sua mulher. O que não pode é levantar olhos irreverentes para o seu capitão.

. ˙ .

Não, ó lei, tu não és a filha inviolavel da immortal justiça! Tu és, quando muito, a simples filha da senhora Angot.

Vae! segue o teu destino, ó lei! ó farça! ó pulha! Intentas matar, mas conseguirás apenas fazer rir. O teu futuro não é ser obedecida; é ser assobiada.

. ˙ .

No entanto o soldado Antonio Coelho, no fundo da sua masmorra, espera. Espera o quê? que o matem? que o soltem? Não. Elle espera simplesmente que o julguem.

E eis ahi uma coisa nova, de que não tratam
os codigos: O fuzil:mento substituido pel: exe-
cução lenta sem condemnação e sem processo.

Que se mande matar por sentença compre-
hende-se; mas que se deixe morrer, por calculo
ou por desleixo, custa um pouco mais a admit-
tir, com quanto tambem acabe por se perceber.
A imprensa tinha ácerca d'este caso duas opi-
niões: primeira — fuzilar; segunda — não fu-
zilar. A justiça é da segunda d'estas opiniões —
e mais da primeira.

Da mão fina e subtil de uma senhora tivemos
a honra de receber as seguintes linhas publica-
das no *Diario Popular*, sob o pseudonymo de
Valentina de Lucena:

«Antes de tudo é preciso que eu te diga, lei-
tora, que sympathiso cordealmente com R....
O...., e que tenho sempre sobre a minha
mesa de trabalho, ao pé da caixa da minha cos-
tura e da jarra das minhas flores, o ultimo nu-
mero das *Farpas*.

«Para mim teem ellas o espirito e teem o bom senso, duas condições rarissimas.

«Tenho ouvido, que estes livrinhos scintillantes como um fino punhal de Toledo, não encontraram no publico extraordinaria benevolencia.

«Não me admira.

«É delicada a epiderme dos nossos compatriotas, acostumaram-se á lisonja, coitados! á lisonja e ao rapé, não podem passar sem ambas as cousas.

«Elles são commendadores, são conselheiros, são viscondes, dão bailes e proclama-se a sua amabilidade; dão esmolas e apregoa-se a sua philantropia; morrem, e legam á posteridade as suas virtudes; fazem discursos ás massas, e todos se curvam diante da sua eloquencia; elaboram planos sociaes, planos humanitarios, planos reformadores, e não ha ninguem que desconheça a profundidade da sua philosophia.

«A pouco e pouco divinisaram-se a si proprios, parece-lhes um sacrilegio tudo que lhes toca, e ficam-se absortos, assombrados, grotescos de pasmo, ao vêrem apparecer-lhes alguem, que os não teme, que lhes aponta os seus ridiculos, as suas pretenções balófas, o seu egoismo hypocrita, a sua estupidez victoriosa.

«E é tudo isto que R.... O.... fustiga com o denodo antigo e com a ironia moderna. Oh! elle tem tudo; tem a sensatez atterradora e tem a *verve* inimitavel, tem a graça ligeira e tem a seriedade quasi austera; tem tudo, mas —que elle me perdôe,— não tem a lingua!

«No seu ultimo numero critica elle, e com muita rasão, as corridas de cavallos, a humilde parodia nossa a que chamamos *Jockey Club;* desnuda com mão despiedosa os nossos pequenos ridiculos, as nossas miserias mal tapadas, as nossas pretensõesinhas burlescas, as nossas aspirações á realeza da elegancia, que tão singulares similhanças nos dá com a pobre realeza esfarrapada, que anda aos tombos na *Gata Borralheira*, e depois arrastado pelo calor da sua justa indignação eis que se esquece repentinamente de fallar portuguez, e entre muitas palavras inintelligiveis, falla-nos em *champinhões*, em *truffas*, em *marrões gellados*, oh! ceus! sobretudo em *marrões gellados!*

«Eu bem sei que assombrado diante da propria audacia elle, que se não assombra de audacia nenhuma, accrescenta que aquillo não é portuguez e que é só para os corruptos da decadencia entenderem.

«D'esta vez, porém, meu caro folhetinista, achei-o eu em contradicção flagrante, e como a nobreza consiste em atacar os fortes, decidi-me a não a deixar passar.

«Se é para os corruptos da decadencia que falla, é verdade constituirem elles a maioria na nossa sociedade que pintou innocentemente ridicula como um idyllio de Florian; se é para os que iniciaram e frequentam as corridas, para os que não sabem realisar nem conceber as brilhantes corrupções do extremo luxo, a riqueza insolente das civilisações apodrecidas, os morbidos segredos voluptuosos das sociedades decadentes, os requintes da triumphante devassidão, para que lhes vem então fallar uma lingua completamente extranha á indole, ao gosto, á comprehensão sobretudo dos que pretende convencer?

«Pois será tão difficil a quem tem tanto espirito, ter espirito em portuguez?

«Confesso a minha fraqueza, leitora; os *marrões gellados* trazem-me ha dias sobresaltada e nervosa. Eu sou o contrario da maior parte da gente, que não entende justamente quando admira; para admirar necessito antes de tudo de entender.

«Perdoe-me pois o espirituoso escriptor a audacia das minhas interrogações, e se eu lhe mereço alguma estima, tenha d'aqui em diante piedade da insufficiencia da minha acanhada comprehensão.»

. ˙ .

Não temos a lingua... é verdade isso; não temos, pelo menos, a linguagem consagrada. Profundamente inclinados o confessamos: não somos Bernardes, não somos Lucena! ah! afastem de nós esse calix... Preferimos, a ser Lucena, ser simplesmente—Valentina!

. ˙ .

E, não obstante, fizemos como qualquer outro os nossos estudos classicos. *Bofé* que os fizemos! E de tal maneira lhes tomamos o suco e lhes assimilamos a substancia que chegamos por signal a possuir um stylo de tal maneira sorna, zorreiro e pesado, tão hydropico, tão gotoso, tão apopletico e tão opilado, que acabamos por não poder com elle; atiramol-o ao chão, e puzemos-nos de braços cruzados a olhar

para o monstro que um dia, ao sairmos da classe de rhetorica, resolveramos tomar ás costas como Eneas tomou seu pae Anchises: *Ipse subibo hummeris, nec me labor iste gravabit!*

N'esse dia vimos, diante dos nossos olhos, pela primeira vez em nossa vida, a coisa que era o nosso stylo, lentamente creado dentro da disciplina classica, como um rato paralytico e obeso dentro de um queijo fresco.

O odioso mostrengo, inteiriçado e reboludo, bolia resfollegando como se quizesse rabear. Aquillo rangia como se fosse uma velha nora, zurrava como um pião, roncava como um folle de forja. Tivemos-lhe horror!

Que queres tu, ó aleijão?! Elle queria syntaxe, queria latim, queria antiguidades! Tinha a gula de todas as coisas velhas: da traça, da poeira, do bolor, do azebre, do gorgulho e do archaismo. E a sua voracidade era surda, roedora, insaciavel, continua, como a ferrugem, a lepra, o cancro e o vicio!

Então, como as mães criminosas, quizemos matar o filho da nossa culpa. Mas o nosso antigo stylo tinha a vida inveterada e dura. Era insensivel á corda, ao pontapé, á bengalada, ao

tiro, ás armas brancas, ás poções venenosas e aos desgostos moraes! A raiva porém improvisa armas desconhecidas e novas. A raiva ministrou-nos o gallicismo. Sarjado a golpes de gallicismo, o nosso stylo espipou e abateu repentinamente, engelhado e encolhido, como uma vesicula ao receber um furo.

Deixou de roer, de empolar, de grunhir, de refollegar, de viver de per si, de roncar por sua conta Ficou d'elle a simples pellicula fina, tenue, informe, vasia e elastica, na qual entra a expressão do nosso pensamento como entra a mão n'uma luva.

Desde então começámos a amar o gallicismo como o pronto allivio da rhetorica.

. ˙ .

Além de quê, os gallicismos, os germanismos, os inglezismos não são muitas vezes uma invasão da lingua, são uma communicação das civilisações.

Nós vivemos no espirito europeu, não vivemos no espirito nacional. Os nossos livros, os nossos conhecimentos, a nossa philosophia, as nossas idéas, o nosso jantar, os nossos moveis

e os nossos vestidos são extrangeiros. Não temos arte nacional, nem musica, nem poesia, nem pintura, nem theatro; não temos systemas philosophicos, nem descobrimentos scientificos, nem desenvolvimentos industriaes. Esquecemonos de todos os velhos usos portuguezes, e não inventamos nem creamos coisa alguma na civilisação moderna. Não temos existencia propria. Falta-nos a tradição e somos incapazes da iniciativa. Intellectualmente e industrialmente vivemos das contribuições e dos supprimento das civilisações extrangeiras.

N'estas condições a lingua internacionalisa-se. Deixa de ser um bem de raiz. Torna-se um movel de viagem, de exportação, de embarque. Amarrota-se, suja-se, rompe-se, collam-se-lhe etiquetas, disticos, sellos d'alfandega, marcas de paquete, estampilhas de caminho de ferro. É uma coisa torpe? Será! Não a fizemos nós. Foram as necessidades da conversação, foram as exigencias da arte, foram os interesses da industria e do commercio, foi a civilisação finalmente quem assim a fez.

. . .

O que *Valentina de Lucena* diz do nosso es-

pirito lança-nos em apprehensões atterradoras. Ter espirito é padecer uma nevrose. Ter espirito é descobrir nas coisas e nas questões os lados originaes, os aspectos imprevistos, comicos, inesperados. E' pensar fora das correlações geraes, n'uma esphera abstracta, como os doidos.

Que *Valentina de Lucena*, tão intelligente e tão perspicaz, nos não queira roubar a doce convicção, em que temos vivido e em que desejamos morrer, de que somos como toda a gente: simples como a sopa, vaca e arroz, vulgares como as couves, e não mais agudos nem mais ironicos nem mais finos nem mais *primesautiers* do que o sr. Polycarpo José Lopes dos Anjos e o paiz!

. ˙ .

Emquanto á benevolencia com que o publico tem recebido estes livrinhos, uma rectificação: As *Farpas* teem tido no publico um acolhimento superior a todas as suas ambições. Ha cerca de quatro annos que ellas existem, e só o favor do publico as tem feito viver. Todas as hostilidades nos teem saido á estrada, menos essa. Ampara-nos a estima do grande anonymo, a affeição d'esse amigo invisivel, cuja mão bemfaseja

todos os artistas morrem sem poderem apertar ao coração reconhecido.

Como o philosopho Lessing o auctor d'estas linhas vive só, no seu moinho, moendo personagens celebres e instituições insignes. Por cada fornada que mette nos sacos recolhe uma amarga maquia de despeitos. Consola-o o sol do bom Deus que lhe penetra pelos postigos, uma ou outra andorinha que lhe pousa no telhado e o movimento constante da sua mó, provando-lhe que lá fóra um sopro benigno enfuna a aza que elle virou ao vento.

Se não fosse isso, como poderiamos ter vivido por tanto tempo, principalmente não sabendo senão hoje que perante a critica de uma das mulheres mais intelligentes e mais dignas tinham achado um pequeno logar sympathico estes livros obscuros?!

Chegamos hontem do Porto, onde deixamos a cidade a braços com os mais graves receios. O *Club Portuense*, o velho *club*, que durante tantos annos fóra o phoco da elegancia e da civili-

sação n'aquella boa terra trabalhadora e honesta, achava-se prestes 'a dissolver-se. Aquelles salões em que Sebastião de Almeida e Brito presidiu por tantos annos á conversação portuense, em que Arnaldo Gama, Antonio Ribeiro da Costa, Delphim Maia, Girão, Pedro de Amorim Vianna e Antonio Coelho Lousada crearam o espirito litterario, em que Ricardo Brown, Almeida Campos, Payant, Alexandre Monteiro, Almeida Penha e Mendes de Carvalho ensinaram a valsar a geração moderna, esses salões que deram á cidade eterna a sua carta de dandysmo, iam ser fechados para sempre.

A causa da proxima extincção do astro fôra a seguinte:

Um dos directores, achando-se em um gabinete reservado, no cumprimento de funcções extranhas ao exercicio do seu cargo, escutou á porta e ouviu um creado murmurar contra a direcção. O director reprehende o creado; a direcção tenta expulsar o murmurador, mas a assembléa geral não confirma o projecto da direcção; esta dimitte-se; a assembléa divide-se então em dois partidos irreconciliaveis, os quaes, por não poderem continuar a viver um com o outro, se despedem ambos. Eis a crise.

. · .

A sympathia que o *Club Portuense* nos inspira leva-nos a emittir sobre este ponto o nosso humilde parecer.

Emquanto ao director:

Se quando s. ex.ª escutou ás portas o fez na mera qualidade de creatura humana, n'esse caso deve-lhe ser relevada esta curiosidade excessiva, como uma das vicissitudes da nossa fragil natureza;

Se escutou ás portas na sua cathegoria de director, n'esse caso exorbitou das suas attribuições, porque os corpos collectivos não escutam senão quando isto lhes é expressamente determinado nos seus estatutos approvados pelas duas camaras e sanccionado pelo governo.

No primeiro caso podia escutar, mas não podia reprehender. No segundo podia reprehender, mas não podia escutar.

Em quanto ao criado:

Murmurou como famulo, ou murmurou como habitante do club? Por um lado, como famulo, é-lhe prohibida a murmuração; por outro lado como habitante do club que podia elle fazer senão murmurar? Em Portugal todas as socie-

dades de recreio são simultaneamente sociedades de maledicencia. Nada nos recreia tanto como a bella má-lingua. N'este ponto os actuaes clubs são um desenvolvimento da antiga botica nacional, em que o gamão ou a bisca eram um pretexto para quatro individuos irem desembuçar a um canto, entre os almofarizes e os bocaes da pharmacia, a chronica escandalosa da rua e a intriga domestica da freguezia.

Feitas estas distincções, temos a observar que nos clubs as coisas estão geralmente estabelecidas por este modo: os socios dizem mal; os criados escutam.

Desde o momento em que essa ordem se inverte e que são os socios que escutam e os criados que maldizem, figura-se-nos que o meio mais simples de harmonisar os individuos com os factos é — que os criados venham para o salão entreter o cavaco, e que a direcção vá para a copa preparar o chá.

Immediatamente depois da publicação do ultimo volume das *Farpas*, um editor do Porto,

que deseja deixar occulto o seu nome, escrevia-nos prontificando-se a dar á estampa a nossa versão das *Ephemerides de Raspail*, opusculo de que procedeu ser o auctor condemnado em França a dois annos de cadeia.

O editor occorre sem reembolso algum a todas as despezas d'esta publicação, cujo producto integral será enviado a Raspail, encarcerado e pobre, como o fructo mais delicado e mais util que tem produzido em Portugal a liberdade da imprensa.

As *Ephemerides* vão entrar no prelo e sairão á luz brevemente.

ERRATA

No precedente volume das *Farpas*, na pagina 93, linha 12, onde se lê: *appareceu em cheio sobre as aristocraticas suissas fructo legitimo*, deve-se lêr: *apanhou em cheio sobre as aristocraticas suissas esse fructo legitimo.*

Fazendo as referidas palavras parte de um periodo transcripto do periodico *A Tribuna*, é do nosso dever rectifical-as, não para levantar do texto do nosso fasciculo uma incorrecção de pouca monta, mas para que se não attribua ao redactor da *Tribuna* aquillo que elle não escreveu.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Revista Occidental, publicação quinzenal.

O Crime, poema, por Guerra Junqueiro.

Odes modernas, por Anthero de Quental.

Lição ao mestre, por Teixeira de Vasconcellos.

O Cenaculo, revista contemporanea.

A familia Albergaria, por Guiomar Torrezão.

O contemporaneo, revista de theatros.

Estudos de administração, por J. T. Lobo d'Avila.

Resoluções do conselho de estado, por José Silvestre Ribeiro.

Cantos matutinos, por Gomes de Amorim.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA
MENSAL DA POLITICA, DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

3.ª ANNO

Julho a Agosto de 1875

VOLUME XXVI

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1875

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

Epistola ao sr. Carlos Bento da Silva. O imposto industrial e o gremio dos escriptores publicos. O commercio das idéas. Theoria do imposto. O imposto sobre as sciencias. Porque se não exige aos jornalistas as habilitações a que são obrigados os professores? As despezas do Estado e os lucros dos cidadãos. A desproporção. A immoralidade. — A prisão penitenciaria. Cuidados de que é objecto o facinora. O crime e a instrucção. As idéas moraes e o direito do trabalho. — A educação dos principes. Froebel, Clavel e o professor de suas altezas. — *Os lazaristas,* do sr. Antonio Ennes. A hydra da reacção. As irmãs da caridade. O sr. padre Pancada. As opiniões liberaes. — O lucto da côrte. Parentesco dos reis. Os reis perante a biologia. Condemnação de suas magestades. — Scenas de cemiterio. O respeito pelos mortos. O conde de Rezende. — A instrucção secundaria, missiva ao sr. ministro do reino.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Carlos Bento da Silva. — Quando os sabios portuguezes meus contemporaneos precisam de transmittir ás massas as suas ideias escrevem missivas e deitam-as em v. ex.^{a}

Para o sr. Alexandre Herculano, por exemplo, v. ex.ª é a fenda postal por onde aquelle inclito vulto expede para a publicidade e para a gloria a sua prosa veneravel. Mais algumas missivas do illustre solitario, e verá v. ex.ª como a cathegoria em que o sr. Herculano o investiu se consagra definitivamente e como o grande homem ha de vir ainda a dirigir-se a v. ex.ª pelos termos seguintes: *Excellentissimo buraco e senhor!*

Quem sabe se o eminente historiador, levando ás ultimas consequencias a adopção que fez da pessoa de v. ex.ª para correio dos povos, não acabará por estabelecer dentro de v. ex.ª uma verdadeira succursal dos correios, e se bem cedo talvez não terá v. ex.ª de tomar pevide de abobora para expulsar o fim da Historia de Portugal, o sr. conselheiro Leça, ou a correspondencia de Braga!

Oxalá que depois de convertido em um receptaculo, a amizade de v. ex.ª para com o sr. Herculano o não obrigue a ser tambem para a correspondencia um vehiculo, e que á similhança do grande imperador que Deus tem no Brazil, não haja v. ex.ª de acabar a sua carreira percorrendo o mundo como a mala das

Indias! Como a mala, digo eu?! Não; peor do que isso: sendo v. ex.ª mesmo a mala, ex.^me sr.! E tornando-se necessario para satisfazer a terna avidez do longinquo amante, da esposa chorosa e do filho tenro, que v. ex.ª seja aberto pela bocca e que se lhe metta a mão dentro! mais: que v. ex.ª seja virado com o de dentro para fóra! mais ainda: que v. ex.ª seja torcido, abanado, sacudido, batido contra uma pedra, como se fóra um sacco que deve ter no fundo um segredo!

Tristes destinos o esperam, senhor meu! Tremenda é já a situação em que v. ex.ª se acha! Já hoje é v. ex.ª o repositorio da correspondencia do sr. Herculano sobre a Emigração, mais do sr. conde do Casal Ribeiro ácerca da Agricultura, mais da correspondencia do sr. Francisco Palha a respeito da Arte Dramatica.

Que dirá v. ex.ª quando a horas mortas lhe apparecerem a Emigração, a Agricultura e a Arte Dramatica, e estas coisas lhe clamarem nos silencios tetricos da noite: — *Bento, dá para cá a questão dos salarios! — Deita para aqui o remedio para o pulgão e a semente da cebolla albarrã! — O' Bento, que fizeste ao drama? dá cá o drama, Bento!*

. ˙ .

Não quero eu, ex.mo sr., aggravar por minha parte a responsabilidade terrivel que sobre a cabeça de v. ex.a faz pesar a incontinencia do estylo epistolar.

Por meio de v. ex.a dirijo-me unicamente a v. ex.a mesmo, e é sobre um acto pessoal de v. ex.a que versa a questão de que me venho occupar.

Refiro-me á lei que v. ex.a referendou como ministro da fazenda collectando a *industria* dos escriptores publicos, e proponho-me provar que tal lei é perante a justiça uma iniquidade e perante o direito moderno uma espoliação.

Com a devida venia eu principio.

. ˙ .

Supponhamos, ex.mo sr., que as ideias de que eu n'este momento disponho valem, com relação ás necessidades do meio em que vivo, a quantia de cincoenta mil reis...

Este computo — claro está — é puramente hypothetico. As ideias, ainda quando são produzidas por cabeças muito mais providas, quer em principios, quer em caspa, do que esta que te-

nho a honra de inclinar respeitoso diante de v. ex.ª, valem pouquissimo no meio nacional. E n'este ponto, ex.mo sr., não são os politicos portuguezes os menos culpados. V. ex.ª sabe como os seus confrades chefes de partido, pessoas essencialmente auctoritarias e conservadoras teem contribuido para embaratecer o genero pela reserva na procura.

Imaginemos porém que ellas valem, por alto, —essas pobres ideias—cincoenta mil reis. Logo que eu trato de as formular por escripto e de as pôr ao alcance do consumo, o fisco principia immediatamente a deduzir-me impostos sobre a actividade productiva do meu pensamento. E eu tenho que pagar ao fisco: 150 reis de direitos sobre as pennas de aço; 100 reis sobre o papel; 50 reis sobre a tinta, sendo de barro o frasco em que a tinta vem. Porque é de advertir que, quando o frasco fôr de *vidro verde*, o imposto n'esse caso é de 55 reis! Se o frasco fôr de *vidro branco* o imposto sobe a 210 reis!!

Porquê 55 reis pela tinta em frasco de *vidro verde* e 210 reis pela tinta em frasco de *vidro branco?* V. ex.ª deve-o saber. Devem tambem sabel-o o sr. Antonio de Serpa, o sr. Santos Monteiro e o sr. Duarte Nazareth, os quaes sabem

tudo. Oh! mas nenhum d'elles o revelará, e esse mysterio terrivel baixará á campa com aquelles que o penetraram! Comprehendo o orgulho que deve dar a vossas excellencias a posse d'este segredo, e o estranho prazer altivo que deve ser o encontrarem-se de quando em quando no Aterro, alta noite, emquanto a cidade dorme e a herva cresce, e ahi, todos quatro, nos braços uns dos outros, poderem dizer:

— Ninguem mais o sabe! Ninguem mais o saberá nunca!

Pagos estes primeiros impostos — tinta, pennas, papel — procuro um editor. O editor acha-se collectado pelo preço da coisa encerrada no manuscripto que eu lhe apresento e de cujo valor se abate desde logo a collecta referida; segue-se a collecta do dono da typographia, depois a do mestre da officina, depois a do compositor.

Tenho que pagar ainda a parte que me toca na decima do impressor, mais no lucro que o Estado pretende tirar da industria do typo fundido na Imprensa Nacional, mais nos direitos que pagou o prelo, mais a machina de vapor que o move, mais o rolo, e o papel de impressão. Accresce mais, o imposto de 10 por cento sobre a renda da casa em que tem de ser

depositado o meu livro, o imposto industrial em que está collectado o livreiro que m'o recebe, o moço da typographia que m'o transporta, o caixeiro da livraria que m'o vende.

Todos estes individuos, todas estas machinas, todos estes edificios, todos estes utensilios, toda esta materia prima da publicidade foram devidamente collectados sobre a base do valor preconcebido da ideia que eu trago ao mercado. E todas essas verbas foram successivamente deduzidas da quantia dos cincoenta mil reis, valor primordial presumptivo da referida ideia.

E' inexcedivel a solicitude do fisco na pista do meu pensamento em toda a escala graphica que elle tem de seguir desde que se manifesta na fórma mais rudimentar até que se constitue em livro. Por todos os pontos em que elle se tornou industria, em que elle transformou a materia, o fisco, já directa, já indirectamente, collectou-o successivamente, ininterrompidamente, infallivelmente. Em tal maneira, que dos cincoenta mil reis, valor arbitrado ao proveito que o paiz podia tirar do conhecimento da ideia suggerida por mim, eu não recebi senão vinte e cinco mil.

Estes reis vinte e cinco mil, a que eu peço licença a v. ex.ª para chamar meus, que me

pertencem, que eu guardo, são o preço liquidado da coisa que eu tinha no cerebro antes de pegar na penna para escrever a minha primeira linha, isto é: a paga nitida, estreme, definitiva da *obra do meu pensamento*.

. ˙ .

Examinemos agora, ex.^mo^ sr., quaes são os beneficios por meio dos quaes o Estado promove, auxilia, desenvolve ou mantem — a mim escriptor — a obra do meu pensamento.

O Estado tem na sociedade portugueza os seguintes encargos, uns legitimos, outros constituindo industrias monopolisadas por elle em detrimento dos que trabalham:

A diplomacia, o exercito, a marinha, as estradas, a instrucção, a policia, a religião, o fisco, a lista civil, a moeda, a saude publica, os pharoes, os pinhaes e mattas, os pesos e medidas, os telegraphos, os correios, a imprensa nacional, a imprensa da Universidade, o fabrico da polvora e das armas, o fabrico das cordas, os fornos de cal e gesso, a loteria.

Será v. ex.ª capaz de me dizer por qual d'estas vias serve directa ou indirectamente o Estado a laboração das minhas idéas?

Por meio da manutenção da paz, da ordem, da organisação da justiça, da vigilancia policial, o Estado assegura a venda ao meu livro. Mas este serviço prestado ao meu livro pagou-o elle directamente por uma longa serie de impostos a que já alludi.

Um livro é um producto da collaboração de differentes industriaes e é um genero de commercio. Como artefacto typographico o Estado protegeu-o mantendo a ordem social no meio em que elle se produziu, e elle pagou ao Estado o serviço que o Estado lhe prestou. Como artigo de commercio o Estado garante-lhe as transacções de que elle póde ser objecto, e elle paga egualmente ao Estado o preço d'essa garantia.

Mas como obra do pensamento—e esta é a parte que tem o escriptor na collaboração do livro, esta é a parte que me diz respeito a mim — que é que o Estado me garante? que direitos me faculta? que instrumentos me ministra? que modificações beneficas do meio me proporciona?

Para a minha obra o Estado é absolutamente como se não existisse. As minhas faculdades operam na mais completa independencia da policia, da ordem, da magistratura, do exercito, da armada, da cordoaria, do arsenal, etc.

O Estado não intervem nunca na defesa dos meus interesses como escriptor.

Se o taberneiro da esquina da minha rua lê n'um periodico que o seu vinho está envenenado, chama o periodico que o calumniou aos tribunaes e, provado que o vinho não tinha veneno, o taberneiro tem direito a exigir indemnisação de perdas e damnos pelo descredito lançado no seu genero.

Eu pelo contrario leio no periodo *A* que sou um tolo; leio no periodico *B* que sou um ignorante; leio no periodico *C* que sou um estupido. Ou o que estes periodicos dizem é verdade ou não é. Se não é verdade, eu sou calumniosamente offendido na minha aspiração mais legitima e mais honrada. Se é verdade eu continuo impunemente envenenando os espiritos e atrasando a civilisação com damno do esforço intelligente e esclarecido dos escriptores prestantes e benemeritos.

Que eu negoceie com o publico um alimento sadio ou uma droga venenosa, o Estado é sempre indifferente á minha obra.

Demais como o Estado é por sua naturesa conservador, e como eu, jornalista extra-official, sou pela minha missão e pelo meu dever um in-

terprete da Liberdade e por consequencia da Revolução, o Estado considera-me um inimigo das instituições, e como tal ou me hostilisa, o que é mau, ou me corrompe, o que ainda é peor.

Vejamos agora n'um breve relance o que é o imposto.

O imposto é a contribuição proporcional de cada cidadão para as despezas geraes do Estado.

No antigo regimen social, quando o Estado era o principe, o subdito pagava segundo a vontade do soberano. A sociedade estava organisada sobre o principio de que tudo pertencia ao rei. O imposto era a reposição ao senhor do fructo do trabalho do servo. O que o povo guardava, o stricto necessario para a sua subsistencia, era uma dadiva da liberalidade regia.

Depois da Revolução Franceza o Estado mudou de caracter. Nas sociedades modernas, o Estado é uma simples delegação do paiz, encarregada da manutenção das leis e do custeio dos encargos geraes da communidade.

Para o Estado assim constituido o imposto é a contribuição paga pela Liberdade como preço dos serviços que teem de lhe ser prestados pelo Estado. D'aqui a justissima formula proudhonianna: *Todo o imposto é uma troca*.

O Estado restitue em serviços á communidade tudo aquillo que recebe da communidade em impostos.

A lei da proporcionalidade contribuitiva dos cidadãos tem portanto duas bases inteiramente distinctas. A primeira principal, a segunda subordinada á primeira.

A primeira base do imposto é a relação existente entre o tributo pago pelo cidadão e a porção dos serviços prestados a esse cidadão pelo Estado.

A segunda é a relação em que se acham os lucros dos cidadãos entre si.

Da primeira d'estas bases deduz-se a proporção no imposto da classe. Da segunda deduz-se a proporpão no imposto do individuo.

O imposto industrial, ainda que de caracter antiquado e vicioso, porque representa uma multa lançada aos trabalhadores em beneficio das classes ociosas, não póde deixar de submetter-se e amoldar-se, tanto quanto possivel, ao direito moderno.

Assim o *quantum* do imposto industrial deve tomar-se da proporção dos benecios que cada uma das classes trabalhadoras percebe do Estado com applicação á industria que exerce.

Toda a quota extorquida a uma industria que não recebe do Estado serviços proporcionaes ao estipendio pago, é uma espoliação e um roubo.

. · .

Ora os economistas... Mas é melhor citar: J. B. Say, tido como um dos publicistas que melhor tem comprehendido e estudado o imposto, diz:

« Quando os povos não gozam das vantagens que o imposto deve proporcionar-lhes, quando o sacrificio a que os submetteram não é contrabalançado por vantagens supervenientes, dá-se a *iniquidade*. Se a importancia do tributo lhes não ministra um beneficio que tenha o valor do tributo commette-se um *roubo.* »

E' o que se dá com os escriptores publicos. O Estado não os reembolsa com serviços prestados da somma proveniente dos tributos exigidos. Eu pago ao Estado 40$000 reis de imposto como auctor das *Farpas;* o Estado não me dá nem 10 reis de serviços para a operação mental de que estes livros procedem: — logo o Estado *rouba-me* como auctor das *Farpas* a quantia annual de 40$000 reis.

Como a coisa é de seu dono, qualquer que seja

a mão em que se encontre, os meus 40$000 reis annuaes são meus apezar de se acharem em poder do Estado, e eu tenho o direito de pegar n'elles e de os metter na algibeira em qualquer parte que elles se me deparem.

Não tenho querido por emquanto usar d'este direito. Espero que a accumulação do meu dinheiro nos cofres publicos chegue a perfazer a importancia das joias da corôa. N'esse dia faço tenção de ir a casa do chefe do Estado, perguntar onde é que elle tem a corôa, pôr n'esse sitio o meu chapéo para que o monarcha não appareça descoberto diante dos seus vassallos e em seguida trazer a corôa para minha casa. Porque, no dia alludido, ex.^mo^ sr., a corôa é minha.

Tenho a curiosidade mais viva de saber como é que todos os jurisconsultos d'este mundo poderão refutar esta allegação de direito a que alguns terão talvez a desfaçatez de chamar um sophisma.

. ˙ .

A lei de v. ex.ª, cuja critica estou fazendo, deu logar á creação do gremio dos escriptores publicos.

Tal gremio é uma immoralidade igual á da collecta que elle tem por fim distribuir. Como

se constituiu este gremio? Para ser do gremio dos sapateiros é preciso fazer sapatos, para ser do gremio dos funileiros é preciso fazer funis. Para ser do gremio dos escriptores publicos não é preciso fazer nem saber fazer coisa alguma. Para ser recebido como escriptor publico pelo gremio respectivo basta que o contribuinte candidato a uma posição social se declare escriptor.

Este simples facto leva-me, ex.^mo^ sr., a bem tristes e a bem penosas reflexões.

Ninguem póde ensinar a ler sem apresentar folha corrida, attestados de bom procedimento moral, civil e religioso, sem responder a um exame, sem obter um titulo de auctorisação ou de capacidade. E além d'isto exerce-se sobre as escolas uma fiscalisação systematica, ha commissarios dos estudos, ha delegados incumbidos dos exames e das visitas escolares. Tudo isto para que o cidadão aprenda honradamente a lêr. Mas para que depois d'isso elle tenha uma leitura honrada, nem uma só providencia!

O jornalista tem na sociedade uma influencia muito mais profunda que a do mestre-escola e responsabilidades muito mais serias e muito mais graves. E' o jornal que refere e que explica ao povo os differentes phenomenos da sua vida pe-

litica, da sua vida social, da sua vida economica. E' o jornal que faz a critica das instituições e dos costumes. E' o jornal que estabelece o criterio por que tem de ser julgados os factos da vida civil e da vida moral. E' o jornal que eleva ou que deprime o nivel da intelligencia publica. E' o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões da honra, da dignidade e do dever.

Attentou v. ex.ª já na subversão perigosissima que podem lançar no espirito e na consciencia de um povo cem ou duzentos periodicos dirigidos e redigidos por outros tantos homens sem disciplina moral e sem regime scientifico; atrazando a civilisação com a propaganda dos erros mais grosseiros; discutindo a politica e a administração na encyclopedica ignorancia da vasta e complicada sciencia social; criticando tudo, os actos intellectuaes, os actos publicos, os actos religiosos, os actos moraes sem nenhum systema philosophico, sem nenhuma unidade de vistas, sem nenhuma comprehensão de conjuncto e de equilibrio? Pensou já v. ex.ª no temeroso perigo que resulta para os destinos de uma sociedade do facto de serem publicamente e minuciosamente tratadas em cada dia as suas ques-

tões de sciencia, as suas questões de moral e as suas questões de honra por individuos dos quaes ignoramos absolutamente se teem ou não a iniciação das ideias, a religião da justiça e a compenetração do dever?

Este immenso perigo, absolutamente desattendido pela legislação portugueza, foi ainda aggravado por via da lei com que v. ex.ª collectou a litteratura.

O gremio dos escriptores publicos, cuja formação não tem por base a existencia de uma industria, tornou-se naturalmente o asylo de todos aquelles cidadãos que pela sua ociosidade e pela sua inepcia não tinham merecido da sociedade classificação legitima.

Além dos homens de lettras o gremio incorporou em classe, sob uma denominação honrada, vadios professos que, se não se chamassem a si mesmos escriptores, a policia teria obrigação de perseguir e de encarcerar.

Ao passo que varios ociosos suspeitos á moral eram adoptados como escriptores pelo gremio, outros muitos escriptores, verdadeiros escriptores, cujo nome figura sob documentos de escripta publica, deixaram de ser aggremiados, não se deram ao rol, esquivaram-se á collecta.

Por exemplo:

Em quanto foi v. ex.ª collectado como escriptor publico da lei que me collectou a mim? Pois os projectos de lei de v. ex.ª com os relatorios que os precedem não são escriptos publicos? Não encerram elles, exactamente como este meu livro, não só a idéa reduzida ao signal graphico, mas ainda em cima convertida em facto legal, o que demanda do Estado para manter os escriptos de v. ex.ª uma despeza que o mesmo Estado não faz com os meus? Não foram os escriptos de v. ex.ª editados gratuitamente pelo governo e publicados na imprensa nacional á custa dos dinheiros publicos? Não recebeu v. ex.ª, pela elaboração dos seus escriptos, uma retribuição e um lucro muito superior ao que eu retiro do que escrevo? Não é a lei de v. ex.ª muito mais pequena do que o meu livro? Não teve v. ex.ª para a escrever muito maiores subsidios e muito menores encargos do que os que me tocam a mim? Porque é pois que v. ex.ª se não inscreveu no meu gremio? porque é que se não fez collectar?

Porque é que se não aggremiam e se não collectam os srs collaboradores do *Diario das Cortes?* Dir-me-ha v. ex.ª que os srs. deputados fallam, mas que não escrevem. É como se eu

tivesse um secretario a quem ditasse os meus livros. Os srs. deputados teem secretarios pagos pelo paiz. Que a obra tenha o nome de escripto ou tenha o nome de discurso, pouco importa. O facto essencial para a collecta é que essa obra é representada por uma certa porção de prosa, retribuida ao auctor, e impressa nos jornaes em concorrencia com a prosa dos jornalistas, ordinariamente mais bem feita e sempre mais mal paga.

Com que fundamento se acha sua magestade el-rei fóra do gremio dos escriptores publicos? Não é sua magestade o primeiro dos escriptores? Não é assignada pelo seu real punho a parte mais consideravel da lettra redonda que enche annualmente as gazetas do reino? Não é isso escripta? Não é fazer isso a habitual profissão de el-rei? Não é el-rei retribuido por isso que faz? Não são de sua magestade os discursos da corôa? Não são de sua magestade os discursos ainda ultimamente proferidos de municipalidade em municipalidade por occasião da inauguração do caminho de ferro do Minho? Não são muitas vezes esses discursos tão ricos de veia comica, tão engraçados, tão funambulescos que monopolisam a hilaridade publica e absor-

vem a gargalhada que faria o successo da satyra mais trabalhada por escriptores obscuros inteiramente supplantados pela real pilheria? Não é isto uma concorrencia opposta aos que escrevem? não é isto uma collaboração na imprensa periodica, regular, effectiva e remunerada?

. · .

Vae já demasiadamente longa esta carta. Estou certo de que v. ex.ª me tem achado alguma graça, que é uma coisa que succede ás vezes áquelles que não querem achar-me razão. Tal é o estado dos espiritos que a verdade toma o aspecto de um paradoxo pelo contraste violento com que sobresae do convencionalismo e da mentira official!

Ex.ᵐᵒ senhor, eu vou concluir.

O imposto industrial dos escriptores publicos é iniquo, é immoral, é absurdo. A v. ex.ª, que o inventou, cumpre alcançar que elle desappareça.

É facil substituir esta verba na receita publica.

A imprensa periodica está pedindo a applicação de um imposto perfeitamente racional e equi-

tativo: O IMPOSTO SOBRE OS ANNUNCIOS.

O annuncio é a verdadeira materia collectavel da imprensa. O annuncio nada tem de commum com a obra do escriptor, com a liberdade do pensamento, com a inviolabilidade das idéas. O annuncio é para o jornalismo uma industria; é até uma especie de monopolio. A secção dos annuncios é em cada jornal uma esquina de rua privilegiada para os effeitos da lei do sello.

O Estado collecta o annuncio affixado em publico na importancia de 60 réis. Absolve porem do pagamento d'este tributo o annuncio affixado no jornal. Esta excepção não tem fundamento.

Torne-se extensiva ao annuncio nos jornaes a lei que impõe o papel sellado aos annuncios publicados por qualquer outro meio de affixação, e ahi está immediatamente substituido com vantagem enorme para o thesouro, o imposto dos escriptores, que não assenta sobre uma industria collectavel mas sim unicamente sobre uma faculdade immaterial, incohercivel e incontrastavel, por um imposto com fundamentos tangiveis, perfeitamente apreciaveis para o fisco, instituido na mais perfeita logica da permutação dos ser-

viços entre o individuo e a communidade, entre a Liberdade e o Estado.

O novo imposto que tenho a honra de lembrar a v. ex.ª inutilisa a existencia absurda do gremio dos escriptores e proporciona os meios mais simples e mais faceis de cobrança. Basta que todo o jornal que insere annuncios deposite em cada dia nas mãos da auctoridade competente um exemplar da sua folha da vespera acompanhando cada annuncio por ordem numerica o original respectivo.

Isto poria talvez algum cobro ao annuncio de amôr, recovagem clandestina, em que a imprensa é cumplice das relações secretas e das expansões prohibidas pela correspondencia ordinaria.

A agua circassiana, a revalenta arabica e a senhora Cecilia Fernandes resignar-se-iam facilmente a contribuir para as despesas do estado com uma percentagem minima sobre os lucros que lhes faculta a *reclame*.

. ˙ .

Finalmente, ex.^{mo} sr., prescindo de encarecer a importancia da questão que ponho por este modo nas mãos de v. ex.ª O imposto é a base do orçamento do Estado, o qual como v. ex.ª

sabe, constitue o feixe de todos os encargos da politica, da administração, das relações internacionaes e finalmente da civilisação. Sempre que as despesas do Estado excederem o calculo provavel do lucro dos cidadãos a sociedade acha-se em desequilibrio e ameaça dissolução ou revolta.

600$000 réis pode-se calcular que seja o rendimento medio de uma familia burgueza em Lisboa. Computemos em quatro pessoas os membros de cada familia. A alimentação diaria de cada individuo não póde importar em menos de 250 réis por cada pessoa, ou mil réis diarios por familia, o que dá a somma annual de 360$000 réis. Queira v. ex.ª acrescentar a isto a renda da casa, calculada segundo uma das leis da economia domestica na sexta parte do rendimento total, ou 100$000 reis. A soldada de um creado custa, pelo minimo, 24$000 réis ao anno. O custeio do *ménage*, mobilia, louça, roupa branca, utensilios de cosinha, artigos de lavatorio, reparos e concertos, não póde orçar-se para quatro pessoas de familia em menos de 50$000 réis annuaes. O fato, calculado na mais stricta economia em 20$000 réis por pessoa, monta a réis 80$000 por familia.

Recapitulemos:

Alimentos	360$000
Renda de casa	100$000
Soldadas	24$000
Custeio da casa	50$000
Fato	80$000
Somma	614$000

Deduzidas do rendimento medio de uma familia burgueza em Lisboa, as despezas indispensaveis para a subsistencia, temos pois um *deficit* de 14$000 réis.

É d'este saldo negativo que o Estado percebe:

De decima industrial, calculada pela taxa das deducções aos empregados publicos	30$000
Decima pessoal	10$000
Impostos aduaneiros sobre os tecidos do vestuario	20$000
Impostos municipaes sobre os generos alimenticios	40$000
Deficit precedente	14$000
Somma	104$000

A importancia d'estes 104$000 réis é sercea-da nos alimentos. Assim todas as familias de professores, de caixeiros, de industriaes, de funcionarios publicos, etc., com vencimento de réis 600$000 e d'ahi para baixo, que o Estado força a uma contribuição de 100$000 réis pelo menos, padecem privações e passam fome.

Que significa um semelhante estado de coisas ex.^{mo} senhor, senão uma provocação constante e permanente á infidelidade e á corrupção, ou quando não, á resistencia e á anarchia?

Quando o Estado se attribue semelhantes faculdades, quando elle não fixa ás suas despesas um *maximum* calculado sobre os lucros dos contribuintes, o Estado explora.

Por mais que para a civilisação e para o progresso elle pareça um cooperador diligente e zeloso, para o cidadão explorado o Estado é um inimigo, de que cada um deve defender-se pela resistencia ou pela evasiva.

Pela minha parte declaro que se o fisco mantiver a verba de 40$000 réis em que sou collectado como escriptor publico, prefiro deixar de escrever a continuar a pagar. E para me habituar desde já á posição de analphabeto a que me destino, pedi á minha cosinheira a sr.ª Maria

do O que esta por mim fizesse, e assigno de cruz.

De v. ex.ª
O mais reverente venerador
+

Os resultados das estatisticas modernas demonstram que o crime está sempre na proporção inversa da instrucção.

Em todas as sociedades as classes mais instruidas são as mais morigeradas.

A ignorancia perverte a tendencia natural do espirito para a perfeição.

Ha um meio certo, manifesto, infallivel de attenuar a criminalidade, de chegar talvez a extinguil-a. Este meio consiste em instruir o povo.

. . .

Em vista d'essa verdade scientifica, plenamente confirmada pelos factos, o que faz com relação ao crime a politica portugueza? Em vez de lhe fazer um tumulo, que seria a escola, faz-lhe um viveiro, que é a masmorra.

Assim Lisboa vae ter a peso de ouro uma prisão penitenciaria, quando a peso de ignorancia e de desleixo Lisboa não tem ainda um Lyceu!

. . .

As mais insignificantes cidades da Allemanha, as mais pobres aldeias da Suissa gloriam-se de possuir como o primeiro dos monumentos publicos o edificio da sua escola.

Em Lisboa o povo começa a ir mostrar desvanecidamente aos extrangeiros a grande fabrica em construcção da sua nova cadeia.

Ahi está effectivamente, nas terras de Campolide, um palacio enorme que o povo póde admirar sem inveja. E' o unico que elle póde ter a legitima ambição de vir um dia a habitar! O unico em que o deixarão entrar gratuitamente! O unico em que a hospitalidade chegará mesmo algumas vezes ao ponto de nunca mais o deixarem sahir!

Lisboa possuia já a Ajuda—para os reis; a Sé—para os conegos; S. Bento—para a politica; S. Carlos—para os burguezes ricos; a Polytechnica—para os filhos estudiosos dos ditos burguezes; o Banco de Portugal—para os capita-

listas; e a Academia das Sciencias — para os sabios.

Alfim, — como se diz nas chacaras e nos discursos do sr. Manoel da Assumpção, — temos tambem a penitenciaria — para o proletario, para o villão, para o ignorante, para o estupido.

Alegra-te, ó povo! regosija-te, ó grandissimo bruto!

— Diabo! — pensarás tu porventura no amago da tua insondavel bestidade — se este enorme casarão fosse em vez de uma cadeia uma escola cheia de habeis professores e de honrados pedagogos, que, *gratuitamente*, sem nenhuns encargos contribuitivos para livros e para matriculas, me ensinassem as linguas, o desenho, as applicações da geometria, a economia politica e a economia domestica, a mechanica, as noções mais geraes do universo e da vida, se me proporcionassem finalmente as ideias e as aptidões, que são a creação e a defesa da dignidade humana, — quem sabe se, conhecendo essas coisas prohibidas que tenho tido a alta honra de ignorar do modo mais completo, quem sabe se eu não chegaria talvez a ser um cidadão util e probo, e se, em vez do destino que me espera de ir findar os meus dias ali dentro, no

carcere, eu não poderia aspirar ao destino de os acabar no seio da minha familia n'um pequeno casebre e n'um estreito quintalorio adquirido á custa do meu trabalho e da minha economia?!

Com essas palavras estolidas, ó povo, não fazes tu mais do que corroborar a ideia em que todos nós estamos de que és effectivamente uma horrivel besta.

Para que querias tu a escola, meu camello? Pois não tens tu, ahi assim nas costas, duas corcovas? Não tens dois grandes callos pelo menos?

Ah! não tens? E' porque carregas pouco! Trabalha mais e embebeda-te menos, meu patife!

. ˙ .

Vêde, srs. ministros! vêde, srs. politicos! vêde, srs. litteratos! vêde, srs. sabios! vêde, srs. especuladores! A subversão dos principios é tal que apparecem animaes ferozes a inculcar que não ha dignidade sem ideias e que não ha trabalho livre sem aptidões mentaes!

E não tendes uma forca para *ensinar* esta canalha!

Se o trabalho fosse um direito, se a honestidade e a independencia fossem uma aspiração

legitima, então a instrucção primaria obrigatoria e a instrucção secundaria, reformada e gratuita em todas as villas e em todas as aldeias, seria uma obrigação do Estado.

Construir a cadeia-exemplar antes de ter a escola-modelo seria ludibriar a liberdade, affrontar a justiça, insultar bestialmente a logica e o senso commum.

Mas o trabalho não é direito reconhecido.

Quereis saber o que é o trabalho? Lede o defunto, sr. Guizot, o chefe dos conservadores monarchicos, o mestre de todos os chefes de partido portuguezes.

O trabalho é um freio, diz aquelle incomparavel sabio.

Ora onde o trabalho é um freio, a dignidade é uma simples attitude imposta pelos sabres da policia.

N'estes casos a instrucção, base da dignidade humana e origem do trabalho livre, desapparece naturalmente da esphera dos deveres e dos encargos publicos.

Resta a cadeia.

. · .

Todos os nossos parabens ao povo pela sua cadeia nova! Dizem que não ha melhor; que

em nenhuma parte do mundo se dá ao facinora mais artistica hospedagem.

Se os homens de bem desgraçados tivessem sido objecto de tão assiduos e tão particulares desvelos como os que vão ser dados n'aquella casa aos malfeitores, teria talvez desapparecido do mundo a miseria!

Nada esqueceu do que póde assegurar ao preso o fim mais tranquillo e mais sympathico. Esta coisa chamada a liberdade, que alguns teem por mais preciosa do que a vida, arranca-se ali dentro ao homem tão completa e tão perfeitamente como se lhe poderia arrancar o sangue fazendo-lhe um furo na carotida e sugando-o com uma bomba.

De tal sorte que o bandido começa por perder a sua consciencia de creatura pensante. Converte-se n'uma machina que trabalha ao som de um apito e de uma sineta. Esta machina faz lamparinas, cestos ou chapéos de palha, vae á missa, confessa-se uma vez por anno, digere, a desgata-se rapidamente.

Começa por deixar de fazer chapéos, cestos ou lamparinas; depois deixa de ir á missa; deixa tambem por fim de se confessar, e só digere.

Em seguida amadôrra, aninha-se, acocora-se

a um canto, com as mãos no chão, a cabeça pendente entre os joelhos. Os olhos ficam parados e fixos. Descae-lhe a maxilla, e começa a babar-se. As unhas tornam-se-lhe pustulentas. Os dentes despegam-se-lhe das gengivas, uns caem-lhe no chão com a baba, outros engole-os com o caldo que bebe. A pelle cobre-se-lhe com uma pulverulencia asquerosa, que resiste ao banho e exhala um cheiro pestilencial e putrido. Por fim o coração estafado deixa de lhe bater no peito, e então esse mólho de ossos cariados e de pelle chagada segue o destino geral das podridões.

Tal é o pacifico fim do malfeitor, desde que a sensibilidade moderna ganhou horror ao som baço e sinistro com que batem nas pranchas do patibulo as cabeças destroncadas do corpo pelo gume da guilhotina.

Parabens, meus senhores, muitos parabens!

Graças aos profundos desvelos pedagogicos empregados na educação dos principes, suas altezas deixaram de usar como creanças o grande

collarinho escocez virado sobre os hombros e os knikerbokar, para principiarem a trazer o pequeno *col cassé* e as calças até baixo que vestem os homens.

Trocaram pois suas altezas a toga pretexta pela toga viril. Nós mesmos tivemos a honra de testemunhar este facto, que assignala uma epoca na historia da real familia, e grande foi o nosso jubilo como amantes da monarchia e das instituições, ao ver suas altezas aliarem brilhantemente annos tão verdes com calças tão robustas!

Ao passo que outros meninos da mesma edade se confinam ainda nos estreitos limites do calção curto e da blusa de flanella, suas altezas conquistam por seu animo precoce o corte de calças, e penetram firmes e victoriosos nos dominios tão vastos e tão profundos da meia casimira! Infinitas graças sejam dadas ao auctor dos orbes e ao sr. Henrique O'Neil, preceptor dos principes!

. · .

Outra coisa ainda nos commoveu por occasião de termos tido pela ultima vez a honra immerecida de levantar para os tenros e gentis infantes os nossos olhos peccadores. Suas altezas

calçavam luvas de pellica côr de perola tão estreitas e tão curtas, que suas altezas não podiam fechar as mãos, e traziam-as pendentes e hirtas ao longo das suas quinzenas como se os braços dos sagrados penhores dynasticos não servissem para outra coisa senão para ter aquillo pendurado como taboletas da *ganterie* de Jouvin.

Ora todas as mãos d'este mundo teem obrigação de prestar para mais alguma coisa do que para demonstrar por meio de uma exhibição violenta a maxima elasticidade de uma pelle de cabrito.

As mãos servem para se empregar no trabalho, quer seja exercendo-o como profissão, quer seja honrando-o com a homenagem prestada á santidade do dever. Se os homens poderosos pela riqueza ou pela gerarchia não aprendessem de pequenos a honrar o trabalho manual, a servidão n'esse caso, embora abolida nas leis, continuaria a persistir nos costumes.

Demais, sabe-se como o trabalho material é na educação um agente poderoso dos desenvolvimentos intellectuaes e moraes. É pelos nossos orgãos physicos, robustecidos pela actividade ou estiolados pela inacção, que o nosso espirito e o nosso caracter teem de manifestar-se.

A razão por que a maior parte dos grandes homens saem das mais humildes classes sociaes, como Shakspeare, Kepler, Newton, Laplace, Colombo, Lewingston, Molière, Michelet e Proudhon, é que é exactamente n'essas classes que mais desenvolvida se acha a educação physica em que primeiro se temperam as forças da vontade.

Temos pois como indubitavel que o pedagogo de suas altezas lhes faz ensinar um officio, como o que tem o principe de Galles, como o que é hoje obrigatorio em todos os grandes estabelecimentos de educação na Allemanha, na Russia, na Inglaterra e em França.

Somente o que pediriamos ao referido pedagogo é que s. ex.ª preserve as augustas mãos dos principes do ridiculo aspecto que ellas apresentam em publico calçadas em luvas dois pontos mais pequenas do que a respectiva medida, o que dá a suas altezas o ar de carecerem dos principios serios e praticos de uma educação que s. ex.ª — repetimol-o — não deixa por certo de lhes ministrar.

Que suas altezas não usem luvas! ou as usem de maneira que deixem acreditar aos seus subditos que os meninos encarregados de lhes da-

rem o exemplo da educação mais esmerada estão a todo o momento aptos, sem desfazerem a sua *toilette*, para esgrimirem, para remarem, para jogarem o kricket, para aplainarem uma prancha ou para limarem uma fechadura!

. . .

Notamos egualmente que suas altezas teem o cabello tão crescido, que lhes sae dois dedos fóra das abas do chapeu.

Isto, em primeiro logar, não se usa. É a velha moda romantica, abolida. O proprio chefe da escola, ainda vivo, Victor Hugo, traz o cabello á escovinha. Das testas coroadas, a unica de cabello crescido é sua magestade o imperador do Brasil, o qual tambem traz crescida a barba,—louvavel resistencia contra o uso geral, da parte de um monarcha que tem o senhorio dos matos virgens e em cujo typo physionomico se reconhece alem d'isso uma tendencia manifesta para ser a viva imagem allegorica do rio Amazonas!

Alem da questão da moda ha outra mais importante: a questão da hygiene. O cabello representa physiologicamente um certo dispendio de ferro. Suas altezas são de temperamento lym-

phatico, propensos á anemia. Não só não podem desperdiçar o ferro na sua economia, mas carecem até dos tonicos, dos phosphatos de cal, dos ferruginosos... Convem-lhes o *roast-beef* em sangue, os *douches* frios, os banhos do doutor Lourenço, em cujas aguas salinas predomina o acido sulphydrico, os sulphatos de cal, o ferro e a alumina. Precisam da gymnastica tendente a desenvolver-lhes o thorax, de exercicios musculares, de banhos de mar, de mariscos e de cabello rente.

* * *

Acerca do exercicio cumpre ainda advertir que suas altezas passeiam bastante de carruagem, mas não nos parece que passeiem sufficientemente a pé.

Os longos passeios, tão recommendados por Froebel, são indispensaveis para dar aos alumnos uma noção exacta da structura do solo, da coordenação das montanhas, dos valles e dos rios; para os interessar nos estudos da natureza, nas analogias dos insectos com as flôres, das aves com as arvores, da humanidade com a terra; para que elles aprendam a vêr no mundo externo as estreitas relações que o prendem ao mundo moral, e não o simples aspecto de algu-

mas pobres ruas percorridas ao trote dos reaes coches, no meio das cortezias dos seus fieis subditos, — espectaculo mais commovente que instructivo.

. . .

Reparamos tambem que suas altezas assistem ás procissões, ás revistas militares e ás corridas de cavallos, e deitam fogos de artificio na vespera de Santo Antonio, segundo lemos n'uma esclarecida gazeta; e não nos parece que as manobras militares, o aspecto dos chifarotes, os certames hypicos, os foguetes de tres estoiros ao divino e os busca-pés ao thaumaturgo sejam a via mais directa do espirito para a iniciação moderna.

Suas altezas, como todas as creanças da sua edade, precisam particularmente de visitar as grandes officinas da industria, de ver as fabricas, de as estudar systematicamente nos seus diversos agentes, na combinação de todos os seus meios para a completa realisação da obra.

Clavel, no seu magnifico tratado de educação physica e moral, faz sentir aos pedagogos a profunda influencia que tem o estudo das machinas no desenvolvimento das faculdades da attenção e da reflexão. Alem do que, o jogo complicado

e portentoso dos grandes machinismos da industria moderna fere vivamente a imaginação infantil e prepara-a para a forte concepção do ideal scientifico.

As folhas porem que tudo noticiam não referiram ainda que os srs. Daupias, Cordeiros, Collares ou Burnays tivessem jamais tido a honra de receber nas suas fabricas a visita de suas altezas.

. ˙ .

Se o preceptor de suas altezas o não entender como Clavel e como Froebel, tanto peor para suas altezas. Porque suas altezas poderão chegar a ser por esses methodos uns grandes principes, mas nunca passarão de uns cidadãos medíocres e de uns homens vulgares, que confundirão a dura sciencia da vida com a simples prenda recreativa de reinar sobre os Lusos.

O sr. Antonio Ennes escreveu um drama intitulado *Os lazaristas*, que a companhia do Gymnasio tem representado de terra em terra, em

todos os theatros do paiz, debaixo dos applausos mais convictos, mais clamorosos e mais unanimes. Este exito extraordinario, de que não ha exemplo na litteratura dramatica portugueza, prova da maneira mais evidente que as opiniões expostas n'esta peça são em Portugal as opiniões de todo o mundo. A critica chama-lhe um drama de revolução e de combate. Resta saber com quem é que combatemos e onde é que está o inimigo, como pergunta na *Grã Duqueza* o valente general Boum.

. . .

O inimigo dizem que é a *hydra da reacção.* Tem-se corrido tudo pela hydra para a esmagar debaixo d'esta peça. A hydra não se deixa ver.

Constou que ella estava em Braga, na rua das Conegas, a preparar os festejos do anniversario do advento de Pio IX ao solo pontificio. Foi-se lá com a peça, armada como uma ratoeira, para apanhar a hydra.

—A Braga! a Braga!—gritavam todos os periodicos liberaes, apopleticos de furor bellicoso. —É em Braga que está a hydra! Ainda hontem foi vista á hora de vesperas rabeando pela sacristia da Sé: dizem que é immensa; não come

senão hostias e não bebe senão agua benta; mostraram-lhe uma photographia do sr. Ennes e ella arreganhou raivosamente os dentes. Tornaram a vêl-a esta manhã colleando-se pelo dormitorio do seminario episcopal: fumegava insenso pelas ventas; o seu aspecto era medonho; mostraram-lhe uma photographia do sr. Polla e ella erriçou despeitadamente a cauda.

A companhia do Gymnasio foi pé ante pé, e chegou de repente com a peça. Estava tudo a postos. Accendeu-se á pressa o lustre, abriram-se as portas, tocou uma campainha, e zás, traz, catatraz, foi representado o drama. Freneticos applausos! innumeraveis chamadas! uivos de alegria e de enthusiasmo! ovação geral!

Mas então a hydra?! Onde demonio se metteu a hydra?! Convida-se a hydra a apparecer! Offerece-se-lhe um camarote de primeira ordem, um chá, um meio bife, uma missa cantada, um jubileu, um sermão de Antonio Ayres. Dão-se alviçaras a quem achar a hydra! a quem a trouxer viva ou morta á presença dos adjectivos revolucionarios de Ennes e dos gestos subversivos de Polla! Signaes: ella é negra, ella é monstruosa, ella é reaccionaria, ella dá pelo nome de Hydra!

Inuteis pesquizas! baldados esforços! a hydra não appareceu.

Mas esta circumstancia de modo algum deslustra a fama e a gloria tanto do poeta Ennes como do actor Polla. Ambos elles foram immensos de heroismo n'essa lucta titanica!

A hydra não se encontrou: que importa? Polla calcou-a aos pés, em brados temerosos, exactamente como se a tivessem encontrado! O inimigo não appareceu: que importa? Ennes cruzou os braços no peito, modesto, simples, sublime, pallido de commoção e de enthusiasmo, e encarou altivo o logar em que o inimigo estaria, se apparecesse. E Ennes tinha um sorriso frio, impavido, de um desdem infinito!

A penna do sr. Ennes, bem como a espada do sr. Fontes figurarão pois na historia cobertas de «locaes» e de virente louro, junto da narração das maiores façanhas que n'este seculo se praticaram, já na imprensa, já nos campos da batalha, no meio dos mais sangrentos e horriveis combates... simulados!

. ˙ .

Uma palavra — se nol-o permittem — ácerca do entrecho do drama famoso a que nos referimos:

Um velho militar chega do Ultramar a Lisboa, onde deixou durante alguns annos duas filhas. Uma tem vinte e cinco a trinta annos, foi educada no seio da sociedade de Lisboa, onde vive, e é viuva. A outra tem de quinze a dezoito annos, foi educada no collegio das Irmãs da Caridade e é *filha de Maria*.

Além d'estas ha tres personagens importantes: o padre Bergeret, preceptor da *filha de Maria*; Alberto, amante da viuva; e Carlos, representante da deia liberal.

A *filha de Maria*, a despeito de todos os juizos adversos que d'ella se fazem no drama, é uma rapariga honesta, catholica, tendo uma comprehensão do dever, uma educação do caracter, um destino, uma linha de proceder grave e severamente marcada na vida. Como catholica é papista; como papista considera hereges perdidos para a salvação eterna aquelles que combatem os poderes supremos do representante de Christo na terra. Como o velho militar figurára em tempos entre os inimigos da Curia, a *filha de Maria*, aconselhada pelo padre Bergeret, induz seu pae moribundo a assignar a retractação dos seus passados erros como fiel catholico apostolico romano.

A viuva, que não tem religião nem ideias nem principios moraes, auxilia a contrição do pae com o fim de augariar a estima de Bergeret e de levar a irmã a professar, deixando-lhe a ella e ao seu amante a legitima pertencente á *filha de Maria.*

O representante das ideias liberaes combate a marcha d'estes acontecimentos com phrases declamatorias, que arrebatam os coroneis reformados, os antigos bravos do Mindello, os ex-voluntarios da Rainha, e em geral todas as pessoas que embirram systematicamente *com esta canalha de padres.*

O drama desfecha morrendo o militar, entrando a *filha de Maria* no instituto das Irmãs da Caridade, continuando a viuva a manter relações escandalosas com o amante, e rasgando Alberto na cara do padre Bergeret a retractação do velho, que o representante da liberdade roubа, com geral delirio de applausos, ao representante da religião.

Resumo dos caracteres:

Na religião: 1.º uma rapariga que toma a serio a vida, o dever, o sacrificio, e que prefere viver pobre, curando os enfermos, assistindo aos moribundos, ensinando as creanças, acompa-

nhando as expedições militares e as missões evangelicas aos paizes barbaros, a viver em Lisboa com sua irmã, que é a concubina d'um estroina devasso e pelintra. 2.º um padre que não vae aos cafés nem aos clubs nem aos theatros, que não joga, que não toma remedios secretos nem faz eleições, que se considera devotado á gloria do instituto a que pertence e que se consagra absolutamente á missão de que o encarregaram.

No partido liberal: 1.º um velho guerreiro, livre pensador, sem criterio scientifico, que no fim da vida se desdiz das suas opiniões liberaes por medo de ir para o inferno. 2.º uma senhora que diz a um homem: *Amo-te por simples curiosidade dos sentidos.* 3.º um joven que faz despezas á custa do dinheiro da sobredita senhora, sua amante. 4.º um declamador que furta um documento a um padre.

. . .

A verdadeira moralidade d'este drama, moralidade profunda, é que ha ainda um ponto pelo qual a igreja domina victoriosamente a sociedade portugueza. Esse ponto fraco da nossa organisação liberal é a educação da mulher. Qual é

a instituição que o Estado póde pôr em frente da das Irmãs da Caridade? Nenhuma. Aos dezoito annos de idade a mulher portugueza que não encontra um marido e á qual falta o apoio de um pae ou de um irmão, não tem senão um d'estes destinos licitos: ser costureira, ser mestra de piano ou ser actriz. N'estas condições preferir ser irmã da caridade é escolher uma posição— não mais elevada, porque o trabalho não tem cathegorias—porém mais ampla, com mais largas margens para o emprego da dedicação, do sacrificio, de todas as grandes qualidades affectuosas, instinctivas no coração da mulher. As irmãs da caridade, que os jornalistas e os oradores parlamentares portuguezes folgam demasiadamente em vituperar, não circumscrevem na exhibição pittoresca das suas toucas nas cidades civilisadas a esphera da sua actividade. Nas longinquas regiões da Africa e da India, no meio das sociedades mais barbaras e dos climas mais mortiferos, aonde os rhetoricos mais expressivos não consentiriam por nenhum preço do mundo em ser pessoalmente os portadores da sua prosa, essas obscuras mulheres dedicadas á humanidade representam para os viajantes europeus tudo quanto elles teem de mais caro ao seu co-

ração: a sua raça, a sua religião, a sua familia.

Um valoroso marinheiro portuguez, o commandante da canhoneira *Téte*, nosso prezado amigo, cahindo doente n'um hospital de Moçambique, viu ahi, ao lado do seu leito, um soldado moribundo ser ainda em vida amarrado para ir para a cova, com os pés juntos e os braços cruzados no peito, por um degradado fazendo no estabelecimento as vezes de enfermeiro! O mesmo official levado n'uma maca de bordo do seu navio para um outro hospital africano, recuperou os sentidos nos braços de duas carinhosas e doces mulheres tão estremecidas e tão dedicadas por elle como se cada uma d'ellas fosse a sua verdadeira mãe. E na cabeça d'essas mulheres, voluntariamente expatriadas na desolação da costa africana, reconheceu elle, ao entreabrir os olhos, as largas azas d'aquellas toucas brancas, symbolos reaccionarios apedrejados pela plebe— da sua patria,—da sua patria que em Moçambique o entregava moribundo á discrição estupida de um facinora condemnado a degredo!

Em Gabon um outro dos nossos antigos e queridos amigos, o bravo tenente Antonio de Sousa Canavarro, atacado de uma febre paludosa, é recolhido na casa das missões francezas, onde

uma irmã da caridade, nobre e corajosa mulher, cujos cabellos tinham encanecido nos hospitaes de sangue e nas missões da China, o tratou com tão profundo carinho que d'ahi por diante esse marinheiro portuguez nunca mais deixou de pagar áquella mulher o mesmo tributo devido á sua mãe ou á sua irmã, mandando-lhe de cada ponto a que chegava uma palavra da sua recordação e do seu reconhecimento. Na missão de Gabon, no meio de uma população nua, de habitos inteiramente selvagens, cem pretinhos estão vestidos, calçados, limpos, fallando e escrevendo correctamente, aprendendo a grammatica, a geographia e a historia.

Em Macau, onde ha poucos annos era ainda proverbial a ignorancia das mulheres, todas as senhoras teem hoje uma instrucção elementar, fallam correctamente o francez e escrevem com grande nitidez calligraphica e grammatical. Estes resultados são principalmente devidos a uma escola fundada n'aquella possessão pelas irmãs da caridade.

Uma das circumstancias que mais contribue para falsear o criterio por que são geralmente julgadas as irmãs da caridade é supporem alguns dos nossos philosophos que o orbe habi-

tado termina na Cova da Piedade e que as condições geraes da humanidade podem ser calculadas pelo que se passa entre Carriche no extremo norte e o pontão de Cacilhas no extremo sul.

Oh! não. Ha no vasto mundo regiões habitadas a que ainda não chegaram sobre a aza da civilisação nem os echos amenisadores da phylarmonica *União e capricho* nem os periodos dulcificantes da correspondencia de Melicio, a quem temos a honra de cumprimentar.

. . .

O sr. Ennes, porém, cujas intenções philosophicas e cujo trabalho litterario nós applaudimos cordialmente, está, como artista, no pleno direito de ter a este respeito as opiniões mais oppostas áquellas que nós professamos.

O quê não comprehendemos é que egual direito seja denegado por parte do ministerio da justiça ao sr. padre Pancada, ultimamente reprehendido porque n'um sermão proferiu tantas phrases desagradaveis para o imperador Guilherme e para o rei de Italia quantas as que o sr. Ennes empregou contra os lazaristas e contra o papa.

Perante os juizos da critica e perante a acção dos governos liberaes um sermão é uma obra d'arte exactamente como um folhetim. Homilias e epygrammas, sermões e artigos do fundo, ladainhas e charadas teem absolutamente identicos direitos e identicas garantias, como outras tantas manifestações do pensamento.

A justiça distribuitiva que dá ao sr. Ennes uma busina e ao sr. Pancada uma rolha compromette, por via dos instrumentos que nos faculta, a harmonia das ideas e o equilibrio das opiniões.

Nas relações internacionaes reconhecer ás grandes potencias que podem bombardear Lisboa privilegios juridicos denegados a um pobre pontifice desarmado é estabelecer um direito de força fatal ás nações pequenas e fracas.

Concluindo, reconhecemos que o sr. Ennes poz evidentemente o dedo sobre uma das chagas sociaes. Somente, em vez de achar a causa do mal, o sr. Ennes não encontrou senão um dos seus effeitos.

O padre Bergeret não é um factor, é um producto. Elle não apodrece as coisas em que toca; nasce innocentemente das coisas apodrecidas.

Ha uma gangrena terrivel,—a desorganisação

completa da educação domestica, a profunda ignorancia da mulher.

É n'esta podridão, *a ignorancia feminina*, que se cria este bicho, *o dominio clerical*.

Se querem acabar com o mosqueiro, levantem o monturo.

A côrte não tomou lucto por occasião da recente morte do duque de Loulé com o fundamento de que foi morganatico o casamento d'este fidalgo com sua alteza a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria, tia de sua magestade el-rei.

Este facto lança uma inesperada confusão no espirito das leis que até hoje regulavam os casamentos portuguezes.

É esta, cremos, a primeira vez que em Portugal se considera a qualidade morganatica de um consorcio, dando-se a essa palavra uma interpretação official que se nos affigura nova.

O casamento *ad morganaticam*, tambem chamado *de mão esquerda*, contraido modernamente por alguns principes allemães, toma este nome

quando por escriptura previa o marido restringe os direitos dos seus futuros filhos aos seus titulos ou aos seus bens, adjudicando a posse d'estes a parentes collateraes ou a filhos de um anterior matrimonio, ou quando se tem por fim, usando de uma faculdade prevista no codigo prussiano, denegar á mulher os direitos de familia e de gerarchia conferidos por lei *á esposa effectiva*.

De modo que, segundo a pratica allemã, os effeitos do casamento morganatico referem-se aos direitos do filho ou da mulher, e nunca aos do marido.

Comprehende-se effectivamente que os principes concedam a um principe a liberdade de contrair alliança conjugal com uma mulher que não seja inteiramente, como diz o codigo prussiano, sua *esposa effectiva*. Seria porém absurdo que os mesmos principes preparassem ás princesas a falsa posição resultante da alliança com homens que não sejam absolutamente *seus maridos effectivos*.

As mulheres com quem os principes vivem podem ser — concede-se-lhes isso — o que os principes quizerem. Mas os homens com quem as princezas se enlaçam que hão de permittir os

principes que elles sejam senão os maridos mais authenticos e mais legitimos?

. . .

Temos immensa pena de não possuir para propinar aos principes uma droga que lhes dissolva o seu funesto horror aos casamentos de condição desegual.

Ha longos annos que este preconceito de casta leva suas magestades e altezas a casarem-se unicamente com outras alteza se outras magestades. De sorte que desde a fixação das monarchias até hoje as casas reinantes acabaram por constituir uma familia e para assim dizer uma raça especial na humanidade.

Quasi todos os reis, teem hoje aproximadamente os mesmos typos physionomicos, de olhos azues, faces arredondadas e cabellos louros. O typo celtico, de rosto aquilino e agudo, de olhos negros, pelle morena, fronte alta e estreita, desappareceu de cima dos thronos. Os soberanos actuaes teem o mesmo sangue, fallam a mesma lingua, embrulham nas suas purpuras as mesmas enfermidades hereditarias e encerram dentro das suas corôas a mesma dimensão craneana e o mesmo volume cerebral.

Isto é uma calamidade physiologica e uma calamidade politica.

Politicamente succede que o soberano vem a ser o cidadão mais estranho á indole, ao caracter e ao temperamento nacional do paiz a que pertence. Não ha no Brasil typo menos brasileiro que o do imperador; não ha em Inglaterra typo menos inglez que o do principe de Galles; não ha em Portugal typo menos portuguez que o de sua magestade el-rei.

A primeira condição para occupar legitimamente um throno é não ter propriamente uma patria. Porque a patria não consiste unicamente na porção de solo e na porção de ceu que os nossos olhos encontram ao abrirem-se pela primeira vez á luz. A patria é o ponto do globo onde existem os homens da nossa raça, do nosso sangue, os que teem as nossas necessidades de temperamento, os nossos principios de educação as nossas idéas, os nossos costumes, as nossas tradições. A patria é a terra de que resultou para nós a familia, e que a familia por seu turno dominou com a influencia das suas leis.

Desde que se quebram as relações que unem a familia com o solo a patria deixa de existir.

É o que succede aos reis e aos principes de

sangue: por via da quebra successiva dos elementos consanguineos da nacionalidade na linha da ascendencia materna, elles são os perpetuos expatriados.

Formam no mundo uma tribu errante de throno em throno, de principado em principado. A terra em que os seus ascendentes nasceram e em que hão de nascer os seus netos depende do accaso dos casamentos. Como não contraem allianças matrimoniaes fóra da sua tribu, essa tribu constitue uma raça. Ora o destino de todas as raças é serem modificadas pelos elementos que n'ella immergem. Esses elementos ou a absorvem como nos Estados Unidos ou são absorvidos por ella como no Mexico e no Peru. Toda a raça que estaciona, degenera e decae. O judeu e o arabe tendem a desapparecer.

Assim desappareceerão os reis e os principes, fatalmente, impreterivelmente, pelo simples effeito das inilludiveis leis ethnologicas.

A decadencia da raça soberana é já manifesta. De Carlos Magno, cuja ossada, *grandia ossa*, conservada em *Aix La chapelle*, mede sete vezes o tamanho do seu pé adoptado por medida, até Affonso XII, o pallido, o franzino, o anemico rei actual de Hispanha, que incommensuravel abys-

mo! Para reconhecer *seu bom amigo e irmão* filho de Isabel a catholica, o filho de Pepino, o Breve, teria de o pôr vestido de preto sobre uma folha de papel branco e de o olhar por uma lente, ao olho do sol.

Pelo lado moral, entre Luiz XIV, que era elle proprio o Estado, até os modernos soberanos que não são no Estado mais do que uma hypothese ou uma metaphora, que decadencia!

Os antigos reis foram assaz intelligentes e assaz fortes para annularem o velho poder senhorial com a força do povo e para esmagarem em seguida a força do povo com a instituição do fisco e a instituição do exercito permanente — duas enormes invenções da sabedoria monarchica. Por muito tempo ficaram os monarchas sós no mundo a par de Deus. Tudo lhes pertencia a elles. Os homens que pensavam faziam-o para abrilhantar o reinado do seu principe, ou confirmar o poder do seu Deus. Os que escreviam faziam as reaes chronicas, celebravam os reaes feitos, divertiam os reaes ocios ou serviam as divinas lettras. Os que se aventuravam sobre as aguas do mar iam dilatar os dominios do seu rei e os da sua religião. Os que trabalhavam repartiam os fructos do seu trabalho com a igreja

e com a corôa. Os que tinham filhos, era para os darem ao rei; os que os não tinham era para offerecerem a sua pureza ao Senhor. Os que titubeavam na sua approvação de um enthusiasmo delirante por este estado de coisas eram traidores ou herejes. Para os traidores havia a bemdita forca; para os herejes, a santissima fogueira. Graças a esses dois poderosos elementos da tranquillidade publica e da ordem, a pacificação era geral e a felicidade dos povos não conhecia limites.

Por fim os reis degeneraram e enfraqueceram. Como viam vermelho e tinham suffocações plethoricas, sangraram-se e ficaram anemicos. A vida sedentaria, na igreja, no *boudoir*, na alcova, tornou-os tristes, nostalgicos, cheios de appetites nervosos, de debilidades e de terrores.

Os burguezes comprehenderam-o bem, e elles, tão timidos, tão subservientes, tão humildes ainda no seculo XVII, acharam os reis tão fracos, descorçoados e tibios no presente seculo, que se atreveram com elles, trataram-os de mano a mano, tornaram-se pouco e pouco altivos, arrogantes; impuseram-lhes constituições, impuseram-lhes ministerios, impuseram-lhes côrtes representativas, tiraram-lhes o direito de

levantar exercitos, o direito de lançar impostos, o direito de desembainhar a espada, e até o direito de abrir a bocca!

Cinco ou seis calças de coiro, filhos das tristes hervas, creados na lama das ruas e no esterco das escolas, repimparam-se nas espaldas de veludo bordadas de lizes de oiro, sob os doceis de brocado, e disseram aos successores de Sancho II, de D. Manuel, de Carlos V, de Francisco I e de Henrique IV: Quem manda agora aqui somos nós — nós e a carta!

E fazendo tanger o hymno, chegam a levar o rei em charola, de terra em terra como nas antigas procissões de negros e patifes, dando-o a vêr, a cheirar e a apalpar ao povo, em quanto os mandões do sitio, brejeiraes alcaides, corregedores villões e rapinantes almotacés desamadorram os seus chatos pés plebeus bailando a polka com formosas princezas delicadas, mimosas, brancas, ethereas, como as fugitivas visões dos bardos á beira dos lagos ideaes, sob o transcendente luar!

. · .

Oh! os reis vão-se! os reis vão-se! E não é a democracia que os condemna, é a biologia

que os dissolve, porque elles, creando os casamentos morganaticos, e considerando de mão esquerda as allianças deseguaes, attentaram contra a natureza e blasphemaram do amor.

No mesmo dia e á mesma hora em que o cadaver do duque de Loulé era pomposamente sepultado no cemiterio dos Prazeres, um pequeno grupo de individuos separados do grande prestito, tristes, silenciosos, de cabeça descoberta, acompanhavam á cova um caixão levado á mão por oito pobres e coberto por um velho panno de veludo de algodão distingido, com reflexos amarellados, franjado de galões ennegrecidos, e cuspido de grossos pingos de cera amarella.

Nós mesmos eramos d'este pobre enterro obscuro.

As ruas do cemiterio estavam cheias de espectadores, poderiamos dizer de *dilletanti*. Pessoas de todas as condições tinham ali vindo para vêr; operarios com as suas jallecas ao hombro e o cigarro ao canto da bocca; sujeitos bem ves-

tidos, com frescas gravatas de listas diagonaes encarnadas e azues; senhoras olhando por baixo das suas sombrinhas guarnecidas de renda; meretrizes fazendo ranger ao roçar pelos tumulos a gomma das suas largas saias rumorosas.

Fóra do cemiterio, as filas de carruagens descobertas postadas nas avenidas com senhoras em pé, tendo os leques abertos contra o sol, davam ao logar o aspecto animado e pittoresco de um hyppodromo em dia de *courses*. Os regimentos chegavam com garbo festival fazendo scintillar as bayonetas e as charlateiras, e ao som dos trechos mais vivazes da *Filha de madame Angot*, os coroneis, de espadas desembainhadas, batiam um compasso marcial com os seus gordos ventres mavorcios sobre os coldres dos selins. Os coupés rodavam animadamente e despejavam á entrada do cemiterio successivos uniformes recamados de ouro e cortados pelas fitas transversaes das grã-cruzes.

Nós fomos para a capella com o nosso morto. O caixão foi deposto a um lado, de travez, sobre dois cavalletes de ferro trazidos por um gato pingado. Um padre gordo, tendo acabado de comer, limpando os dentes com a lingua, veiu de sobrepelliz e stola, com uma vela suspensa

no dedo minimo pela asa do pavio, e, abrindo um livro, engrolou rapidamente um latim apressado, choiteiro, sem ceremonia, arregaçado, verdadeiro latim de pobre, como o aspecto d'esse feretro; e saimos logo, de fugida, aos encontrões dos gatos pingados e dos carrejões suados que chegavam com molhos de tochas para o enterro do sr. duque.

Atravessamos o cemiterio por entre a mais compacta, a mais animada, a mais ruidosa multidão. Como os empregados no serviço do funeral nos tinham inteiramente abandonado, enganámo-nos com a sepultura do nosso fallecido amigo, e fomos ter a um ponto opposto áquelle em que a sua cova o esperava. Então aquella boa gente, aquelle respeitavel publico, que tão difficilmente ri nos bailes de mascaras, no circo Price e na feira de Belem, achou-nos infinita graça e riu larga e gostosamente, riu muito mais de nós e do nosso morto do que na vespera se tinha rido de Secchi e de Withoyne. Aquella multidão teve ditos ironicos, picantes, finamente zombeteiros perante o comico aspecto que nós apresentavamos, vestidos de casacas pretas como outros tantos gafanhotos perdidos no meio das campas, levando o cadaver do nosso amigo como

uma grande papoula negra murcha e pendida sobre a alta herva.

Era effectivamente um espectaculo bem chulo e bem truanesco! E não obstante — é incrivel isto! — nós choravamos.

Não eram de saudade as nossas lagrimas n'esse momento; eram de ternura, eram de gratidão, eram de reconhecimento pelo bom humor jovial, pela fina graça, pela doce alegria bondosa d'aquelles cavalheiros que nos apupavam.

Acceitae o tributo d'estas lagrimas que vos pertencem, ó caros lisboetas patuscos! recebei-as nos vossos cangirões de Cartaxo, urnas funerarias em que tão bem se casa o vosso respeito pelos mortos com o vosso amor pelo vinho.

*

O cadaver que nós acompanhavamos á sepultura era o do conde de Rezende.

Esse corpo, que a vontade expressa do finado fazia enterrar tão pobremente, fôra habitado pelo mais elevado espirito que temos encontrado no mundo. O conde de Rezende reunia todas as qualidades que dão a superioridade e a distincção. Em Portugal, logo que o seu merito interviesse nas questões publicas, elle, só, constituiria

uma revolução e occuparia um logar extraordinario e unico. Como todo o homem eminente d'este seculo, possuia inteiramente a exegese moderna. Era encyclopedico. Tinha estudado profundamente as mathematicas, a physica e a chimica, a anathomia e a physiologia, a philosophia, a historia, o direito, as linguas, as litteraturas, as religiões, as raças, as estatisticas, os costumes. Faltava-lhe o espirito artistico, que é uma scintillação, mas que é tambem uma fraqueza, porque todo o artista participa um pouco da organisação sensivel das mulheres e das creanças; elle era inteiramente um homem, na mais forte accepção d'esta palavra. O seu temperamento frio, altivo, imperturbavel, coadunava-se bem com o seu pensamento de aço, rigido e cortante. Não havia problema que elle não resolvesse, não havia situação que elle não dominasse, não havia perigo de qualquer ordem ou de qualquer natureza que elle não calcasse impavidamente aos pés. Tinha o mais alto sentimento da honra, da dignidade, da justiça e do dever. Tomava a serio a vida e o destino humano. A sua grande alma precisava dos altos principios, das fortes luctas e dos rijos combates. Sorriam-lhe egualmente as grandes victo-

cias e os grandes desastres. Estava destinado a ser um heroe ou um martyr.

Na vespera do dia em que elle devia tomar assento na camara dos pares, uma catastrophe terrivel lançou um lucto eterno e uma dôr inextinguivel na amisade de alguns homens tragicamente separados desde então por um risco de sangue, que será para sempre indelevel se até hoje não conseguiram ainda apagal-o as sinceras lagrimas a que elle deu origem.

O lastimoso successo a que alludimos tocou profundamente o conde de Rezende. Os pontos luminosos do seu destino appareceram-lhe repentinamente apagados; a sua carreira, por isso mesmo que era essencialmente apparatosa e brilhante, figurou-se-lhe então, atravez do seu estado de espirito, absolutamente escura, insignificante e mesquinha. Se elle tivesse um estado, uma profissão, em que as suas faculdades podessem exercer-se no isolamento e na obscuridade, o conde de Rezende ter-se-hia por certo salvado. A politica portugueza porém, na qual elle era chamado a intervir, esta baixa politica sem principios, sem dignidade, sem elevação, pomposa de uma pompa barata e reles, repugnava ao seu fino espirito desilludido e magoado.

N'esta crise adoeceu. Os medicos mandaram-o para as aguas de Vichy. Nunca mais recuperou a saude.

A sua forte razão, que precisava absolutamente de principios e de convicções, a sua razão incompativel com a ociosidade e com a indifferença, lançou-se então na religião, no mysticismo theologico; no mundo sobrehumano, no problema dos destinos superiores e eternos.

Ferido mortalmente no seu organismo, tendo o figado inteiramente atrophiado, conhecendo perfeitamente o seu estado, viu de muito longe a morte, e durante tres annos esperou-a em cada dia, tranquillamente, imperturbavelmente, com uma serenidade glacial.

Para os seus amigos conservou constantemente, até á ultima hora, a sua distincta physionomia de fidalgo, de erudito, de homem do mundo. Transportado em braços para o seu *fauteuil*, com os joelhos abafados no seu *couvre-pieds*, um sobretudo abotoado até o pescoço, a cabeça coberta com o mesmo bonet de viagem com que tinha atravessado os Pyreneus e os Alpes, a sua conversação era ainda admiravel, cheia de factos, de idéas, de traços de critica rectilinea, precisa e faiscante. Entre a sua botija de agua quente e

os innumeros frascos das suas drogas medicinaes, cuja acção elle explicava espirituosamente com um grande luxo technico, o conde de Rezende tinha o segredo de ser tão interessante e tão distincto, de conservar tão inteiramente a linha, as maneiras, o grande ar, como se estivesse em *toilette* de baile n'uma recepção de côrte.

Um dia, ás 10 horas da manhã, o seu creado de quarto, tendo acabado de o vestir, disse-lhe: — «Se o sr. conde dá licença, mando á botica repetir o seu remedio.» Elle respondeu: — «Como quizer; mas é talvez inutil, porque eu morro d'aqui a uma ou duas horas.»

Em seguida pediu os sacramentos, recebeu as pessoas da sua familia e algumas da sua amisade, fallou como habitualmente, e pouco depois do meio dia expirou.

Os seus amigos perderam um insubstituivel companheiro, em quem a honra, a dignidade e o valor tinham as proporções da mais austera lição e do mais brilhante exemplo. A sua patria perdeu n'elle, extincto na mocidade, os germens de uma actividade operosa e fecunda, cujos fructos mostrariam mais tarde que o conde de Rezende era um dos espiritos mais rija e mais for-

temente armados para a lucta moderna, uma intelligencia deslumbrante, e um raro caracter, dos poucos que honram a humanidade assignalando o homem da mais completa e da mais perfeita qualidade.

Não teve no cemiterio as honras devidas á sua gerarchia de conde, de almirante, de official mór e de par do reino. Tambem não teve na imprensa o cortejo litterario do necrologio, o elogio funebre.

Pobre amigo! desappareceste da terra tão obscuramente como se fosses uma coisa inutil! Descança porém em paz, porque não foste esteril nem infructifero no mundo. Ter uma alma temperada como a tua, ser um homem como tu foste, ainda que na esphera mais recolhida e mais obscura, é realisar uma boa e difficil obra, é deixar no mundo uma contribuição poderosa para o grande e eterno aperfeiçoamento humano, — é merecer finalmente a mais doce companhia que pode seguir-nos ao tumulo : a saudade dos nossos amigos e a benção dos nossos similhantes.

O visconde de Castilho, o mais antigo e o mais qualificado representante da geração litteraria que nos precedeu, deixou de existir.

Desvelado cultor da lingua, eximio e incomparavel artifice da palavra, da linguagem e do metro, o visconde de Castilho é pela sua influencia no movimento das ideias contemporaneas a mais perfeita imagem do espirito academico.

Na vida dos povos ha duas forças propulsoras da civilisação, de cujo encontro resulta a grande lucta da progresso. Uma d'estas forças procede da tradicção e do costume, a outra procede da rebellião e da resistencia. Todo o costume na phase actual da nossa vida historica começou por ser uma resistencia scientifica. Toda a resistencia scientifica está destinada a converter-se em costume, se uma acção extranha não perturbar a lei geral do progresso.

A personalidade litteraria do sr. visconde de Castilho representava para nós uma antiga resistencia convertida já n'um dos costumes de que as academias são o receptaculo e o asylo.

Homem reconhecidamente superior, o visconde de Castilho tinha para a geração moderna o defeito d'essa qualidade.

Para nós, por exemplo, se é licito citarmo-nos

não por vaidade de um parallelo mas unicamente para clareza de uma ideia, para nós,— ousamos dizel-o humildemente sobre essa campa veneranda, — o visconde de Castilho era um adversario.

De ha muito que os homens da nossa geração são accusados de combater irreverentemente e accintosamente os grandes vultos consagrados, as glorias nacionaes. É preciso que alguem tenha a coragem de acceitar esta acusação. Acceitamol-a nós, e confessamos claramente que a merecemos.

Todo o homem que chega á superioridade indiscutida e para assim dizer canonisada nós combatemol-o como um inimigo, porque o consideramos um obstaculo.

Todo aquelle que adquire a glorificação proveniente dos applausos geraes entra na tradição, perde a força da contemporaneidade, pertence pelas suas ideias a uma geração preterita e mantem no entanto ao abrigo do seu nome illustre e vivo antigos erros que a gloria sustenta, a despeito da critica, da logica e da verdade.

A gloria é um estacionamento e um fim.

Um poeta, um litterato, um escriptor, é um homem de combate e de guerra. Como tal o que

lhe cumpre fazer depois de cada victoria é pendurar a sua corôa e tornar a desembainhar a sua espada. Logo que elle mette a corôa na cabeça e deixa a espada na bainha sae do campo e entra na galeria; está encaixilhado na sua obra; é um quadro.

Tal se nos representava o sr. visconde de Castilho, tal se nos figura ainda em vida o sr. Alexandre Herculano.

Isto não é uma fatalidade dos annos. Da geração do sr. visconde de Castilho é tambem Victor Hugo. Este porem não acceitou a consagração da superioridade. Cada um dos seus livros representa um periodo novo na historia do seu espirito; cada uma das suas obras, se é em parte a ampliação, é em outra parte a refutação da obra que a precedeu. Os que tinham glorificado as *Orientaes* desdisseram-se diante do apparecimento dos *Chatiments*; os que tinham applaudido as *Contemplações* assobiaram o *Anno terrivel* os que tinham decidido que *Notre Dame* era o primeiro dos romances historicos classificaram como ultimo dos ditos romances *Quatre-vingt-treize*.

O grande valor dynamico d'esse extraordinario espirito está exactamente n'essa oscillação do

applauso, e o seu maior elogio é o alto privilegio de ser ruidosamente combatido e contestado aos 70 annos de idade exactamente como o fora aos vinte.

Assim como Victor Hugo escreveu as *Folhas do outomno* e os *Cantos do crepusculo*, escreveu o visconde de Castilho *A primavera* e o *Amor e melancholia*. A differença é que depois d'isso, Victor Hugo continuou a viver na peleja e na lucta, e o visconde de Castilho passou a existir na região apathica da immortalidade e da gloria.

Alheio ao movimento moderno da sciencia, o visconde de Castilho não ficou porem ocioso. A morte arrancou-lhe da mão a sua penna de traductor delicado e perfeitissimo. Esta fidelidade ao trabalho não é o menor dos titulos ao respeito profundo com que nos inclinamos á beira do seu tumulo, reconhecendo diante d'elle com gratidão e com agradecimento que o pouco ou muito que somos o devemos áquelles que nos precederam na applicação e no estudo, e cujo trabalho, em direcção egual, em direcção differente ou em direcção opposta, nós somos chamados, cada um na esphera dos seus meios, a continuar e a proseguir.

Ex.^{mo} sr. ministro do reino:

O estado em que se acha em Portugal a instrucção secundaria leva-me a dirigir a v. ex.ª o seguinte aviso:

Se a instrucção secundaria não fôr immediatamente reformada, este ramo do ensino publico acabará dentro de dois ou tres annos.

. . .

A frequencia dos lyceus nacionaes, como v. ex.ª verá das respectivas estatisticas, diminue de anno para anno. Pouco tempo mais, e os alumnos terão desapparecido inteiramente. Ainda uma derradeira experiencia, e ninguem mais quererá em Portugal entregar ao Estado o ensino de uma criança.

Esta abstenção é a mais vergonhosa das revoluções que podem atacar uma instituição. É a opposição pelo desdem, é a revolta manifestada pelo desprezo publico.

E no entanto todos desejam instruir os seus filhos; o numero dos alumnos propostos a exame augmenta extraordinariamente; os collegios são maus; os cidadãos são pobres; o estado faculta a instrucção gratuita n'um collegio que deveria

considerar-se modelo; pois bem: ninguem quer essa instrucção!

No lyceu de Lisboa apresentaram-se a exame 1712 alumnos. D'estes cursaram as aulas do lyceu apenas 66!

Quaes as rasões d'este despreso pelo ensino official? As seguintes:

1.º Porque não ha um edificio para as escolas.

2.º Porque as casas em que ellas existem provisoriamente são immundas, de um aspecto vicioso, relaxado, desmoralisador. Não tem jardim nem agua nem flôres. As classes são perturbadas pelos ruidos da rua. Os corredores não teem luz nem ar. As paredes, enegrecidas, estão cobertas de disticos e de desenhos obscenos. A ordem é mantida por dois guardas que servem simultaneamente de continuos e de creados. Alguns soldados da guarda municipal reforçam a policia. Os alumnos, abandonados a si mesmos, fumam cigarros nos corredores ou nas latrinas, de cujo aspecto sinto não poder dizer a v. ex.ª senão que parecem viradas com o de dentro para fóra. A direcção superior do estabelecimento, intelligente e zelosa, não tem meios de remediar este estado.

3.° Porque o regulamento dos cursos torna extremamente arrastado e moroso o ensino.

4.° Porque os compendios adoptados são geralmente absurdos e offensivos da intelligencia e do senso commum.

5.° Porque não ha salas de estudo, sendo os alumnos inteiramente abandonados pelos professores depois da hora da aula.

6.° Porque ha cerca de quatro mezes de ferias, os quaes juntos a trinta e seis quintas feiras e a varios outros dias feriados, reduzem o anno lectivo a seis mezes de trabalho.

Para transformar este lastimoso estado em que se acha o ensino secundario na primeira cidade do reino é urgentissimo:

1.° Que v. ex.ª mande levantar um vasto edificio com todas as condições de ventilação, de luz, de aceio e de elegancia, indispensaveis n'um estabelecimento de educação publica.

2.° Que os programmas sejam de novo discutidos e reformados. Para isto: a) Que se abra concurso publico para a apresentação do melhor programma de instrucção secundaria; b) Que um premio condigno seja adjudicado ao auctor do programma reconhecido como mais perfeito.

3.° Que sobre as bases do programma de que

trata o artigo antecedente, se abra concurso para os compendios que houverem de ser adoptados, estabelecendo-se para o auctor de cada compendio approvado uma retribuição nunca inferior a dois contos de réis, quantia que o estado reembolsará da venda dos mesmos compendios. Advertindo: a) Que não haverá mais de um compendio para cada disciplina. b) Que o concurso para os compendios adoptados será renovado de cinco em cinco annos.

4.° Que se estabeleçam as salas de estudo, nas quaes o alumno deverá applicar-se durante tres horas pelo menos em cada dia sob a direcção do professor respectivo.

5.° Que a hora de entrada no lyceu seja ás oito horas da manhã e a sahida depois das quatro da tarde, não sendo permittido a nenhum alumno sahir do edificio antes do praso indicado, e sendo o seu tempo distribuido de modo que elle tenha em cada dia: tres horas de lição; tres horas de estudo; quinze minutos para almoçar ao meio dia; duas horas de gymnastica e de solfejo em tres dias na semana, e nos outros tres dias duas horas de trabalho mechanico, para o que deverão existir nas officinas do lyceu o torno e a serra mechanica, o prelo e a caixa

typographica, os apparelhos da telegraphia, a machina photographica, etc.

6.º Que todos os professores sejam obrigados a permanecer no lyceu durante cinco horas, pelo menos, em cada dia.

7.º Que a policia e a ordem sejam mantidas de fórma que o alumno esteja constantemente occupado e constantemente vigiado.

8.º Que se admitta o semi-internato para os alumnos que o requererem.

9.º Que sejam abolidos os feriados á quinta feira, havendo um só mez de ferias em todo o anno.

. ˙ .

Esta questão, para a qual tenho a honra de chamar a attenção de v. ex.ª, é de uma importancia vital e sobreleva a todas aquellas de que se possa occupar o governo de que v. ex.ª faz parte.

O ensino secondario, ou mais propriamente o *ensino medio*, isto é, o que deve ser collocado entre a instrucção primaria e a instrucção secundaria classica, e tem por fim preparar o homem para todas as profissões que estão fóra das carreiras scientificas e das carreiras publicas, é aquella parte da instrucção que determina o

nivel geral da intelligencia e da capacidade de um povo.

É a necessidade d'este ensino que correspondem as escolas fundadas na Allemanha com os nomes de *escolas communaes medias, escolas municipaes, escolas de grau superior para creanças*. O ministro da instrucção publica na Allemanha publicou não ha muito uma circular mostrando que são estes estabelecimentos de instrucção os que mais correspondem ás necessidade do tempo actual e que é preciso desenvolver o mais possivel nas communas.

Cada uma das novas escolas medias da Allemanha tem cinco classes ascendentes com cincoenta alumnos em cada classe, existindo em cada escola uma bibliotheca especial com os livros mais modernos de sciencia para uso dos professores.

Na Hollanda o sr. Korbecke, ministro do reino neerlandez, indica, no relatorio dos motivos que tem a lei para estabelecer o ensino profissional medio, o caracter dominante que deve ter o ensino, nas palavras seguintes:

O caracter principal do *ensino medio* regulado pelo Estado deve ser uma preparação geral quer para uma posição social, quer para o serviço

publico. Não está no pensamento do Estado educar alumnos para um ramo de instrucção qualquer, nem transformar as escolas em officinas; o que o governo propõe não é ensinar a pratica nas suas minudencias, mas desenvolver o espirito e os orgãos de modo que elles se tornem aptos para a vida pratica.

Foi este mesmo pensamento que serviu de base aos programmas adoptados na Inglaterra, na Allemanha e nos Estados Unidos.

Na Russia o relatorio do ministerio da instrucção publica em 1873 annunciava que o facto capital da instrucção publica n'esse anno era a sancção dada pelo imperador ao regulamento das novas escolas. «Em quanto, diz o relatorio, os estudos theoricos e classicos ficam sendo o apanagio dos Gymnasios, ás escolas profissionaes tocará o encargo de dirigir o ensino geral para um fim pratico, preparando a mocidade para uma fecunda actividade nos differentes ramos do commercio e da industria. Portanto o estudo das diversas sciencias, particularmente da physica, da chimica, da mechanica e do desenho é especialmente dirigido para a applicação e apropriado ao destino e ás capacidades dos estudantes; nas altas classes estes poderão escolher o ramo

dos estudos que se adapte melhor ás suas futuras occupações. *Graças a esta reforma*, acrescenta o relatorio, *esperamos ver diminuir o numero das educações incompletas, flagello das familias e da sociedade.*»

Immediatamente depois do novo regulamento dos estudos na Russia, quarenta assembléas provinciaes pediram a introducção das escolas profissionaes nas suas localidades, destinando sommas mais ou menos importantes ao estabelecimento dos novos estudos.

Na Italia, Cavour, referindo-se a esta especie de ensino, dizia: O excesso da educação classica é a causa do desequilibrio moral que produz lamentaveis consequencias. Em vez de elevar a massa dos homens para fazer d'elles habeis productores, aptos para percorrerem as numerosas carreiras que a agricultura, o commercio, a industria offerecem ás classes medias e ás classes superiores, não se tem trabalhdo até hoje senão em fazer homens de lettras e homens de toga, doutores e rhetoricos. Não hesito em dizer que em minha opinião este desaccordo entre as necessidades da sociedade e o systema da educação que herdamos de nossos paes, é uma das causas principaes do desaccordo moral que afflige

muitas das nações que caminham á frente da civilisação.

Em França são extremamente numerosos e importantissimos os trabalhos publicados com o fim de reformar a instrucção secundaria no sentido alludido. Entre esses estudos sobresaem os dos ministros da Instrucção Publica Duruy e Jules Simon e os dos srs. Guizot, Cousin, Saint-Marc Girardin, Victor de Tracy, etc.

Depois da guerra da Prussia o ensino medio foi consideravelmente melhorado em França. Em Paris o collegio Turgot e o lyceu Chaptal teem adaptado quanto possivel o programma dos estudos ás necessidades da vida moderna. Só no lyceu Chaptal, onde é obrigatoria a aprendizagem de um officio, ha onze mestres de inglez e oito de allemão; todos os professores são obrigados a superintenderem na vigilancia dos alumnos, e muitos d'elles são permanentes no edificio.

. ˙ .

Dispenso-me, ex.^{mo} sr., de qualquer parallelo. Direi apenas que a educação scientifica, que tem por fim preparar o homem para a vida pratica, isto é, a instrucção media, em Portugal, é nulla.

Nos lyceus e nos collegios, organisados na-

turalmente á imagem e similhança dos lyceus, o estudante não adquire uma idéa.

A base de toda a instrucção secundaria é a grammatica. A grammatica, ex.^mo sr.! tudo o que ha de mais abstracto! tudo o que ha de mais inutil na vida pratica!

A geographia, qual se ensina, é um simples exercicio da memoria.

A historia é uma collecção de anedoctas.

As linguas vivas são uma pura applicação grammatical. De cem alumnos não ha dois que fallem o francez ou o inglez.

O terceiro anno de portuguez é um curso de rhetorica, de pedantismo e de banalidade.

A philosophia é uma burla, uma logração palavrosa encobrindo um verdadeiro roubo feito pelo ensino á intelligencia do estudante.

Tive ha poucos dias occasião de conversar largamente com um intelligente alumno de 15 annos, que fez exames muito brilhantes e tem quasi concluido o seu curso de p·eparatorios para a faculdade de direito. Eis, em resumo, o inventario dos conhecimentos d'este alumno, que podemos considerar o estudante completo, o alumno typo:

Extremamente forte em synthaxe. Conhece

todas as figuras de grammatica e de rhetorica. Distingue todos os metros e todos os generos de eloquencia e de poesia. Não tem a minima ideia da civilisação romana, mas traduz soffrivelmente Tito Livio. Sabe optimamente os nomes de quasi todos os rios, mares, ilhas e cabos. Acha com facilidade o aureo numero e as epactas. Sabe quem foi Semiramis, Nero, Cleopatra, Mafoma, Saul e outros personagens. Dá rapidamente as diffinições de entimemma, syllogismo, dilemma e outros raciocinios. Tambem diz com promptidão o que é o *absoluto* e tem opiniões acerca do *livre arbitrio* e da *immortalidade da alma*. Traduz Noël et Laplace e a selecta ingleza do sr. Ferraz.

Perguntei a este joven sabio se sabia o que era o pão que tinha comido pela manhã ao almoço? não sabia. Porque subia o azeite na torcida dos candieiros? tambem não sabia. O que era o figado? O cerebro? O que era o vento? O vapor? O para-raios? As correntes atmosphericas? As marés? Os planetas? As correlações dos valles e dos rios? A evolução dos vegetaes? Nada d'isto sabia. Elle conhecia a historia de Nero, de Caligula, de Alexandre, de Attila, de Heliogabalo, de todos os guerreiros, de todos os

conquistadores, de todos os tyrannos, de todos os monstros. Indaguei se conhecia egualmente a historia dos grandes bemfeitores da humanidade, se saberia os nomes d'aquelles que descobriram a vaccina, a circulação do sangue, o galvanismo, a imprensa, o telegrapho electrico, a navegação a vapor; se tinha alguma ideia da obra dos grandes artistas, de Velasquez, de Bethowen, de Miguel Angelo, de Mozart, de Bernardo Pallissy. Nunca ouvira fallar n'estes nomes. Ignorava egualmente os dos escriptores que mais se dedicaram pelo bem, pela verdade e pela justiça, dos que mais contribuiram para a liberdade do espirito, para a felicidade do homem, Santo Agostinho, Luthero, S. Thomaz, Fenelon, Morus, Frœbel, Proudhon, Michelet.

Finalmente, ex.^mo^ sr., ao cabo de sete ou oito annos de estudos, aquelle rapaz que passara a sua infancia sobre os livros, que lhes sacrificara o seu desenvolvimento physico, que estava pequeno, magro, lympathico, anemico, — ao cabo de tantos sacrificios, approvado em todos os seus exames, — tinha a sua cabeça inteiramente vasia.

Toda a educação consta d'estes dois elementos distinctos: instrumentos e ideias. A educação portugueza ministra, ainda que imperfeitos

alguns instrumentos, mas de nenhum modo suscita no homem a actividade mental.

Aprende-se tudo, menos a discorrer, a descobrir, a pensar, a sentir, a sentir conscientemente analysando, criticando, dominando a sensação. Tem-se uma educação por via da qual se pode chegar a ser um bacharel, um deputado, um escriptor, um empregado publico, talvez mesmo um sabio, mas nunca um homem.

É urgente para a regeneração intellectual e moral da raça nacional profundamente abatida, apathica, enfraquecida, indifferente, que dos nossos lyceus desappareça o dogmatismo, o classicismo, a rhetorica, a metaphysica, a oratoria, a theoria grammatical. E que estes conhecimentos, abstractos e inuteis, sejam substituidos pelas noções da cosmographia, da anathomia, da mechanica, da hygiene, da economia politica e da economia domestica. Que as linguas vivas se aprendam no intuito principal de as entender e de as fallar.

Que as lições se tornem, quanto seja possivel, experimentaes e praticas. Que sejam obrigatorias as visitas de estudo ás grandes manufacturas, aos arsenaes, ás alfandegas, ás galerias e ás repartições do Estado nas grandes cidades, e

nas provincias aos estabelecimentos fabris, ás quintas regionaes, ás grandes e ás pequenas lavouras.

Os dinheiros do Estado não chegam para o grande augmento de despesa que este serviço demanda. É verdade isso, mas ha quanto tempo não chega o dinheiro do Estado para os gastos que elle emprehende?! Não se está cobrindo o paiz todo de caminhos de ferro? Não é verdade que nós começamos a andar de mais no espaço para quem ha tantos annos não caminha nada no tempo? Não será chegado ainda o momento de olharmos um pouco para esta segunda viação: — a viação do espirito?

O Estado em Portugal tira-nos da ignorancia abcedaria para nos lançar em seguida n'uma ignorancia ainda mais perniciosa que a ignorancia dos analphabetos: a ignorancia resultante da falsa instrucção e da falsa sciencia.

Se não ha dinheiro para nos educar inteiramente, poupe-se então o dinheiro dispendido em fingir que nos educam, e acabem para sempre os lyceus!

Quando não, colloque-se a instrucção na estrada que ella deve percorrer, contraia-se para isso um grande emprestimo, e lance-se para o

amortisar um novo tributo! Nenhum cidadão deixará de concorrer voluntariamente para que os seus filhos deixem de ser no futuro o que nós actualmente somos: — uma geração de inuteis, incapazes de trabalho, de perseverança, de ordem, de economia, inhabeis para tudo quanto não sejam as carreiras publicas ou as carreiras litterarias, fóra das quaes uma numerosa mocidade desempregada estaciona, devorada pelos vicios do ocio e pelas explorações da usura.

De v. ex.ª
antigo amigo dedicado.

Segundo as extraordinarias revelações do relatorio ultimamente publicado pela companhia das aguas, o numero das pessoas que consomem agua em Lisboa tende — *a diminuir!*

Segundo os dados apresentados os consumidores eram, em 1871, 2:604; em 1872, 1:713; em 1873, 1:053. N'esta proporção os consumidores d'agua terão desapparecido inteiramente dentro de quatro ou cinco annos.

E é para isto que se pede com urgencia o Alviella — para não haver quem o gaste!

Lisboa quer o Alviella para o mostrar; quer o Alviella para fazer crer aos extrangeiros que lava a cara; quer o Alviella como um apparato, como um luxo, como uma justificação!

Quando o Alviella chegar, as familias irão vel-o de cima de uma ponte, com as suas galochas calçadas; olharão para elle; cuspir-lhe-hão em cima; fazer-lhe-hão *o o* com a saliva na superficie, e exclamarão:—*Ó meu Deus! como nós temos as orelhas limpas!*

. ˙ .

Mas para estes resultados é talvez demasiado que a companhia gaste cinco mil contos em comprar um rio. Como objecto de ostentação parece-nos sufficiente que a cidade compre simplesmente um bidet.

. ˙ .

A questão do aceio em Lisboa não é um negocio commercial que possa ser entregue a uma

companhia; é um negocio publico que precisa absolutamente de ser tratado pelo Estado.

Com relação ao aceio o que ha evidentemente que fazer é tornal-o obrigatorio, como a instrucção.

Vender a agua por medida é lançar sobre o consumidor um imposto que dá em resultado exactamente o contrario d'aquillo que se tem em vista conseguir.

Vender a agua por medida é augmentar a despesa na proporção do aceio.

É estabelecer um premio pecuniario á porcaria.

É fazer da agua um objecto sumptuario.

É o mesmo que dizer: Quem lavar a ponta do nariz gasta 5; quem lavar a ponta do nariz e uma orelha gasta 10; quem além d'isto lavar tambem a outra orelha gasta 15; e assim por diante até que quem houver de se lavar todo precisa de ser capitalista.

É a isto que a companhia das aguas chama no seu relatorio promover o consumo!

Promover o consumo, segundo a companhia, é pôr em casa de cada um uma torneira e um contador que marcará na conta do consumidor cada gota d'agua que essa torneira dispender.

Ora isto não é animar o consumo; é prohibil-o.

. ˙ .

Ha um imposto chamado pessoal e lançado a cada familia sobre o preço da renda da casa em que ella habita. Este imposto representa a quota que cada um paga á civilisação pelo simples facto de estar vivo.

É preciso que a este imposto seja addicionada a quota que cada um tem obrigação de pagar pelo facto complexo de estar lavado.

Percebido este tributo geral, a que nenhum cidadão se poderá eximir, e cuja importancia representará o preço da agua adquirida pelo Estado e dada aos consumidores pelo custo, cada um dispenderá a agua que quizer.

N'este caso o preço da agua ficará, como deve ficar, na proporção inversa do aceio.

A agua custará tanto menos quanto mais se gastar.

Será como nos jantares por cabeça, em que o proveito é de quem mais come.

. ˙ .

Em quanto o serviço das aguas se não esta-

belecer nas bases que indicamos, Lisboa continuará como até aqui a não se banhar senão no Tejo, pelo verão.

Ora como o logar em que os banhos se tomam é exactamente o mesmo em que os canos se despejam, este habito de aceio dá em resultado absorver-se de manhã pela pelle o que na vespera á noite se deitou fóra pelo cano. E assim se explica o seguinte dialogo ouvido ha dias n'um gabinete de uma barca:

Uma voz — Eu estou a conhecer este banho! Eu já vi este banho em alguma parte!

Outra voz — De certo que sim, minha senhora: este banho é lá de casa; este banho deitei-o eu hontem á pia.

O sr. visconde de Monte São, decano da faculdade de philosophia na Universidade de Coimbra, reprovou em exame de botanica um alumno proposto a premio pelo professor da cadeira respectiva.

As circumstancias que acompanharam este

caso levaram a presumir contra a independencia e contra a integridade scientifica do sr. visconde de Monte São. S. ex.ª foi processado e condemnado pela Universidade.

O alumno reprovado appella para um jury que haja de julgal-o novamente. A junta consultiva da instrucção publica acaba de denegar esse direito de appellação ao alumno.

.·.

Desconhecendo os fundamentos da resolução tomada pela junta consultiva, a qual nos propomos estudar se ella se tornar publica, offerece-se-nos notar desde já:

1.º Que o estudante reprovado pelo sr. visconde não requeria que o approvassem; requeria simplesmente que o julgassem de novo, visto ser de tal ordem o juizo de que elle fora objecto que deu fundamento a ser processado e condemnado aquelle que o enunciou.

2.º Que o folheto em que o sr. visconde tornou publica a sua justificação prova apenas que s. ex.ª é um espirito acanhado, um sabio mediocre e um escriptor excessivamente ordinario.

3.º Que é absurdamente despotico, que é in-

quisitorial, que é finalmente antigo, restringir sem appellação nem aggravo a sorte de um estudante, que é para o Estado um cidadão tão respeitavel como qualquer outro, á vontade suprema e infallivel de um professor.

4.° Que nos casos de conflicto de direito entre o alumno e o professor sessam as considerações pela dignidade do magisterio.

5.° Que para os effeitos especiaes da instrucção, o estudante é o objecto e o fim; o mestre é apenas o meio. Falsear o fim é compromettter a instituição na sua essencia vital. Modificar os meios equivale simplesmente a substituir um instrumento.

N'este sentido, que se nos figura dever constituir o criterio dos poderes publicos, o alumno é quasi tudo, o professor é quasi nada.

Voltaremos a este importante assumpto.

EÇA de QUEIROZ
RAMALHO ORTIGÃO
AS FARPAS
S. Ph.
heliog.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

NOVA SÉRIE

TOMO I

Dezembro—1875

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1875

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

Principiamos por tratar de nós mesmos. Passa-se á theoria do riso. A opinião de Quintiliano, a de Aristoteles, a de Schlegel, a de J. P. Richter, e a nossa. De como o rosto da sociedade portugueza tem um nariz de papelão, e qual a philosophia d'essa falsa cartilagem. Do que pensam o sr. Fontes Pereira de Mello, o Poder Moderador e mais o paiz quando todos tres se acham de chinelas. — A arte e sua theoria. Estado geral das ideias e dos principios. Discordancia entre as aspirações dos individuos e as instituições sociaes. Irresponsabilidade geral. Necessidade de uma renovação do senso commum. Põe-se uma tipoia noctambula á disposição do Ideal.— A sociedade protectora dos animaes. Desiquilibrio do paiz entre as forças e os movimentos. Do peso que cada um puxa. Considerações economicas e sentimentaes sobre as costelletas e sobre o panno piloto. — *Le roi s'amuse*, recente publicação hispanhola com alguns commentarios no espirito conservador e monarchico. — Nossa opinião ácerca da agua de Nossa Senhora de Lourdes. Dirigem-se aos milagres algumas palavras affectuosas e benevolas tendentes a aconselhal-os. — O principe de Galles e Gen-

ner.—Notavel e memoranda opinião portugueza ácerca do barão Humboldt. — Sabe-se terminantemente o que quer a geração nova.— Effeitos da agua de Vidago sobre o sceptro e seu respectivo figado.

Leitor!

Ha quatro annos que, por uma bella manhã de maio,—como no principio dos romances de Paulo de Kock—dois sujeitos, decentes e satisfeitos, com as suas luvas amarellas, as suas bengalas de tojo, um jasmim na casa da sobrecasaca, se te apresentavam cortezmente e te offereciam, para ti e para a tua familia, o primeiro d'estes pequenos livros risonhos e picantes.

Desde esse dia até hoje, com mais ou menos espaços — intermittencias da fantazia, quartãs de cerebros submettidos pela fatalidade do meio á paludosa preguiça luzitana—as *Farpas* teem-te sido fieis.

Umas vezes frescas como uma fôrma de manteiga de Cintra com a sua fôlha de vinha por baixo, outras vezes seccas, mas boas ainda assim—boas para ralar, como o queijo velho—as *Farpas* teem mantido na alimentação do teu espirito a responsabilidade dos desenjoativos innocentes, que não ha perigo em abandonar ao

appetite das mulheres ou á curiosidade das creanças.

. ˙ .

Não tem sido talvez absolutamente inutil a influencia d'estes modestos livros. Os seus contactos familiares, as suas convivencias caseiras teem creado obscuramente o nucleo de uma força nova na critica dos costumes: — a força que dá o riso.

Levanta a tua boa risada burgueza, honesta e convicta, leitor amigo! levanta-a ao teu canto, com o teu amigo, com a tua mulher e com o teu filho, e deixa que os outros poderes do mundo levantem contra ti os exercitos!

Quando a gargalhada dos homens sensatos, passeia por tres vezes em redor de uma instituição—que ella se chame o tribunal, que se chame a força armada, que se chame a igreja, que se chame a corôa, —essa instituição cáe.

. ˙ .

Por mais de uma vez nos disseram que tinhamos—nós, os auctores das *Farpas*—a faculdade de produzir o riso sobre um facto, sobre uma idéa, sobre um individuo.

Como haviamos de subtrahir-nos á responsa-

bilidade enorme de similhante elogio? D'este modo: escondendo-nos um atraz do outro. — Vantagem de sermos dois!

— Trata-se do que tem a *verve*? do que lança um dito como o besteiro lança uma seta, cravando-a no alvo? Do que faz sob a sua mão estalar o riso como estalam no bolero umas castanholas?... Perdão, meus senhores, — esse não sou eu. Esse é o meu amigo, — o que ficou em casa.

E cada um de nós, por sua vez, se inclinava discreto e soturno, profundo de melancolia e de modestia, como uma tocha de enterro vergada, que derrete, silenciosamente, em pingos lugubres.

Por fim um de nós partiu e levou comsigo o alforge das pilherias. Porque era elle o que tinha o farnel. Ainda uma vez me inclino e o juro — que era elle! Ficou o outro, só, com o saco das responsabilidades ao pescoço e com o leitor em frente.

O que se encontrou n'esta conjunctura perguntou então pela primeira vez em sua vida o que era o riso na arte. Perguntou-o a si mesmo. Perguntou-o aos philosophos e aos criticos. Cicero e Quintiliano davam a questão por insolu-

vel. Aristoteles attribuia o riso ao effeito de uma difformidade inoffensiva. Floegel entendia que a suprema influencia do riso era um preto com patas de cavallo posto ao pé de um imperador romano com dois narizes...

Difficil, muito difficil ao auctor comico, enencontrar para os seus effeitos imperadores com dois narizes, na epoca presente que apenas permitte ás pompas imperiaes um nariz unico e ainda esse, — ou seja pelos effeitos da vindicta popular ou seja pelo abuso dos prazeres cezarios, — umas vezes comido e outras vezes quebrado!

Schlegel tinha a opinião de que o comico é a expressão da vida negativa...

Difficil tambem de achar, essa expressão!

Finalmente João Paulo Richter provou-lhe que o riso era o resultado de um contraste.

Na philosophia moderna,—perante a qual o *absoluto* acabou e a unica coisa absoluta que resta é o principio de que *tudo é relativo* — sabe-se que o universo é um *modo de parecer*. Ora o contraste de que procede o riso é o que a arte extrae de dois *modos de parecer* diversos que a mesma coisa apresenta.

Vi os grandes artistas acharem esse contraste

e produzirem o riso. Eis aqui o processo que elles empregavam:

. · .

Imagine o leitor, por um momento, que temos aqui, deante de nós, que as estamos vendo, duas coisas inteiramente diversas entre si: a metaphisica, por exemplo, e um peru.

O artista na elaboração do comico pegava na metaphysica e dizia: «Proponho-me provar que esta coisa que todos comprehendem ser a metaphysica não é a metaphysica, é o peru.» E em seguida demonstrava que ella era um grande passaro domestico, de capoeira, que tinha duas azas e duas pernas, que estava coberta de pennas, que tinha um bico e um monco encarnado por cima do bico, que possuia a propriedade de se encrespar, de enrufar as pennas, de comer nozes e de dizer *glu-glu-glu* nos seus momentos de communicabilidade e de expansão.

Quando os espectadores viam provar-se até á evidencia que a metaphysica era uma ave de capoeira, que tinha bico e que tinha monco, que encrespava as pennas, que seria talvez boa assada, com recheio dentro, os espectadores riam, riam, riam!

—A metaphysica—diziam elles—sabem? a nossa metaphysica, a bem conhecida metaphysica, provou elle que era um peru, que não passava para elle de um peru! Que graça! que veia!—Muito bem! muitissimo bem!

. . .

Á força de assistir ao espectaculo, resolvi-me um dia—tão ousada é a inexperiencia e a ignorancia!—a ir eu mesmo tentar em publico a grande sorte tão applaudida, tão victoriada.

Peguei no peru, revesti-me de valor e disse commigo:

«Vamos demonstrar que o peru é a metaphysica.»

Subimos então ambos á nobre tribuna da publicidade, um seguro pelo outro; o peru e eu; eu com o pulso febril, o rosto pallido, o coração palpitante; elle indifferente, submisso, resignado a ser aquillo que eu quizesse—um estado de espirito ou um prato de meio.

Pedi venia, alonguei o braço, mostrei o peru, suspenso no tempo e no espaço, seguro pelas pernas.

— Meus senhores e minhas senhoras! Aqui está um peru, não é verdade? Pois bem, proponho-me demonstrar-vos....

—Não! não! gritaram muitas vozes. Isso não é o peru. Isso agora, que tu ahi tens, é a metaphysica. Oh! bem a conhecemos! ahi está ella! ahi está ella, na tua mão, a — bulir!

Detive-me então por um momento, comprimi no meu peito a surpreza que o enchia. A mola occulta do riso, o segredo da gargalhada estavam achados, como todas as grandes descobertas, pelo acaso! O aspecto anormal das coisas, o aspecto revirado, o aspecto absurdo não era eu que o havia de procurar á força de imaginação comica e de sagacidade humoristica; dava-o a sociedade. O meu trabalho consistiria apenas em patentear o aspecto positivo das coisas. E estava produzido o contraste pelo choque d'esses dois aspectos.

—Vêem pois todos—continuei mostrando sempre o peru—vêem todos que é a metaphysica, a propria metaphysica, que eu tenho aqui segura na mão, não é verdade?

E a grande massa compacta do paiz, a que constitue a sua vida publica,—a politica, a moral, a arte — n'uma só voz respondeu:

—É verdade! é verdade!

—Pois bem!—á similhança d'aquelles que me precederam na rhetorica e na immortalidade,

indo para a gloria entre elephantes brancos, dentro de um carro de diamantes, puxados por leões da Jetulia, levando na frente as charamellas de businas de ouro, os arautos e os passavantes, e atraz os potententados captivos arrastando grilhões,—eu vou provar-vos, meus senhores e minhas senhoras, que isto que eu aqui tenho na mão, seguro—para assim dizer—pelas pernas, e tendo pendente para baixo—se me é permittida esta metaphora—o bico e o monco, que esta coisa, digo, não é a methaphysica.....

—Ouçam! Ouçam! O que será?!

—.... Que esta coisa é apenas um peru.

(Profunda sensação na assembléa. Murmurios dubitativos. Vozes dizem: *É forte de mais o paradoxo! Não o sustentará! não o poderá sustentar!*)

É claro — escuso dizel-o — que o sustentei, o grande sophisma, o immenso paradoxo, o enorme impossivel! Se o não sustentaria! Depois de muitas razões, cheguei mesmo a sustental-o—com milho! Sustentei-o pelos pés, sustentei-o pela cabeça, sustentei-o vivo, sustentei-o depennado, sustentei-o inteiro, sustentei-o desossado, sustentei-o em *galantine*, em geléa, com serefolio picado, e acabei até por me sus-

tentar a mim mesmo com elle, comido frio, em talhadas, ao almoço!

Assim foi que de repente eu me achei a ter espirito, como aquelle personagem de Molière se achou a fallar em prosa:—sem o saber!

. · .

Deveremos deduzir que estamos n'um paiz idiota?

Não, leitor. Estamos apenas n'um paiz — mascarado. O qual não diz a opinião da sua pessoa, mas sim a do personagem que se incumbiu de representar. E tem para todas as questões um ponto de vista extranho: — o seu disfarce.

A riqueza publica é um nariz de papelão, a riqueza individual é outro nariz de papelão; a representação nacional, o suffragio, a instrucção, a industria, a sciencia, a arte,—narizes de papelão!

Todos temos o nosso nariz postiço, e cada um respeita profundamente os narizes postiços dos outros para que os outros lhe respeitem o seu.

Assim, quando um grande escandalo rebenta, quando uma grave perturbação se manifesta, quando uma profunda reforma se annuncia, um

medo geral invade o paiz inteiro: o medo de que todos os narizes se despeguem.

— Tudo quanto quizerem, mas não bulam! não bulam no que está, que está bem! Eis o voto unanime da sociedade portugueza; eis a razão philosophica do meio seculo de paz que ella tem desfructado entre as mais violentas agitações sociaes do mundo moderno: — Não querer que lhe bulam!

E todavia, lá fóra, nos paizes mais varejados pela controversia e pela peleja, as familias enriquecem, o trabalho dilata-se, o direito renova-se, a dignidade humana eleva-se, a justiça affirma-se.

Nós temos empregado toda a energia de quarenta annos de paz sobre os nossos velhos narizes, herdados dos frades que extinguimos, dos fidalgos que empobrecemos e dos reis que rebaixamos.

Qual o objecto d'esse esforço empregado por cada um sobre o seu nariz postiço? Arrancal-o? Não. Pôr-lhe mais grude.

De resto, quando a historia nos interrogar ácerca dos direitos que temos á estima da humanidade, que contas lhe daremos do tempo que temos perdido no progresso, do emprego da

intelligencia que temos furtado á civilisação?

Na politica não temos convicções, não temos partidos, não temos vida publica, não temos opinião. O povo está na mais completa indifferença do seu destino, das suas necessidades, dos seus direitos. Ha ainda alguns habitantes, mas não ha já cidadãos. Os mandatarios do povo não sabem o que hão de fazer do mandato. Os parlamentos abrem-se por praxe, mas fecham-se por falta de idéas. O espirito publico está, como no seculo passado, nas melhores disposições do mundo para ser governado pelo despotismo e pelas influencias clericaes. A liberdade é uma concessão devida unicamente á inepcia das ambições dominadoras.

Na economia temos a mais completa desorganisação do trabalho. Sob este ponto de vista a paz e a liberdade no presente seculo serviu-nos apenas para inventar um expediente — a emigração, e um comedoiro — o Brazil. Fechem-nos a emigração, e devorar-nos-hemos uns aos outros, ou cairemos successivamente dos nossos poleiros, fulminados pela fome.

Na instrucção estamos como nos deixou a pedagogia fradesca, ou um pouco peor.

Na arte achamos-nos por tal modo paralysa-

dos que talvez que por esse lado tenhamos acabado já de morrer.

Nos costumes deixamos extinguir a devoção, deixamos desapparecer o respeito de gararchia para gerarchia, substituido pelo desdem de classe para classe, e não soubemos crear ainda as bases moraes da dignidade do homem. O despreso das antigas crenças, a ignorancia das convicções modernas, dotou-nos com a ausencia dos principios; julgamo-nos no direito de os não ter, e usamos prodigamente d'esse direito. Está-se no erro sem a consciencia da culpa, e está-se no dever sem a consciencia da virtude. Irresponsabilidade geral

Em cada manhã cada um põe o seu nariz postiço, e finge-se uma organisação. Os narizes foram envernisados de novo, teem um aspecto abundante, rubicundo, pacifico. Figuram-se entumecidos de idéas, de invenções, de riquezas. E todos os jornaes exclamam: Não póde ser mais prospero nem mais feliz o aspecto geral da nação!

Ha porem um momento intimo, um momento secreto em que os narizes se tiram e se põem á porta do quarto, com os sapatos, para envernisar para o outro dia. É d'esse momento, — em que

todos nos recolhemos um pouco na consciencia e na cama, em que o proprio sr. Fontes está em chinelas, em que o que ha de mais alto, de mais solemne, de mais augusto, isto é, sua magestade o chefe do estado, faz a dobra ao lençol e tira de baixo do travesseiro a sua corôa de dormir, — é d'esse pequenino momento de reflexão e de consciencia, d'esse rapido exame de espirito, livre, desapaixonado e profundamente sincero, que saem para o publico estes livros— *As Farpas.*

Verdadeiramente ellas não exprimem uma opinião pessoal de quem as redige. Pelo contrario: nada teem de exclusivo nem de dogmatico. São a imagem dos sentimentos collectivos de uma sociedade inteira. Unicamente não o são sempre; são-o apenas em dado momento da vida quotidiana d'essa sociedade, no momento em que, fechada a porta por dentro, corridos os reposteiros, ella se desmacara, sopra a luz e, consultando-se a si mesma, ri sozinha, no silencio e no escuro, — debaixo da roupa.

. ˙ .

Perdoa pois, leitor benevolo, se ousamos offerecer-te uma obra que parece — mas parece

apenas — ter o caracter de um protesto individual contra a organisação inveterada de uma sociedade inteira. Não temos a jactancia, estulta e perigosa de emprehender renovar o espirito do nosso tempo. Somos apenas a mão timida e obscura, mas fiel, que traça estas linhas. Quem as dita é a competencia de um simples juizo... Sabem de quem?—De toda a gente.

A restauração da arte em Portugal acaba de ser confiada pelo governo aos cuidados de uma commissão. Aquillo que durante um seculo não puderam conseguir todas as forças da civilisação reunidas, vae agora fazel-o, n'um mez ou dois, a referida commissão especialmente encarregada : 1.° *de organisar um museu ; 2.° de conservar, guardar e reparar os monumentos historicos nacionaes.*

. ' .

É facil conjecturar quantos esforços empregará esta commissão, composta dos cidadãos mais zelosos, para se desempenhar do encargo que lhe foi incumbido. Para organisar o museu a commissão principiará naturalmente por procurar todas as obras primas da arte disseminadas em Lisboa e não colligidas nas galerias. Para este fim a commissão andará de noite pelas ruas, com uma lanterna e um gancho, allumiando, espreitando, escaranfunchando.

— Não é a *Ceia* de Leonardo da Vinci que está além sobre aquelle monticulo?

—Vejamos! vejamos todos! vejamos attentamente!

— Não, não é a ceia, é apenas um resto da ceia, é uma cenoura grelada.

— Bacoreja-me, dirá a commissão, que não poderá deixar de se encontrar sob aquelle monturo a *Transfiguração*, de Raphael.

—Esfuraquemos! Esfuraquemos todos á porfia!

— Cá achei eu uma coisa...

— Uma coisa transfigurada ???

— Não, uma coisa morta.

— Morta! é provavelmente a *Filha do Tin-*

toreto pintada por Cogniet. Precipitemo-nos sobre essa coisa morta—attribuida por nós a Cogniet!

Apoz detido e maduro exame constatar-se-ha que a coisa morta é — um rato. E terriveis indicios levarão a commissão a presumir que esse rato não saiu directamente do pincel de um artista aceado.

Depois de bem exploradas as ruas e de recolhidas todas as obras de arte classica que n'ellas se encontrarem, a commissão passará a revistar o interior dos predios, os sotãos, as escadas, as chaminés, os saguões. Quem tiver quadros e estatuas dos grandes mestres para deitar fóra, que os ponha á porta da rua! a commissão irá recolhel-os todas as manhãs com uma carroça, ao toque de uma campainha.

Dos predios a commissão passará aos canos. Jornaes dirão: «A commissão partiu hontem. Muitos cavalheiros foram despedir-se de s. ex.ª—a uma sargeta da zona alta.» Os *reporters* irão para o Tejo em cada manhã esperar que a commissão e a arte resurjam. Em garrafas lacradas apparecerão de quando em quando, boiando, as noticias da expedição artistica. «Commissão prosegue trabalhos. Parabens ao sr. Rosa Araujo,

vereador: a agglomeração da arte é immensa —n'este pelouro!»

. ˙ .

Finalmente,— bem averiguado que a commissão nada encontrou, quer como quadro, quer como monumento historico, nem nas ruas, nem nos canos,— de todas essas obras immortaes, tão importantes para os estudos da arte, não achadas pela commissão,—se constituirá o grande museu nacional, do qual, este producto:— a renovação do genio.

. ˙ .

Mas a arte, a pobre arte — coitada! — ella que tem nas sociedades vivas uma tão elevada missão, ella que é ao mesmo tempo a despertadora e a pacificadora suprema dos espiritos, ella que é a verdadeira chave da actividade intellectual de cada povo e de cada era, merece que lhe consagremos uma palavra seria, um momento de attenção delicada e grave.

. ˙ .

A opinião geral que a arte agonisa, que a arte morre, tem mais o caracter sacerdotal de uma prophecia theologica do que de uma previsão scientifica.

É sempre erroneo o querer achar n'um facto isolado a lei isolada que regula esse facto.

A arte é um phenomeno dependente do conjuncto das leis a cuja codificação os modernos chamam a physica social.

A arte não acaba nunca, porque a sua raiz vital prende-se no mais intimo do eterno coração humano. A propensão artistica é na humanidade uma funcção physiologica. Não ha homem algum que, por effeito de uma necessidade moral do seu organismo, não tenha, uma vez pelo menos em sua vida, guiado por uma stetica instinctiva, aprimorado a contextura litteraria de uma phrase, tentado com o lapis o contorno de um perfil, assobiado o trecho de uma aria.

Em certo dia, a certa hora, em dadas circumstancias exteriores, sob a influencia de um determinado estado moral, todo o homem, presta a homenagem, muitas vezes inconsciente mas sempre submissa, á arte por excellencia,—á pintura, no seu sentido mais lato,—á arte da combinação das cores e da harmonia das fórmas.

Todos nós somos um pouco pintores quando fazemos um ramo, quando escolhemos o estofo para uma cortina, quando decotamos um arbusto, quando compomos aos cantos, nas

paredes, no chão, sobre a mesa, os objectos dispersos no nosso quarto : os livros que coordenamos na estante, a cadeira de braços que rolamos para junto da janella, a gravura que penduramos defronte da secretária, os cachimbos que mettemos dentro de certo vaso, o biombo que abrimos de certa maneira, a espada que penduramos no muro, o roupão que deixamos ficar como o acaso o deixou, caido no braço d'uma cadeira, n'um desleixo cujo aspecto não só nos não incommoda como nos incommodaria a presença de uma chapelleira de papelão pousada no meio da chaminé entre dois vasos, mas antes nos dá um certo prazer inexplicado. Porqué? porque a cadeira é de couro lavrado, cravejada de pregaria de cobre polido, destaca sobre um tapete de arabescos persas um tanto desbotado, e o roupão longo e largo é de veludo preto forrado de seda carmezim, está desaffectadamente lançado no braço da cadeira e cae até ao chão em amplas pregas quebradas de ondulações graves, ostentosas, antigas, suggestivas de uma certa ordem de idéas, cuja corrente nos leva a pensar que ficaria bem ao lado do roupão a *rapière* de copos de aço que está pendente do muro. E, sob esta influencia, sem

nos explicarmos porquê, na desoccupação do nosso espirito, ao passarmos pela nossa estante é em um volume de Michelet que pegamos, e é um capitulo da historia do seculo XVI que vamos ler no espaço de fumar um charuto.

O que é toda esta serie de actos tão frequentes na vida quotidiana de cada um senão a evolução physiologica do sentimento artistico immanente na nossa natureza civilisada? O que é o canto, a dança, o emprego predilecto de certas côres e de certos ornatos nos povos barbaros descobertos nas regiões mais incultas, senão o mesmo sentimento fundamental patenteado nas naturezas mais rudes e mais selvagens?

D'este sentimento profundamente instinctivo e humano que se manifesta em cada um de nós como um facto collectivo da nossa especie independente de todos os interesses pessoaes e egoistas, d'este sentimento homogeneo do qual, entre outros phenomenos da vida externa, resulta, por exemplo, o phenomeno da *moda*, facto sobre o qual se acham de accordo em todos os tempos e em todas as sociedades os individuos mais adversos, d'esse sentimento commum e universal na comprehensão de certas linhas e de certas côres, sae a concepção primitiva da obra d'arte.

Começando o dominio da arte n'aquelle ponto das nossas concepções intellectuaes em que termina o interesse dos especialistas, em que cessa a divergencia individual de cada opinião, em que todo o egoismo acabou, a arte desinvolve-se mais ou menos na mesma proporção em que, por effeito da organisação social por um lado e da educação intellectual por outro, augmenta ou diminue em cada ciclo da nossa vida historica, em cada phase do progresso, a materia incriticavel do accordo geral.

O meio social mais propicio á creação das grandes obras d'arte é portanto aquelle em que se estabelece a concordancia mais harmonica e mais perfeita entre as instituições da sociedade e as aspirações dos individuos. Tal é o periodo incomparavel da arte grega.

Sempre que na organisação social se não dá esta perfeita juxtaposição dos principios e dos factos, a arte, não encontrando como na Grecia a synthese feita do destino humano, procura successivamente em cada evolução do espirito o facto culminante em torno do qual se constellam, como formando a expressão moral de cada epoca, o maior numero de assentimentos e de adhesões.

Assim quando a sociedade é dominada pela profunda e sincera crença catholica, apparecem perante a summa magestade theologica os extraordinarios quadros de Raphael, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, de Murillo.

Quando Luthero proclama as primeiras liberdades do espirito e lança ao throno pontificio o cartel do duello que lhe propõe a razão humana, a Reforma produz os seus grandes artistas, e illuminados por uma estranha aureola grandiosa, blasphema e prophetica, apparecem-nos Beethowen, Rembrandt e Bernardo Pallissy.

Mais tarde a Revolução Franceza intervem abruptamente na grande operação critica que a humanidade vinha lentamente elaborando desde o seculo XIV. A Revolução traz comsigo uma força nova, até então desconhecida na solução das crises sociaes,—a força da miseria. A espada popular mergulha-se até os copos no velho corpo cujas veias a philosophia estava delicadamente dissecando com a subtileza do bisturi, e a civilisação é inundada com um jorro de sangue.

Quando os que escaparam á sangrenta inundação procuravam entre as ruinas o logar em que tinha ficado o thesouro precioso dos direi-

tos humanos, um homem sobre todos fatal á justiça, funesto á humanidade, desembainha theatralmente a sua espada de soldado aventureiro e mercenario, e áquelles que procuravam o direito guia-os cavillosamente para o despotismo. Mais traidor do que Judas, que vendeu a Christo pelos trinta dinheiros, elle perverteu a revolução, vendeu a justiça, atraiçoou a liberdade, esmagou a França, enviuvou o progresso, engeitou o futuro... Por quanto? Por uma simples figura de rhetorica, apparatosa e ôca como o seu reinado, pelos «quarenta seculos das pyramides!»

O sinistro e infausto dominio napoleonico apartou os espiritos da solução dos grandes problemas sociaes.

Uma immensa duvida, uma profunda descrença enlutou a humanidade. A intelligencia recalcada da esphera das applicações praticas para a das especulações subjectivas principiou a interrogar mais particularmente a alma, as paixões, as luctas interiores, as indefinidas aspirações, as grandes maguas mysteriosas, os desalentos, os anhelos, as phases todas do amor, do amor antigo, do amor provençal, do amor dos pagens, dos trovadores e dos menestreis, do amor

demievico, que cada um julgava encontrar resguardado no seu coração com as tradições gothicas da velha cavallaria, com as sentimentalidades romanescas e galantes das antigas côrtes de amor. E d'esta evolução saiu com a arte romantica a musica de Verdi e de Bellini, a poesia parallela de Lamartine e de Musset, e os quadros de Ingres e de Leopold Robert.

O romantismo está já hoje muito longe de nós. Enormes factos subsequentes cavaram entre a Restauração e o tempo actual uma distancia de seculos. A geração moderna rasgou como indigno da missão imposta á actividade humana o programma das existencias romanticas consubstanciado pelo auctor das *Meditações* n'aquella formula celebre: *Aimer, prier, chanter, voilà toute ma vie!*

Os homens actuaes comprehenderam que lhes competia levar ao cabo a obra encravada da Revolução. A sua missão é especialmente critica, não já a critica que nega, mas a critica que systhematisa. A obra que está incumbida ao maximo esforço intellectual do tempo moderno é a de tornar effectivos, perante a grande renovação social e moral, os effeitos da operação negativa realisada por aquelles que nos precederam.

A terrivel demolição completa dos antigos systemas está concluida. As crenças fundamentaes em que se baseava a ordem, em que se baseava a politica, em que se baseava a economia, em que se baseava a religião, em que se baseava a moral, morreram já ou estão expirando n'este momento no fundo da consciencia de cada um.

Que ainda o não digam os jornaes, que ainda o não digam os parlamentos, que ainda o não digam nem os theatros, nem os quadros, nem os livros, que importa, se nol-o diz a cada um de nós o nosso coração? se na solidão e no recolhimento da nossa alma não encontramos no fundo d'ella senão a duvida ou a negação dos profundos principios em que nossos paes fundamentavam a suprema equação do seu destino?

Extraordinaria crise mental! momento de uma importancia unica talvez em toda a evolução humana!

Fazer passar pacificamente, isto é, pelos processos scientificos, o que está na penumbra da opinião individual para a grande esphera do criterio publico eis a grande missão da publicidade moderna. Determinar para cada um dos problemas da sociedade e para cada um dos

problemas do espirito a base da conciliação humana, eis o fito de todos os estudos actuaes.

N'esta conjunctura, a arte não encontra na synthese social principio algum indiscutivel que prenda desinteressadamente o consenso geral pela convicção, pela fé, pelo enthusiasmo, por algum dos grandes sentimentos suggeridos pelas fortes idéas universaes e culminantes.

O mundo moderno offerece apenas estes dois tristes aspectos: na ordem dos factos a confusão inextricavel de uma renovação immensa; na ordem dos sentimentos e das idéas um espirito de critica implacavel, um frio racionalismo incommovivel, impenetravel a todos os effeitos da rhetorica, da emphase, da sentimentalidade.

A religião, a nacionalidade, a patria, o heroismo, a gloria militar, o amor, todos os grandes factos que constituiam a materia exploravel da arte são hoje outros tantos problemas adjudicados á sciencia e que estão fóra da esphera da arte, porque a arte não resolve equações, a arte não discute, a arte apodera-se das soluções achadas e dá-lhes a fórma definitiva, inargumentavel, a fórma que exprime ao mesmo tempo o facto e a lei de que o facto é a funcção. A obra da arte é o corollario de series de demons-

tracções feitas pelo raciocinio ou transmittidas pela fé. Quando as demonstrações faltam e faltam egualmente as crenças, a inspiração artistica deixa de existir. É o que succede no momento actual.

Na falta da inspiração creadora os artistas exercem as suas faculdades no aperfeiçoamento do processo.

Nunca em tempo algum o processo artistico attingiu a perfeição moderna. Nunca se escreveu tão bem. Nunca o stylo adquiriu tão grande poder scientifico, nunca chegou a tão profundos resultados na pintura da natureza exterior, na analyse psychologica dos caracteres, dos sentimentos e das paixões. A palavra nunca foi tão subtil, tão delicada e tão poderosa. Todas as notas, todos os tons, todas as linhas da materia, todos os estados do espirito, todos os phenomenos do cerebro, todas as vibrações dos nervos, todas as manifestações do temperamento encontraram na escripta o seu vocabulo preciso, a sua perfeita revelação graphica. Os meios de elocução adquiriram uma variedade e um poder illimitado. O escriptor descobriu todos os methodos de expor o ponto dado, todos os modos de conseguir o effeito proposto. A linguagem obe-

dece como um teclado. A transmissão de todas as sensações entre a mão do artista e o espirito do leitor é um simples effeito de execução, uma questão de gymnastica. O orgão de que o estylysta dispõe, e que elle domina, tem um registro para as lagrimas, um registro para o riso, um registro para a indignação. Comprime-se com o dedo a mola A e as mulheres empallidecem; carrega-se no ponto B e os lymphaticos choram; pucha-se pelo botão C e os sanguineos riem.

A sensibilidade particular do auctor, a sua impressão pessoal não intervem já no effeito da operação litteraria. Se o escriptor sentisse na mesma ordem e na mesma intensidade dos sentimentos que promove, a sua obra perderia todo o relevo, toda a nitidez, toda a precisão, —faculdades resultantes da fria applicação da sciencia ao delicado e minucioso trabalho do lavôr. A inconsciencia dos antigos inspirados desappareceu. A inspiração acabou ou caiu, como um pretexto da ignorancia e da preguiça, nos dominios banaes da bohemia. O caracteristico de todas as obras modernas é a critica exercida pelo artista sobre a sua propria impressão, a superioridade do auctor sobre a sua obra, a

resistencia d'elle sobre o seu meio, a posse do seu dominio. O antigo aphorismo *O estylo é o homem* caducou. Ha muito que o estylo deixou de ser a fatalidade reveladora do temperamento pessoal de cada um. O estylo é a sciencia.

Em Lisboa—graças á iniciativa poderosa de um homem que representa só por si uma instituição, o sr. Pedro Daupias,—ha uma galeria de pintura contendo trabalhos dos primeiros artistas contemporaneos. A analyse d'estes quadros corrobora inteiramente as conclusões do nosso estudo.

Eis algumas das nossas notas:

A paizagem é, naturalmente, em confirmação da nossa theoria, o genero mais especialmente moderno. Aqui estão, entre outros, dois dos primeiros paizagistas contemporaneos: Corot e Diaz.

Corot dá-nos uma paizagem da Ville d'Avray, nos suburbios de Paris. É absolutamente impossivel reconhecer o modo como similhante tela foi coberta. Parece que a tinta se distribuiu no panno ao acaso da fantasia: esmurrada com a brocha, applicada com a polpa do dedo, com a ponta de uma faca, com o bico de um palito, e que em seguida uma regua de aço pas-

sou sobre a tela fresca e esbateu, confundiu, misturou, alisou tudo. Em seguida aquillo enxugou, envernizou-se, encaixilhou-se e pendurou-se no muro. Como effeito, nada mais profundamente verdadeiro e mais vivo. É a natureza surprehendida em flagrante, a natureza macia das regiões dos prados, dos choupos, dos castanheiros e dos lilazes. As vegetações, os fundos de caminho, a bacia do valle, uma collina que está á esquerda, as primeiras casas de uma aldeia que despontam na encosta, tudo está envolto no tenue vapor translucido que esbate todos os contornos, dilue todas as tintas, dá o tom uniforme ás gradações das côres mais diversas no aspecto vivo dos campos. Olha-se o quadro, e cada um sente a sensação do ar livre, fresco, penetrante; não ha ninguem que não se recorde de ter visto um recanto de paizagem assim, ao longe, na bruma da manhã, ao desembocar de um caminho, ao dobrar o cotovelo de uma estrada, ao descer o store de um wagon. Considera-se devagar, attentamente, e nos primeiros planos, que a principio pareciam confusos, comprehendem-se todas as minudencias do solo, adivinham-se as pequenas pedras soltas, os musgos, a herva secca misturada com

a herva viçosa, as palhas, os gravetos, os torrões esboroados, os pontosinhos microscopicos luzidios e scintillantes, as pequenas flores silvestres, a marcella, a papoula vermelha de quatro petalas, o cardo, a teia de aranha aljofrada de orvalho, as luzernas e os trevos esmaltados de roxo, as heras que serpenteam nos velhos troncos musgosos e carcomidos, as madresilvas e as amoras que pendem nos vallados, a abelha doirada, as borboletas côr de ganga, e o cavalicoque velho, ossudo, de cabeça grande e pesada, o carrejão das hortaliças, de pello comprido e lanzudo, côr das folhas mortas, levando a passo lento por uma clareira fóra o cavalleiro rustico que o guia pelo cabresto. E tudo isto é concebido e executado de um só jacto, n'uma só mancha, como se o artista possuisse o segredo do *fiat* creador e n'um só instante houvesse dito: a paizagem seja!—e a paizagem tivesse sido.

De Diaz ha uma floresta vista do nivel do solo sob o aspecto porque ella se apresenta a quem está deitado no chão. O processo differe inteiramente do de Corot. A maneira do paizagista francez no quadro que acima descrevemos seria absolutamente opposta aos effeitos que a natu-

reza apresenta no quadro do celebre pintor hispanhol. O tom geral macio e liso dos terrenos de alluvião desappareceu. Aqui tudo é granitico. A tela tem uma superficie aspera como se fosse trabalhada ao buril. As grandes e velhas arvores, de grossas cascas, destacam-se duramente com o vigor fibroso do sobreiro e do carvalho, com a percuciencia detalhada dos ramos da oliveira. O sol penetra obliquamente a floresta de Diaz e risca a espaços, com grandes traços luminosos e ardentes, o solo fofo das camadas da folha outoniça. A vida freme e palpita nos atomos que nadam em luz, e em todos os planos da perspectiva ha o que quer que seja de poderosamente animado, de forte, de persistente, como o zumbir da colmeia.

O italiano Boldini apresenta-nos uma pequenina figura de pouco mais de meio palmo de tamanho. É uma mulherinha. Está vestida á moda do Directorio, de tulle e seda, com o vestido curto e *collant*. Tem vinte annos. Estendida n'um fauteuil Luiz XIV, vista de lado, com os pés encruzados, patenteia todas as fórmas um poucochinho espessas para a sua idade, como quem tem gosado de um appetite saudavel e o tem satisfeito, mais ou menos legalmen-

te, ceando com uma gula meditada e esclarecida, mastigando com devoção as cabeças das galinholas e bebendo o champagne com beatitude. O pequeno estomago arredondadinho, que a sua attitude estirada deixa sobresahir por baixo do curto cinto imperial, denota ter dentro um gordo e suculento peito de peru estofado com trufas e um bom copo de Bourgogne. Uma grossa madeixa de cabellos louros, fortes, crespos, atrevidos, cobre-lhe a testa. O olhar cae por entre as longas pestanas sobre a pagina do livro que ella tem na mão. O nariz curtinho é um mimo de graça, de travessura, de malicia. A bocca, vermelha, humida e rija, está cheia de ironia, de sensualidade, e todavia no seu labiosinho inferior presente-se engatilhado o desprezo. Tem se vontade de lhe dar um beijo e um beliscão. Ella mostra-se perfeitamente disposta a acceitar e a retribuir essas duas coisas, somente quem lhe der o beliscão é que ha de receber o seu beijo e quem lhe der o beijo é que ha de recobrar o beliscão. Da fimbria do vestido destacam-se sobre o tapete, descobertos até ao artelho, os pés d'esta diabinha, pequenos, turbulentos, terriveis, calçados em meias de seda côr de carne e sapatos, rasos como pantufos,

de setim côr de rosa. Sobre os joelhos cae-lhe uma estreita manta bordada a matiz. Uma pequena banca, um biombo fazendo fundo, completam este quadro, que tem dez centimetros e que vale vinte libras—por centimetro. É de uma execução de detalhe inexcedivel e incomparavel.

De Ziem ha duas vistas : uma de Veneza ao sol posto; no primeiro plano uma escadaria de palacio mergulhando no canal onde, como um grande passaro adormecido, estaciona uma gondola; a outra de Constantinopla olhada de uma eminencia sob o maximo clarão do dia. A cidade, de um tom ardente, rubro, está banhada de sol e resplende com uma grande magnificencia bysantina. Dos grandes grupos de casaria, das ruas sobre cujos passeios se estendem os toldos orientaes, erguem-se as magnificentes mesquitas, os ricos zimborios, os elegantes minaretes. Poucos traços, poucos pontos, um colorido uniforme, um esboço que parece executado em uma horaevoca a velha cidade dos monumentos e das maravilhas, e faz resurgir em toda a sua pompa desanimada e antiga a Roma do Bosphoro.

O quadro de Van Hier representa uma outra

vista, a de uma pequena cidade da Hollanda, coberta de neve. Tudo é branco, de uma tonalidade bem estudada. No ar, feito de uma combinação de leite e chumbo, ha um ponto de luz baça que resplende debilmente em uma tenue aureola estanhada e é o sol d'aquelle dia, que faz desejar os quentes e confortaveis interiores dos quadros flamengos em que a cerveja espuma nos copos ao pé da fogueira no aconchego do lar, doce refugio ideal das regiões do gêlo.

Gerôme, tido geralmente pelo representante moderno da *grande arte*, tem *A venda das escravas*. Junto de um muro, onde pousa uma enorme arara, está em pé com um braço arqueado para cima da cabeça, o outro pendente, n'uma attitude desolada, com grande expressão de dôr, uma joven mulata, nua, primorosamente desenhada. Junto d'ella, no chão, sobre um tapete da Persia, acocora-se, n'uma impassibilidade imbecil, uma preta com a cabeça enfeitada por um cravo encarnado. Ao pé da preta pousa um macaco, seu amigo por sympathia, quasi diriamos por consanguinidade. Posto que um tanto frio de côr este quadro superiormente pintado tem um bello aspecto elevado e grandioso. Como concepção artistica falta-lhe

porem a expressão do conjuncto. A obra d'arte n'este genero não pode contentar-se com dar-nos a expressão pessoal de uma ou duas escravas, precisa de consubstanciar o grande facto complexo da escravatura.

O *jardim do harem*, de Pasini, está no mesmo caso. As odaliscas que passeiam na melancolica cerca atravez de cujos muros se descobre por janellas miudamente gradeadas o livre azul infinito do ceu, nada significam senão um estudo de typos physionomicos e uma grande riqueza ostentosa de roupagens magnificas.

Uma mulher que deita cartas, de joelhos n'uma alcatifa, com uma das mãos no chão, o baralho estendido diante d'ella, é de um colorido soberbo e de um magnifico effeito de luz achado por Richter.

As bordadoras são outro effeito de luz, de Escossura.

A bella marinha de Guegnefeld é ainda um effeito de sol poente.

O fumista, de Roybet, representa um arcabuzeiro accenden do o cachimbo.

Ha, de Volon, um interior magnificamente pintado. É uma sala moderna, d'essas em que a luz do dia não entra senão pallidamente, atravez de

uma serie de cortinas. A difficuldade de combater o tom frio e monotono d'essa luz refracta está vigorosamente vencida. A sala é quente e riquissima de côr. O tapete é magnifico. O vaso com flores, os cadernos de musica, uma flauta, os jornaes, os albuns, as brochuras são feitas com a maior perdilecção de acabamento. Uma senhora e uma creança, que *pousam* defronte de um piano, téem o ar de prestar um simples assumpto a uma gravura de modas.

O *Ferrabraz*, de Geoffroy, o *Bôbo do Rei*, de Desportes, a *Rêverie* de Macari, são bellos estudos de figura e de roupas. O de Macari, representando um retrato do tempo de Henrique II é de rara perfeição.

Troyon, tão celebre, tão raro, tão estimado dos collectores, offerece duas paizagens: *Retour de la prairie* (*sous bois*) e *Avant l'orage*.

Daubigny cultiva egualmente a paizagem.

Entre os quadros de genero d'esta galeria teem os primeiros logares. *A cosinha*, de Yzabey e o *Jantar* do Conde Pastoris.

A cosinha é um interior feudal cheio de abundancia, de poder e de luxo. Uma enorme fogueira chammeja no vasto lar. Os commensaes do senhor, que passou o seu dia a montear, descan-

çam e esperam a refeição pantagruelica. Uma grande multidão pittoresca e variegada enche a officina: falcoeiros; palafreneiros; monteiros enlameados, que se enchugam ao lume; cães que fariscam os cantos ou que se empinam e latem atrelados pelos moços; o dispenseiro que desce á adega subterranea com os canjirões da cidra; as creanças, filhos dos servos, que olham o grande movimento da fabrica; os pobres esfomeados que esperam com as suas escudellas debaixo do braço; os senhores, nobremente vestidos, com o punho na ilharga ou sobre os copos da espada, apparecendo ao alto da escada e dignando-se descer a communicar com os seus vassalos.

O *Jantar*, de Pastoris, é dado por uns velhos fidalgos do principio d'este seculo a um cardeal e ao seu sequito. A casa é grande, de um aspecto ceremonioso e grave, cheirando ás coisas fechadas, ao interior veneravel dos gavetões antigos. No ar revoluteam com dignidade os atomos austeros do mofo, e a luz que entra pelas altas janellas, abertas para aquella solemnidade, quebra-se com surpresa nos debeis olhos desbotados das mithologias tecidas nos panos de raz que forram os muros. Sua Eminencia está sentado

ao centro da mesa entre o dono e a dona da casa. Os demais logares são occupados por ecclesiasticos, clerigos regulares e seculares, uns com os seus habitos, as suas sandalias, os outros com as suas batinas; creados velhos, de enormes librés, intervindo inclinados sobre o hombro dos convivas, servem o café. Um padre novo, Cicero tonsurado, em pé, admiravelmente *campé*, lê n'um papel aberto um cumprimento de occasião. Os donos da casa, festivos, jubilosos, serenos, repousam docemente no santo orgulho de terem á sua mesa uma companhia tão selecta, tão culta, tão illustre na terra e com tão intimas relações para qualquer empenho no reino do ceu. Sua Eminencia o principe da Igreja,—de vestes cardinalicias, idoso e gordo, com as fleugmaticas mãos papudas crusadas sobre o abdomen, os olhos humildes, beatificos, pousados no prato vasio, parece estar com todo o seu ser empregado em digerir e em render graças. Que mais póde desejar aquelle venerando principe? Comeu e resou. O seu bom estomago antigo, de primeira patente, esmoe, sob a purpura que o envolve, como se fosse um moinho de diamante. As roscas sensiveis e delicadas do seu augusto paladar estão consoladamente barradas com os succos aromati-

cos das perdizes de recheio, com os finos pudins de suaves nomes mysticos, como o *toucinho do ceu* e os *papinhos d'anjo*. Um generoso vinho côr de topazio, scintillante e vivificador, como um raio de sol convertido em liquido n'um copo de cristal, escorreu-lhe lentamente pelo tubo gastrico como um delicioso elixir de ternura. Já dissemos que tinha tambem resado. Em volta da sua digestão as preces, de baionetas caladas para o demonio, formam um quadrado inexpugnavel, fazem a guarda invencivel do estomago cheio e da consciencia humilhada. Achar-se regalado e ser santo: admiravel simplificação do problema da vida! Ali esse homem é o mais feliz dos mortaes, e d'ali o seu caminho é para a cama, para a fofa cama dos colxões da penugem, sob os agasalhados *edredons*, ou para a bemaventurança eterna, entre os eleitos do senhor, á mão direita de Deus Padre.

. ˙ .

Finalmente, em todos os quadros d'esta galeria, a unica da arte moderna em Portugal, as mais finas intenções, os mais nitidos detalhes, a mais perfeita comprehensão da natureza, os mais variados processos de critica, de

analyse, de execução, sem parallelo na obra da pintura antiga.

. . .

Se é pois certo que nunca se trabalhou melhor, que nunca a habilidade da execução chegou á perfeição dos resultados modernos; se é egualmente certo que os processos actuaes não são de modo algum uma suggestão de escola ou de systema de ensino, mas sim o fructo do empenho individual em transmittir a impressão sob o aspecto porque ella foi criticada no espirito de cada um, que influencia ha de ter o esforço do governo applicado á restauração da arte moderna? Se o governo não póde ensinar-nos o processo, que quer elle fazer? Quererá dar-nos um novo ideal? Quererá estabelecer um novo ministerio: o ministerio da *inspiração publica?*

Quer o governo saber o que falta ao artista em Portugal? A mesma coisa que falta a todo o portuguez; a mesma coisa que falta ao paiz; a mesma coisa que falta ao mesmo governo: a instrucção. Não é da instrucção especial, não é da instrucção technica que se trata. Trata-se da instrucção geral que dá a coordenação das idéas, a discriminação dos principios, a disciplina mental, as convicções, a rectidão do criterio, final-

mente as bases essenciaes da logica, da harmonia, da inteiresa no destino de cada individuo e no destino de cada povo.

Francamente:—como querem ensinar-nos a affirmar-nos na arte, quando todos nós estamos inteiramente inaptos para nos affirmarmos a nós mesmos na razão e na consciencia?!

. ˙ .

Nomeando uma commissão para reformar o ensino das Bellas Artes o governo de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz parece-nos estar, com relação á comprehensão das necessidades intellectuaes do paiz, um tanto abaixo da sagacidade e da sabedoria patenteada ha seculo e meio pelo governo do sr. D. João V.

Em 1735, reconhecendo-se que o atraso geral do paiz tinha — como hoje — o caracter de uma calamidade nacional, foi encarregado o conde da Ericeira, nosso embaixador em Londres, de ouvir a este respeito a opinião do sabio doutor portuguez Jacob de Castro Sarmento, residente em Inglaterra. Sarmento, comprehendendo todo o alcance e toda a importancia do alvitre que se lhe pedia, reuniu patrioticamente um pequeno congresso dos homens mais

eruditos, mais versados na sciencia da politica e na sciencia da historia e expoz-lhes miudamente o estado do espirito portuguez na comprehensão da politica, da religião, da arte, fez a pintura dos costumes, das instituições, dos caracteres, das personalidades. Os sabios inglezes resolveram que toda a reforma directa e immediata era impossivel n'uma sociedade tal como o dr. Sarmento descreveu a nossa; que era preciso primeiro que tudo operar na opinião um renascimento do senso commum, introduzindo idéas, creando uma philosophia, refutando de cima a baixo a inveterada obra aristotelica do jesuitismo. Para este fim os conferentes propunham a traducção e a vulgarisação maxima do livro mais experimental, mais positivo, mais lucido da litteratura d'esse tempo, o *Novum arganum scienciarum*, de Bacon, o grande renovador do bom senso, o precursor da philosophia moderna.

O governo de D. João V adoptou a medida proposta. O livro de Bacon foi trasladado a vernaculo e tirou-se a primeira folha de impressão em dois formatos differentes *para sua magestade vêr*. A influencia jesuitica interceptou as provas, a publicação suspendeu-se, e a traducção do livro afundou-se no silencio e na sombra.

Á poderosa influencia de Bacon na creação dos methodos experimentaes da philosophia seguiram-se os trabalhos dos espiritos mais eminentes consagrados á restauração do criterio, á renovação intellectual, á fixação das idéas na justiça na razão, na verdade. Veiu Kant com a logica; veiu Proudhon com a controversia; veiu Julio Comte com a philosophia; vieram Spencer, Bukle, Stuart Mill, Littré, Karl Marx, Taine, trazendo os methodos, as systematisações, os processos criticos, as applicações do encyclopedismo ás questões sociologicas.

Não perguntaremos ao paiz se as suas classes pensantes e dirigentes, se os seus espiritos superiores e escolhidos, que constituem o fermento com que se leveda a opinião, estão ou não estão a par d'essa evolução da intelligencia moderna. Não seremos tambem demasiadamente severos com o proprio governo da nação: não indagaremos se elle está, ou não, dentro do espirito do seu seculo.—Bastar-nos-ia saber se elle tem a convicção de haver penetrado na primeira zona da razão, no espirito novo... do seculo passado!

Baixinho, muito baixinho, meus senhores, ao ouvido: Antes de nos medicarem a nós—francamente—já se medicaram a si mesmos ?

Já fizeram o remedio do dr. Sarmento?

Já leram Bacon?...

Aqui, a esta esquina de rua, no escuro, com os nossos paletós abotoados até os olhos, aqui, onde ninguem nos vê, onde ninguem nos ouve, onde se não sabe quem somos, confessemol-o: Não!—dá cá o teu lume para eu accender o meu charuto das horas mortas e repette-o commigo: —Não! Tu, meu velho—e digo-t'o com a palmadinha mais amigavel e mais intima no ventre—tu, ministro! tu, conselheiro de Estado! tu, legislador! tu, poder executivo! tu, instituições! tu, carta! tu, corôa! tu, civilisação! tu, progresso! tu, futuro! tu, grande pandigo! tu! ainda não leste Bacon. Pois bem! ahi tens de fronte um trem de praça, uma tipoia d'aventuras retardatarias, um noitibó, que espera o resto do poder, da lei, da corôa, da civilisação e do progresso, que ficaram ainda no Gremio saboreando o copinho cordeal do coração que tão bem as senta sobre o chocolate confortativo das tres horas da noite: apodera-te d'esse noitibó! encafua-te para o fundo d'essa tipoia!

—Cocheiro, este senhor é o governo da nação; elle vem do convento de Odivellas onde tem passado os seus dias á grade, com os frades de S. Do-

mingos, com os Arcades, com os poetas da *Phenix*, com o sr. corregedor do Rocio, a comer marmelada, a tomar rapé, a ouvir sermões e a fazer sonetos; elle quer ir agora para a civilisação: leve-o a lêr Bacon! leve-o, a toda a brida, a lêr Bacon!

A qualidade mais verdadeiramente sympathica da população lisbonense é a estima dos seus habitantes por todos os animaes domesticos. Em nenhuma outra cidade da Europa ha mais cães e mais gatos, gordos e nedios, sustentados pela dedicação publica. A Sociedade Protectora dos animaes, ultimamente instituida, parece ter em vista contestar a existencia d'esta virtude.

. . .

É certo que um ou outro cavallo carrêa pelas calçadas pesos um quasi nada superiores ás suas

forças, mas isto é o effeito de uma lei geral, que uma corporação particular não tem poderes para derrogar:

Em Lisboa a somma total dos pesos é extremamente superior á somma total das forças.

Que quer a Sociedade Protectora que se lhe faça?

Os empregados publicos, com mães, irmãs, mulheres e filhos, teem 800$000 réis de peso que puxar, e 300$000 réis de força que exercer.

Os estomagos reclamam, para poderem com o jogo do machinismo humano, dois kilos, e recebem apenas—meio arratel de alimento.

Na sciencia sobre cada gramma de habilitação pesa uma tonelada de responsabilidade.

Na litteratura uma idéa com folego para um quarto de papel e para um quarto de hora guinda, durante quinze dias, a prosa reunida e compacta da imprensa inteira.

Na economia publica sobre cada debil cifra de receita escarrancham-se 200 contos de despeza.

Na economia domestica ha um fiosinho de

10 réis para içar á altura das mandibulas de cada um as costelletas de dois tostões de peso. E n'este mesmo momento em que escrevo, pela meia noite, com os pés ao fogão, a geada escorrendo pelas janellas, creiam, meus senhores, que tenues paletots—inventados para 25° Reaumur por uma sociedade protectora das lãs dos carneiros—estão voando pelo Chiado abaixo, batidos por um frio que os obriga a procurarem refugiar-se dentro dos rins de quem os leva ás costas, a elles — e aos pleurizes.

N'este desequilibrio geral entre a força e o movimento, entre os deveres e as responsabilidades, entre as posses e as precisões, quaes são os animaes excepcionalmente opprimidos que a Sociedade emprehende proteger?

. . .

No mesmo dia em que o *Diario de Noticias* annunciava que a Sociedade se tinha instituido, contava o *Diario Illustrado* que nas ruas do Porto tinha morrido um preto — de fome.

N'esse mesmo dia, no tribunal da Boa Hora, soffria a pena de tres mezes de cadeia um sujeito accusado de ter dado tres facadas, o que —equivalendo a um mez de prisão por cada fa-

cada —, nos parece garantia extremamente insufficiente para a tranquilidade dos ventres indefezos que transitam na cidade.

Pela parte que pessoalmente nos toca, devemos communicar á Sociedade Protectora dos animaes:

Que nunca mordemos nos cães, e que já dois cães nos morderam. Que nunca démos coices nos cavallos nem os atirámos ao chão, e que já um cavallo nos atirou ao chão e nos deu coices. Que nunca nos aproveitámos do somno dos bois para lhes ir comer o lombo emquanto elles dormiam, e que ainda no ultimo verão, nas estalagens da Beira e do Minho, nos achámos convertidos em casa de jantar de percevejos, não sendo aquillo que hoje existe de nós mais do que uns tristes restos de banquete, arrojados á face da litteratura amena pelos convivas saciados da iguaria que escreve estas regras.

. · .

Parece-nos pois que n'um paiz onde as camas das estalagens são um covil de canibaes; onde os cães mordem e os cavallos atiram; onde o jury tolera as facadas, comtanto que não seja elle que as leve mas sim o jury que o precedeu

ou o que se lhe hade seguir; onde as idéas faltam tanto nos cerebros como os bifes nos estomagos; onde se morre ainda de miseria; onde o numero dos suicidios tem ultimamente attingido uma cifra atterradora,—o animal que mais precisa de protecção, isto é—de principios, de carne e de pano piloto,—é o homem.

. . .

Emquanto aos irracionaes, elles são apenas objecto de dois espectaculos barbaros. Um é o *Tiro aos pombos*, o outro é a *Matança dos porcos*.

O tiro aos pombos é mantido por uma sociedade figadalmente opposta á sociedade protectora dos animaes. Esperamos da justiça divina que estas duas sociedades um dia se encontrem —e se devorem.

A matança dos porcos faz-se em todas as ruas de Lisboa, nos bairros mais habitados, no primeiro pateo, no primeiro quintal disponivel, á vista das mulheres, das creanças, da população inteira. Impugna-se a toirada hispanhola, a morte do boi ou do cavallo nos combates do curro, como offensiva da delicadeza e da brandura dos costumes nacionaes. O espectaculo da morte do porco é muito mais cruel, porque o

porco não combate, não tem defesa e tem uma voz aguda, lamentavel, dolorida. Tres homens amarram-o, atam-o a um poste, cravam-lhe uma faca. O sangue corre em jorro e suffoca a voz do animal. Faz-se então uma fogueira e o desgraçado bruto, arquejante, acaba de morrer—queimado.

A sociedade protectora dos animaes podia fazer alguma coisa para remedio d'este mal. Lembrariamos, por exemplo, que ella fizesse — um matadouro. Mas esta idéa vae talvez offender a delicadeza da sociedade... N'esse caso que francamente ella o diga; e chamaremos — um pedreiro.

Referem-se os jornaes d'este mez a algumas dadivas trocadas entre varios personagens.

. ˙ .

O sr. infante D. Augusto traz do extrangeiro para seu augusto pae, — um veado.

O sr. Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho de ministros, obtem para o sr. marquez d'Avila a grã-cruz da ordem dos Serafins, distincção honorifica em virtude da qual o aggraciado adquire um direito e contrae um dever: o direito de tratar por tu o rei da Suecia e o dever de deffender a religião protestante.

Um actor do theatro das Variedades pinta uma paizagem da Suissa e offerece-a á sr.ª condessa de Edla.

Um musico faz uma mazurka sentimental, intitula-a ternamente *Á toi*, e consagra-a — ao sr. Gaspar, mestre da musica de Infanteria 5.

. ˙ .

Estado dos espiritos correspondente aos sentimentos que os referidos factos denunciam:

A magestade preoccupa-se do papel que póde ter um veado na vida pratica e correlativa dos povos. O couro d'esse interessante quadrupede presta-se ao fabrico de dois ou tres pares de botas; dos appendices da sua fronte podem-se extrair quatro castões de bengalas e um cabide; com a sua carne ensaccada obtem-se optimo paio. Um grande e poderoso principe vive im-

merso em ininterruptas cogitações, prescrutando, de dia em pensamentos, de noite em sonhos, os dados formidaveis d'esse problema tão complexo —o veado. Se tal principe existe na historia, quer a lei da harmonia universal que junto d'esse principe tão poderosamente imaginativo haja outro principe em egual maneira dadivoso, e que aquillo que o primeiro medita, o segundo o ponha em obra. Não, augusto sonhador! o veado não é talvez uma enganadora miragem, não é uma risonha mas fallaz chimera! O veado em que tu meditas, o veado que te absorve, o veado que é o teu *dádá*, existe talvez sobre a face do orbe! E n'isto o fogoso principe parte, correndo mundo, á procura do veado, como em busca do vello de oiro, levando em uma das mãos a espada coruscante, na outra o ramo da oliveira, atraz um homem com o bahu. O principe volta, o principe chega, e o *Diario de Noticias* affirma que o principe trouxe o veado!

Que mais pódes tu imaginar, ó phantasia, ó extasi, ó ambição?! Imaginas ainda outro veado?!! .. Dize-o se tal é, e dá cá tres libras para elle, que se te vae buscar.

. ˙ .

O sr. marquez d'Avila, o mais honrado cidadão e o mais convicto catholico apostolico romano, acceita uma cruz protestante. Israelitas, por outro lado, acceitam e sollicitam a cruz de Christo. Protestantes põem ao peito a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Um celebre poeta portuguez reunia a ordem de Malta e uma commenda de Constantinopla. «Se Malta for um dia cercada pelos turcos, dizia elle, eu ataco-a por fóra e defendo-a por dentro.» Qua é o homem no mundo moderno que não sente em si esta dualidade de opinião? Quem é que, no estado actual das instituições, as não defende um pouco por fóra e as não ataca um pouco por dentro? Significativos factos da tolerancia religiosa! Symptoma profundo da geral indifferença nas materias da Igreja!

. ˙ .

O artista das Variedades reproduz a paizagem de uma região, que nunca viu, e offerece-a a uma senhora, que nunca conheceu.

É o somnambulismo na arte.

. ˙ .

O auctor da mazurka dá-lhe a consagração mais terna, a mais amante, a mais recatada na paixão e no mysterio. Um pagem, poeta e namorado, não faria melhor pela sua rainha amante e amada. E todavia a mão fina, perfumada, aristocratica, cujas unhas, rosadas e lustrosas como pequeninas e esguias conchas do Mar do Sul, elle daria a vida para poder beijar, tremulo de commoção, n'uma volta de valsa, ao clarão da lua, no turbilhão do baile, n'um terraço veneziano, essa gentil e mysteriosa mão adorada é simplesmente a grossa mão vermelha, tumida de frieiras, infeccionada de tabaco e de azebre, que dedilha á frente do regimento, nas revistas, os pistons de uma corneta!

É o somnambulismo no sentimento.

. ˙ .

Nunca em sociedade alguma idéas tão confusas foram reveladas por actos tão nitidos.

Publicou-se em Madrid um pamphleto expressivo, intitulado *O rei diverte-se*, phrase que a conhecida tragedia de Victor Hugo converteu n'um lampejo de ironia sinistra e fulminante. Em volta d'essa publicação teem-se accumulado os commentarios, anedocticos, politicos, sentimentaes, dramaticos.

Sem querermos penetrar a essencia historica d'este caso revolto e obscuro, diremos apenas que elle nos suggeriu a recordação da fabula seguinte:

. · .

Em certo reino um rei e uma côrte — elle e ella aborrecidos, porque o povo triste havia muito tempo que para recrear seu real amo não fazia coisa mais divertida do que emigrar e morrer — espectaculo interessante mas monotono — resolveram distrahir-se n'um innocente jogo de *toirinhas*.

Fez-se a real festa — bem conhecida —, simulacro de uma toirada, em que os touros são substituidos por homens mascarados em *bois de pasta*.

Os lidadores eram os meninos da côrte e da nobresa.

A praça encheu-se de nobres damas e de luzidos cavalleiros. Scintillavam na trincheira, sob a alegria do sol, os diamantes, as plumas. As senhoras, as mães, as avós, as jovens irmãs dos pequeninos toireiros, agitavam impacientemente os seus leques de *point d'Alençon* constellados de lentejoulas de brilhantes. Corriam de mão em mão entre sorrisos de applauso, de admiração, os pequeninos cofres de prata cinzelada, as estatuetasinhas de Sévres, *pâte mole*, as bocetinhas d'agatha, cravejadas de pedraria, os cartuchos de setim perfumado cheios de finas pastilhas preciosas, dadivas destinadas aos combatentes vencedores no infantil certame.

Tinha entrado na praça sob um trovão de palmas um homem vestido de mula, com as mãos no chão, carregando as bandarilhas, circundado pela vistosa quadrilha.

Vinha primorosamente ajaesado o homem. Pendia-lhe do dorso até aos artelhos e aos pulsos uma rica gualdrapa de veludo verde franjada de oiro, tendo nos cantos as armas e o anagramma de uma das mais nobres familias do reino. Cingidos ás costas com uma cilha coberta de

brocado, continham as garrochas dois cofres de xarão, de arabescos chinezes de azul e oiro, com largos fechos e esguias dobradiças de prata, lavradas com um primor microscopico, coisas trazidas da India por um antigo fidalgo contemporaneo do Fernão Mendes. Na bocca do homem mula, enfeitado de formosas orelhas pelludas, esguias, com movimento, espumava ao vivo um rico freio de ouro, propriedade de um velho senhor afamado na nobre arte da cavallaria e da gineta.

O homem-mula legitimamente orgulhoso pelos esplendores que o cobriam e pela companhia que o rodeava, manifestava o seu jubilo de fiel subdito e de bom patriota escoiceando por baixo da sua gualdrapa, orneando do fundo da sua mascara.

No touril o gado, — doze valentes e puros *bois de pasta*, alti-cornudos, cobertos com as grossas pelles dos animaes que simulavam — esperavam inquietos o signal do clarim.

Na frente de todos, rugindo de raiva, bufando de suffocação e de calor, um rapagão herculeo, possante como um verdadeiro touro, bramia e marrava na porta do curro. A corte cobria de palmas, de finos ditos, de frescas risadas o bom farçante plebeu.

Os fidalginhos, moços do curro, de doze ou treze annos, não desempenhavam com menos propriedade o papel que lhes fora dado, e, alegres, corajosos, destemidos, impavidos, com as camisinhas pittorescamente desabotoadas, os rins cingidos pela cinta ribatejana, calção afivelado á curva da perna, sapato raso, espora no pé direito, barrete encarnado, manejavam com pericia os seus pampilhos, e de cima da gaiola picavam a fera com o mais gentil denodo.

A fera, sentindo os aguilhões dos pampilhos romperem a sua pelle de boi e penetrarem algum tanto na sua pelle de gente, fazendo escorrer ao mesmo tempo o seu suor e o seu sangue, levava o enthusiasmo até o ponto de misturar alguns bramidos humanos com os seus mugidos bovinos.

Soou afinal n'uma trombeta o signal de principiar. Correram-se os ferrolhos á porta do curro e o primeiro boi penetrou na praça.

Cabia este boi ao principesinho, herdeiro presumptivo da corôa gloriosa d'aquelle reino.

Elle esperava o boi á gaiola, firme, heroico, triumphante. Teria dez annos. Era louro, esguio, nervoso, bem feito, como legitimo principe de fina raça, e escolhida estirpe. Trajava á an-

dalnza, jalequinha e calção de setim côr de perola recamado de ouro, cinta de touquim carmesim, finissima camisa de renda abotoada com brilhantes, montera de veludo. Tinha os braços altos, estirados, segurando os ferros; o seu olhar agudo, penetrante, seguia o bicho.

Estava planeado um cambio á hispanhola. O touro rompera em linha recta, em pulos imperfeitos, porque não fingiam muito de boi, pareciam mais de onça, de panthera, de tigre.—Estupidez do bruto!—murmurou-se.

O real bandarilheiro pôz os ferros brilhantemente, cravando-os de um impeto, evadindo o corpo n'um menéo cheio de elegancia e de garbo, deixando a fera enfeitada, ficando illeso elle.

Trovejavam as palmas, as charamellas tocavam o hymno real, os artificios pyrotechnicos ligados ás garrochas estoiravam na cerviz do bicho e faziam em volta d'elle uma aureola de fumo. Os ramalhetes, os rebuçados e as pastilhas choviam aos pés do principe.

N'isto, a fera investe segunda vez com o toureiro. Ouve-se um grito dilacerante. O principe cae de costas levando pegada ao peito a caraça do boi. Este, erguendo-se, deixa cahir o couro

que o cobria, e um homem afogueado, rôxo, apopletico, com os olhos em sangue e a espuma na bocca, meio nu, com alguns andrajos salpicados de sangue, olha bestialmente, crusando os braços e rugindo como se não estivesse ainda acabado o seu papel de fera, que elle representava por desezeis tostões.

Retirada a caraça viu-se a funda brecha aberta no peito mimoso do principe. Um dos chavelhos da mascara rompera-lhe as costellas e varara-lhe o coração. O sangue innocente da gentil creança golphava em borbotões sobre as suas rendas de Bruxellas; cerraram-se-lhe os olhos, os anneis do seu bello cabello de ouro misturaram-se com o pó da arena, e a sua pequenina bocca entreabrindo-se deixou sahir o seu derradeiro alento como o perfume de uma rosa que se esvae por entre os dois fios de um coral de perolas.

A festa acabou no meio de um silencio tragico.

MORALIDADE

Ao desfilar da corte uma velha *marquise* de sobranceria imperturbavel e de *verve* inextingui-

vel, disse maliciosamente áquelle que lhe dava o braço:

«O que prova, meu velho duque, que sempre ha um certo perigo em pôr na cabeça dos homens—aquillo que teem os bois.»

O principe de Galles, o herdeiro da corôa de Inglaterra, viaja n'este momento na India. A velha Asia, berço da civilisação e da humanidade resuscita para o receber os esplendores do seu antigo scenario.

Sob a intensidade esplendida da luz, no meio das vegetações de largas folhas e de enormes flores prodigiosas e phantasticas, immergem na athmosphera radiante os zimborios esmaltados dos templos, os domos dos pagodes e as cupolas brunidas terminadas na esphera de cristal facetado resplendente como o brilhante.

Os palacios deixam scintillar ao sol os seus porticos ornados de dragões com escamas de diamante e de rubi, e desdobram das alturas até o nivel do solo, as suas escadarias relusentes de trezentos degraus de marmore côr de rosa.

O principe triumphante perpasa em grande cerimonial.

O seu carro de ouro, puxado por tigres ajaezados de preciosas pedrarias, rola suavemente na estrada fofa e macia, tapetada de sandalo em pó.

Balouçam-se no ar os ricos thuribulos e misturam as espiraes ondeantes do seu fumo azul e perfumado com as golphadas dos esveltos brazidos bysantinos, carregados de aromas.

As filas de elephantes, de nobres frontes pacificas e magestaticas, cobertos de estofos de fio de ouro, os carros de triumpho e de guerra dos antigos rajahs oriundos das mais nobres e antigas familias, com trinta milhões de joias e trinta seculos de fidalguia, os renques da artilheria de antigas peças de ouro em carretas de ebano marchetado de prata, as dansas das bayaderas indolentes e lascivas, os coros celestialmente melodiosos das harpas birmanes e dos *caimans* de teclados d'aço, os immensos leques de pennas,

gigantes ventarolas, refulgentes como laminas concentricas de esmeralda e de opala, palpitando em torno dos potentados sumptuosos e dormentes, constituem o aspecto magico do cortejo, sobre o qual mãos invisiveis chovem as flores inebriantes dos jasmins e das laranjeiras.

.·.

E todavia, no meio de tão grande pompa sobrehumana, paradisiaca, qual a influencia de tamanha força sobre o destino humano?!

Como a flôr do cacto centenario que vive uma hora e levou um seculo a formar, a festa da India, tributaria da Inglaterra, refulgiu um dia e apagou-se já na tenebrosa escuridão do nada.

.·.

Ao mesmo tempo a que nos chegavam pelos jornaes os eccos da glorificação do principe de Galles—um *sportman*, um *touriste*, um *homem de prazer*—, recebiamos coincidentemente um livro publicado ha pouco e que é uma glorificação tambem: *A historia da vaccina*, monumento consagrado á memoria de Genner. E este modesto triumpho de um pobre cirurgião d'aldeia fez-nos olhar com a mais piedosa lastima, com um des-

dem compassivo, para a apotheose tão ruidosa e tão fulgurante do alto e poderoso principe, herdeiro da Inglaterra, senhor da India e arbitro dos mares.

Em uma elevação bastante superior á da Ursa Maior, que n'este momento nos está olhando sem nos differençar uns dos outros, acha-se o espirito da historia e da solidariedade humana, a responsabilidade e a justiça. E perante esse juizo que está fóra do tempo, que é eterno, a enorme festa de metade do globo consagrada ao principe de Galles será invisivel, imponderavel, inorganica. Em quanto o pequeno livro dedicado a Genner, pesará na eterna balança universal porque elle commemorá o unico acto pelo qual é dado a um homem perpetuar-se na sua especie: — o acto de haver feito á humanidade um beneficio.

Acha-se ainda na Alfandega — dizem — uma dartida de agua de Nossa Senhora de Lourdes

perante a qual, como producto sujeito ás leis do imposto, hesita a opinião dos classificadores de generos importados.

Admittido que a agua de Nossa Senhora de Lourdes tenha operado, como se affirma, a cura de uma paralytica, é claro que tal agua não póde deixar de ser considerada senão como — droga.

Droga medicinal, a agua de Nossa Senhora de Lourdes abre um capitulo novo nos systemas hydrotherapicos.

Este capitulo precisa de ser ratificado pela observação scientifica. Para tal fim importa estabelecer nos hospitaes uma enfermaria especial, uma enfermaria de doentes incuraveis, para ensaio do novo systema.

Como agente therapeutico crêmos que a agua de Nossa Senhora de Lourdes não póde, decentemente, esquivar-se a esta prova.

Se sobre as suas propriedades medicinaes essa agua acumula o privilegio sobrenatural de um elixir milagroso e divino, dupla razão para que em nome da fé se lhe instaure um processo de identidade.

. · .

Pela nossa parte, ó boa agua — inoffensiva,

benefica talvez, talvez divina!—não duvidamos de ti. O que nos succede apenas—e admittirás por certo este estado de espirito—é que te não conhecemos. E queriamos ter essa vantagem.

Se antes de te acreditarmos como enviada do do céu, te pedimos que te sujeites á pequena formalidade de uma apresentação previa, estamos—bem vês—dentro dos usos e das praxes do seculo de que somos filho.

Se querias que, sem a precedencia d'esta ceremonia, corressemos a ir receber-te á alfandega, ao regaço do sr. Nazareth, em procissão de penitencia, vestidos de farricocos, com os pés nus, um cilicio nos rins e um osso de defuncto atravessado na bocca, porque não vieste mais cedo, ó boa agua, um pouco mais cedo a este mundo velho? Se és miraculosa, e portanto omnisciente, dize, agua amiga, porque tão tarde chegaste?

E se o fizeste de proposito, se o teu fim é convencer o tempo actual, porque o não convences,—quando se te não pede mais—, tal como elle é, tal como elle se acha?

Antigamente, querida os milagres therapeuticos e os da infusão da sciencia, a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, o andar aos paralyti-

cos, o saber aos nescios, faziam-se pelas estradas fóra, nas romarias aos santos, no adro das igrejas á hora do sair da missa, na portaria dos conventos no acto da distribuição do caldo.

Hoje nós modificamos o scenario,—o que nos não impede de acceitar com igual gosto o milagre quando o milagre apparecer.

Pede-se apenas uma coisa: é que elle tenha a bondade de se produzir nos sitios que nós agora destinamos para o receber. Porque o milagre deve comprehender que cada um tem o seu officio, o seu trabalho, o seu modo de vida, e não podemos andar todos a fazer romagens aos santos longinquos, nem a ir para os mosteiros comer o caldo dos outros.

Os logares actualmente consignados para o exame e averiguação dos milagres são os observatorios astronomicos e meteorologicos, os gabinetes de physica, os laboratorios chymicos, os amphyteatros anatomicos, as escolas e as academias.

O teu logar, ó agua beneficiente, é na barra das aulas, defronte das cadeiras de pathologia, det herapeutica, de clinica e de pharmacia, o teu logar é nas enfermarias dos hospitaes de

estudo, na presença da faculdade, no meio da reunião dos cursos medicos.

Por uma ou outra casa particular, applicada ás escondidas, ministrada por padres ignorantes, recebida por devotas analphabetas, tu não poderás jamais affirmar-te nem na sciencia mais orthodoxa nem na fé menos instruida. Porque, se as devotas nos disserem que, posta em compressa sobre a columna vertebral, tu fizeste fallar uma muda ou caminhar uma paralytica, nós diremos que o agente therapeutico n'este caso foi a simples *força synergica* do enfermo, a sua vontade vivamente excitada pela imaginação ou pela confiança, a qual basta, segundo a mais authentica historia peregressa de muitos casos pathologicos, para determinar a cura do hysterismo e da nevrose. E sendo assim, ó sympathica agua da Minha Senhora de Lourdes, eu posso com boa razão duvidar que a tua efficacia, benzida pelo clero, seja superior á de uma simples pillula de miolo de pão fabricada por mim.

Ora se tu houveres sido applicada authenticamente em casos diagnosticados e prognosticados pelos clinicos, quando o teu milagre se der, os medicos responderão á minha duvida:

— Não foi o synergismo que operou a cura, porque o caso proposto não o é de uma affecção hysterica, é o de uma lesão organica.

E nós então curvaremos a cabeça, ajoelharemos humilhados deante de ti, e devolver-te-hemos á chymica para que ella te analyse, para que segregue successivamente os elementos que te constituem, até chegar ao *Principio Divino*, que até agora ninguem presentia senão no sacrario da consciencia e que n'esse momento será transmittido á Igreja, unificada pela sciencia em todo o mundo, para que ella o exponha á adoração do universo, ao lausperenne da creação inteira.

. · .

Em todo o caso, ó agua de Nossa Senhora de Lourdes! ó agua de Nossa Senhora de la Sallette! nós te saudamos e te bemdizemos.

A circumstancia industrial de terem feito de ti, por ignorancia, por superstição ou por cubiça, um mesquinho artigo da *toilette* benzida, um succedaneo mystico de *João Maria Farina*, não obsta a que tu continues a ser um doce presente da Creação affectiva e amante.

Que importa que não cures? Corres, e é o que basta!

Tens fertilisado e abastecido os campos sequiosos e aridos. Tens feito brotar na frescura da tua corrente os suaves musgos aveludados, os morangos saborosos, as violetas, as madresilvas, as coisas mimosas e affaveis. Tens feito nascer o pão no trigal, e tens ajudado a fabrical-o nos moinhos. Tens matado a sede aos grandes principes e aos obscuros vaqueiros, aos bellos cavallos das finas raças e aos miseraveis cães imundos e chagosos, a todos os animaes que andam na terra e a todas as aves que passam no ceu. Tens sido finalmente a bôa amiga liberal, compadecida e amoravel da grande natureza. Por isso te queremos e te abençoamos, carinhosos e agradecidos.

Beijem-te na tua nascente os raios vivificantes do sol! Enlacem-te as auspiciosas influições da lua! Saude-te o canto alegre, diligente e matinal das cotovias e dos melros! E que o bom Deus te veja sempre no fiosinho marulhoso do teu curso, e te guie para para o bem, isto é, para o trabalho, para a labutação espumosa dos açudes, para os operosos engenhos hydraulicos, para as fabricas, para as regas e para s fontes!

———

Conta-se que, no dia do ultimo anniversario de sua magestade a Rainha, resolvera aquella augusta senhora offerecer á monotona tristeza da sua côrte — penosa de ver como a da côrte de Luis XVI pintada por Besenval — uma representação de gala no theatro de Cascaes.

Sua magestade havia finamente comprehendido que, no meio da triste pobreza franciscana de palacio, uma festa de gala se não poderia fazer sem virem de fóra alguns comediantes—fingil-a.

A actriz Paladini, especialista na representação de mortes afflictivas e affrontosas, assentiu de boamente em ir a Cascaes cortar a melancolia inveterada da côrte com a exhibição — comparativamente jovialissima—de um dos seus obitos mais lugubres.

Mandou-se fallar em seguida ao proprietario do theatro da villa, para o alugar por essa noite, attendendo a que os faustuosos salões do Trianon de Cascaes apenas se poderiam prestar á scena da masmorra no epilogo dos melodramas de seis actos, em que o tyranno expia nas palhas os crimes nefandos perpetrados pelo auctor

sobre a paciencia do publico em todo o resto da peça.

O dono do theatro, honesto e respeitavel burguez, licitamente enriquecido no commercio do peixe, offereceu gratuitamente a sala a suas magestades e á côrte, sob a condição unica de que elle mesmo assistiria ao espectaculo no camarote da sua familia, fronteiro ao da familia real.

Imagine-se d'aqui a surpreza dolorosa dos aulicos intermediarios n'esta conferencia, ao sentirem o vivo da etiqueta tão insolitamente mordido pela condição imposta pelo aspide! Interpollar-se por tal fórma na ala da nobreza n'uma ceremonia solemne um homem que apenas poderia, sem derrogação dos principios, chegar á porta da despensa pela escada de serviço, era de fulminar o espirito da pragmatica, com um d'esses espantos a que se não sobrevive.

É claro que foi dada por inadmissivel a condição proposta pelo proprietario do theatro.

Sabendo porém sua magestade a rainha quaes as causas porque ficara prejudicada a acquisição da sala para o espectaculo em projecto, mandou acceital-a com a clausula proposta. E assim foi que o proprietario do theatro de Cascaes, acom-

panhado de sua mulher, assistiu na sua *avant-scène*, fronteira á da familia real, á representação de gala com que se celebrou o ultimo anniversario natalicio de sua magestade.

Á entrada da côrte na sala, o proprietario do theatro, vestido de casaca de baile, gravata de cambraia, collete decotado, luvas côr de perola, a sua esposa em grande *toilette* com diamantes, ergueram-se e fizeram—com a inclinação de melhor quilate — o cumprimento da recepção aos seus illustres hospedes. Sua magestade a rainha, com geral surpreza do seu sequito, correspondeu a esse cumprimento com o mais affavel sorriso, recuando um pouco e engolphando-se na roda da sua *traine* n'uma d'essas reverencias innarraveis, de alto genero, que só sabem fazer, como revelação suprema do ideal na elegancia, as damas tão soberanamente distinctas como sua magestade.

A rainha revelava n'esse acto da cortezia mais elevada e mais arristocratica que ella sabe usar perfeitamente da primeira das prerogativas reaes, tão cerceadas hoje em dia aos principes pelas grosseiras restricções democraticas; a saber: que um sorriso benevolo, de uma rainha como sua magestade, basta perante a pragmatica

de uma côrte elegante e cavalleirosa para nobilitar o cidadão mais obscuro, e que merecer essa graça é distincção tão subida como haver recebido solemnemente com o joelho em terra, n'um degrau do solio, a imposição da jarreteira. *Honny soit qui mal y pense!*

Se querem conservar á realeza o prestigio do seu poder, é preciso respeitarem-lhe profundamente esta prerogativa egualitaria. Deante da corôa todos os subditos são eguaes. As distincções de côrte é o poder soberano que as estabelece ou que as derroga.

. : .

El-rei tem tanto espirito real (real de *rex* e de *res*) como a rainha. Com a differença de que sua magestade o rei padece do figado, segundo disseram os jornaes por occasião da estada de sua magestade em Vidago. Ali, sob a acção immediata das aguas alcalinas, conta-se que sua magestade era de um fino bom gosto principesco, inexcedivel. Uma noite, no hotel das aguas, tendo sua magestade mandado convidar para a *soirée* nos seus aposentos todos os hospedes sem excepção de cathegorias, uma honesta e humilde familia da pequena burguezia, entrou acanha-

da e timida com a sua *toilette* provinciana e ficou a um cantinho do salão real, junto da porta, disgregada do resto da companhia pelo orgulho dos demais convidados que abria um abysmo entre a sua aristocratica presença e a d'aquelles encolhidos intrusos.

Pois bem: foi no meio d'essa digna familia absurdamente desdenhada, que el-rei se foi sentar, rendendo-lhe as suas finezas como o cavalheiro mais distincto, como o mais perfeito homem do mundo.

.*.

O phoco lisbonense parece-nos porém ser nocivo á gentileza de el-rei. Na ultima sessão solemne da Academia, presidida por suas magestades, entre os grandes uniformes dos academicos e a toilette ceremoniosa das senhoras dos professores e dos litteratos, sobresahia singularmente o casacão de pano piloto d'el-rei, e á vista dos finos pés algarvios do sr. José Horta (um astronomo!) calçados em meias de seda e burzeguins de baile, as botas de sua magestade pareciam de aspero couro rude de Salvaterra de Magos.

De sorte que produziu uma extranheza geral que, dos homens illustres admittidos no recinto

academico, fosse o chefe do estado o unico que não tivera para offerecer á Academia nem uma memoria nem uma casaca!

———

Estamos no anno de 1800, — no limiar do presente seculo.

O antigo regime acabara seis annos antes despedaçado pela Revolução Franceza.

As bases do novo systema social estavam lançadas pela philosophia e pela litteratura que levantou durante o seculo XVIII todos os problemas da sciencia e todas as curiosidades do espirito.

O profundo estudo das mathematicas e das sciencias physicas e naturaes havia dado ao homem um criterio novo para os phenomenos do Universo.

O espirito da observação e da analyse expe-

rimental imprimira uma face nova ás idéas na religião, na moral, e na politica.

O contorno geral da physionomia scientifica do seculo XIX estava definitivamente traçado.

Abertas pelos grandes sabios do seculo passado, — pelos seus astronomos, pelos seus chimicos, pelos seus phisiologistas, pelos seus portentosos encyclopedistas, — as portas principaes da sciencia, o mundo ia entrar finalmente nos vastos dominios modernos; no direito e na liberdade.

. ˙ .

Em Portugal, o seculo a todos os respeitos novo, — o millenio —, que assim se lhe podia chamar —, era aberto por mão da monarchia com chave de ouro.

Do fundo embiocado do palacio de Queluz, o governo do sr. D. João VI fazia transpôr os mares, circumdar o globo de um ao outro emispherio, o seguinte pregão:

. ˙ .

«Para D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão-general do Grão Pará—O Prin-

cipe Regente Nosso Senhor manda participar a V. S.ª que na *Gazeta da Colonia* do primeiro de abril do presente anno se publicou, que *um tal barão de Humboldt*, natural de Berlim, havia viajado pelo interior da America, tendo mandado algumas observações geographicas dos paizes, por onde tem decorrido, as quaes serviram para corrigir alguns defeitos dos mappas e cartas topographicas, tendo feito uma collecção de 1:500 plantas novas, determinando-se a seguir suas viagens pelas partes superiores da capitania do Maranhão a fim de examinar regiões desertas e desconhecidas até agora a todos os naturalistas; e porque *em tão criticas circumstancias e no estado actual das cousas*, se faz suspeita a viagem de um tal estrangeiro, que debaixo de especiosos pretextos, talvez procure *em conjuncturas tão melindrosas e arriscadas* surprehender, e tentar *com novas idéas* de falsos e capciosos principios os animos dos povos, seus fieis vassallos, existentes n'esses vastos dominios, além de que pelas leis existentes de S. A. R. é prohibida a entrada nos seus dominios a todo e qualquer estrangeiro não auctorisado com especiaes ordens de S. Magestade: Ordena mui expressamente o Mesmo Augusto Senhor

que V. S.ª faça examinar com a maior exacção e escrupulo, se com effeito o dito barão de Humboldt, ou outro qualquer viajante estrangeiro tem viajado ou actualmente viaja pelos territorios d'essa capitania, pois que seria summamente *prejudicial aos interesses politicos da coróa de Portugal* se se verificassem semelhantes factos; e confia S. A. R., que V. S.ª, pelo seu zelo e efficaz desvello, empregará em um negocio de tanta importancia toda aquella *destreza e sagacidade*, que é de esperar das luzes e circumspecção de V. S.ª pelo bem do seu real serviço; precavendo V. S.ª sendo assim, e atalhando a continuação de taes indagações, que pelas leis são vedadas não só a estrangeiros, mas até áquelles portuguezes, que se fazem suspeitos, quando não são auctorisados por ordens regias, ou com as devidas licenças dos governadores das respectivas capitanias. E confia finalmente S. A. R., que V. S.ª procederá a este respeito com a mais cautelosa circumspecção, dando logo immediatamente parte a S. A. R. de tudo que achar aos ditos respeitos, por esta secretaria de Estado, para que o Mesmo Augusto Senhor possa dar as ultimas providencias, que exigem factos de tal natureza. Deus Guarde a

V. S.ª Palacio de Queluz, em 2 de junho de 1800. — *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*» (1)

A 12 do mez de outubro seguinte accusa o governador do Maranhão a recepção das ordens regias, dizendo que fica na intelligencia de «embaraçar por todos os meios a viagem do barão de Humboldt e de o remetter directamente para Lisboa, se chegar a apprehendel-o».

. · .

O mesmo povo que na Renascença tivera um dos primeiros logares na renovação do mundo, chegára, pelo atrophiamento imposto pelo cezarismo catholico, a essa derradeira abjecção!

Um *tal barão de Humboldt* é a designação critica dada pelos restos imbecis da monarchia despotica ao guia da intelligencia nos segredos do universo, ao revelador do cosmos!

Quando um homem que representa a sciencia na sua esphera mais transcendente e mais inviolavel calca o territorio portuguez, privilegiado para a ignorancia e para a rotina, os

(1) Este valioso documento é citado pelo sr. Augusto de Carvalho, auctor de um importante livro, *O Brazil*, recentemente publicado no Porto.

arbitros dos destinos intellectuaes da nação mandam «deitar-lhe moscas» segundo o expressivo calão policial da epocha; mandam seguil-o de espiões, como fizera em Lisboa o intendente Manique ao estadista francez Calonne; mandam finalmente captural-o e remettel-o aos tribunaes da metropole. Pela razão que: — estudar geographia, estudar zoologia, estudar botanica, explorar e classificar a flora e a fauna de regiões desconhecidas e desertas, é proceder em sentido diametralmente opposto e adverso *á politica da corôa de Portugal*........ Principalmente *no estado actual das coisas.... em conjuncturas tão melindrosas e arriscadas*...... isto é: quando a razão humana immerge timidamente da confusão dos velhos systemas, principia a bruxolear nos cumes sociaes e a alumiar o mundo!

. ˙ .

Pobre espirito portuguez! A ordem da captura do barão de Humboldt, com que se abrem os teus fastos intellectuaes d'este seculo, é a vaccina fatal innoculada no teu braço, assignalando-te para muitos annos com a cicatriz da lanceta despotica, com a mancha affrontosa do virus estupido.

Ficou-te a marca da vaccina, ó desgraçado seculo! ficou-te a marca da vaccina!

As mesmas influencias morbidas que então dominavam a tua natureza existem ainda em germen mal suffocado no interior do teu organismo.

Tu não reformas a tua instrucção secundaria e a tua instrucção superior dentro da ordem hierarchica dos conhecimentos modernos -- pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Tu não procedes á tua organisação economica pela industria dos teus fertilissimos campos e pela liberdade commercial dos teus riquissimos portos — ainda pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Tu não extingues o teu militarismo — outra vez pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Tu não reformas o teu codigo politico, não reconstitues os teus serviços publicos, não restringes o teu funccionalismo ás suas justas proporções, não reorganisas as tuas gerarchias pelas competencias mentaes e pelas capacidades praticas, — sempre pela razão porque mandaste capturar o barão de Humboldt!

Finalmente, ó paiz do governo de Queluz! ó paiz de D. João VI! a injustiça, a iniquidade, a violação do direito, a transgressão do dever, a anarchia moral, são coisas que te affligem pouco, com tanto que não deem tão grande brado que te expertem o somno. A dignidade que resiste incommoda-te mais do que a torpeza que se concilia, que se dobra, que cede, que se deixa ir na corrente. E sentes-te feliz, confiado, forte, poderoso, porque te achas capaz d'esta coisa: — mandar prender outra vez o barão de Humboldt!

Ainda que, — graças ao progresso da hypocrisia nas modificações modernas por que teem passado os teus systemas de governação, — tens agora para inutilisar o talento e o trabalho um meio mais energico do que captural-o, e vem a ser — corrompel-o.

Em Paris, em Berlim, em Gand, em Oxford, quando a mocidade das escolas emitte collecti-

vamente um voto, esse voto pesa no espirito dos governos e na opinião do publicó, porque a mocidade instruida representa nas sociedades a aspiração mais generosa dos espiritos, a tendencia mais desinteressada dos caracteres, a fina flor do sentimento, a ideal frescura da alma, todos os mimos finalmente da delicadeza humana, não endurecida ainda pelos rudes contactos da experiencia, da desconfiança e do egoismo.

Por occasião da recente visita do sr. Fontes Pereira de Mello á cidade de Coimbra, os estudantes da Universidade nomearam uma enorme commissão para os representar, e dirigiram directamente e solemnemente as suas palavras ao presidente do concelho de ministros.

Que estava destinado a ouvir dos representantes da mocidade academica, o sr. Fontes Pereira de Mello, representante dos partidos conservadores em Portugal?

Que idéas iriam trocar-se entre esses dois poderosos elementos da nossa evolução social: — por um lado o respeito do passado, os principios da tradicção; por outro lado o fermento revolucionario, a idéa nova, o embrião do espirito futuro?

O sr. Fontes ia achar-se pela primeira vez

em sua vida deante de uma extranha assembléa, do caracter mais positivo, cujo poder espiritual não provinha do direito divino nem do suffragio popular, mas sim da competencia e da auctoridade intellectual; assembléa absolutamente livre e absolutamente incorruptivel.

O assumpto que lhe dizia respeito é extremamente vasto e profundamente importante.

A universidade de Coimbra carece das reformas mais radicaes. A legislação relativa aos poderes dos tribunaes academicos havia sido ainda ultimamente objecto de uma longa controversia tendente a achar a interpretação authentica do direito escolar.

O programma dos estudos é absurdamente anachronico perante as novas classificações scientificas dos phenomenos da natureza e dos phenomenos da sociedade e perante a correlativa disposição genealogica das disciplinas que teem em vista o conhecimento das leis porque esses phenomenos se regulam.

A nova geração academica iria talvez submetter á consideração do representante do governo a necessidade urgente de uma reforma por via da qual o sr. Fontes Pereira de Mello teria de adaptar ao nivel das acquisições intel-

lectuaes e das concepções scientificas do seu seculo a importante obra do seu predecessor o marquez de Pombal, deprimida e degenerada do valor primitivo pelos effeitos de uma immobilidade de cem annos.

A nova geração estudiosa tocaria talvez os pontos culminantes d'essa reforma, mostrando assim irrefutavelmente que ella significa a justa satisfação de uma necessidade immergente das altas e nobres curiosidades do espirito moderno.

Demonstraria a impotencia dos poderes temporaes, que constituem o governo, na resolução de todos os problemas economicos e sociaes.

Provaria que a civilisação portugueza se acha em uma crise de confusão, crise demasiadamente prolongada, de caracter permanente, resultante do progressivo desequilibrio entre a inferioridade das idéas theoricas e a urgencia das necessidades praticas.

Deduziria que a Universidade de Coimbra, o primeiro instrumento da educação publica, deveria conter o remedio para esta calamidade cada vez mais grave: a falta da convergencia intellectual do paiz nos negocios publicos do seu maior interesse, a epidemia das incompetencias,

a ausencia absoluta do espirito scientifico no poder legislativo, o mais importante e todavia o mais inepto e o unico desprovido inteiramente de educação especial entre todos os poderes publicos a cuja auctoridade se acham entregues os destinos da sociedade.

A mocidade desejosa de completar a esphera das noções indispensaveis para manter a um povo a posse do seu proprio dominio, lembraria, por exemplo que na organisação universitaria falta uma faculdade de Sociologia, da qual o Direito seria apenas um dos cursos integrantes parallelo com o estudo da castação da raça, da nacionalidade, da lingoa, da religião, da industria, da arte.

Todas estas considerações ou outras,—outras certamente mais elevadas, concebidas sob este mesmo criterio, mas expostas pela mocidade academica com os desenvolvimentos eruditos e com a nitidez philosophica que estas paginas noticiosas não podem abranger e que a intelligencia individual de quem as escreve não pode attingir,—seriam propostas ao representante do governo pelos representantes da Universidade.

O sr. Fontes devia ter-se certamente preparado para esta escaramuça de opiniões e cremos

bem que o seu coração bateria a maior uma pulsação commovida quando a enorme commissão academica se annunciou. A entrevista foi muito mais breve, muito mais cathegorica, muito mais decisiva nos seus effeitos do que se poderia imaginar.

O que a mocidade estudiosa desejava do governo portuguez para satisfação do seu ideal era simplesmente esta coisa — um feriado.

O sr. Fontes concedeu-o.

E a ordem e o progresso, reunidos para este fim, separaram-se em seguida, continuando cada uma d'essas forças o rumo da sua missão no grande equilibrio da sociedade.

. ˙ .

É pois certo que nos costumes e nas aspirações da Universidade de Coimbra se perpetúa a velha tradicção da *cabula*, verdadeira chave dos destinos de toda a intelligencia portugueza! Os que em moços consideram o feriado como a realisação do seu mais caro ideal são os mesmos que na idade madura põem o alvo da sua mais alta ambição nos serviços do Estado em que se ganha mais e em que se trabalha menos, em que

se tem a reforma, a aposentação, a jubilação com o terço.

Os alumnos que pedem o feriado dão os professores que pedem as commissões na capital, que abandonam a sua cadeira, a sua especialidade, o seu estudo, o seu trabalho proficuo, para virem para Lisboa como deputados perverter-se na ociosidade, na intriga politica, na desmoralisação da vida nomada, nas *soirées* e nas noitadas, na murmuração do Chiado, na nudez da vida do hotel, na infecção do jantar das mesas redondas, finalmente na lenta demolição do talento, do espirito de applicação, da dignidade, e do estomago.

Ernesto Chardron, editor

PORTO

Amores (Os) **d'Aurora,** por *Ponson du Terrail*, continuação do *Ferreiro da abbadia*, traducção de *Gomes de Sousa*. 2 volumes em 12.º.................... 1$000

Amores (Os) **de D. Juan,** extracto do immortal poema de *Lord Byron*, por *João Vieira*. 1 vol...... 400

Amores do Diabo, romance, por *J. Cazotte*, precedido de sua vida, processo, prophecias e revelações, por *Gérard de Nerval*. Vertido em linguagem por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. em 12.º.............. 500

Aprender na desgraça alheia, por *Benjamin Constant*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol.... 400

Armeiro (O) **de Milão,** por *Ponson du Terrail*, traducção. 1 vol. em 12.º....................... 500

Calumnia (A), paginas da desgraça, por *Enrique Perez Escrich*. 5 vol.................................. 2$500

Cancioneiro e romanceiro geral portuguez, confecção e estudos, por *Theophilo Braga*. 4 volumes .... 2$000

Capella (A) **sixtina** e o Cemiterio de Pisa, por *E. Castellar*, traducção de *Bulhão Pato*. 1 vol...... 300

Carrasco (O) **de Victor Hugo José Alves,** romance, por *Camillo Castello Branco*. 1 v. em 12.º. 500

Carta de guia de casados, por *D. Francisco Manoel*, com um curioso prefacio. 1 vol............ 360

Como as mulheres se perdem, romance por *Amédée Achard*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 volume... 500

Corda (A) **do enforcado,** novo e ultimo episodio de

Rocambole, por *Ponson du Terrail*, traducção de *Gualdino de Campos*. 2 vol. em 12.º.............. 1$000

Crime (O), a proposito do assassinato do alferes Brito, por *Guerra Junqueiro*. 1 vol.................... 200

Crime (O) **de Pantin.** 1 vol. em 8.º........ 400

Degredado (O), romance de *Méry*, traducção de *Alberto Pimentel*. 1 vol. em 12.º.................. 500

Ditos da freira D. Joanna da Gama, conforme a edição quinhentista, revistos por *Tito de Noronha*. 1 vol. em 12.º.......................... 400

Duqueza (A) **de Langeais.** — A missa do atheu. — Uma paixão no deserto, por *Balzac*, traducção de *Theophilo Braga*. 1 vol. em 12.º............... 500

Episodio da guerra civil — *A Maria da Fonte*, por *M. J. C. Mascarenhas*. 1 vol.................. 500

Espirito do direito civil moderno, direito subsidiario, propriedade, contractos, por *Theophilo Braga*. 1 fol. em 8.º.......................... 120

Esposa (A) **martyr,** por *Enrique Perez Escrich*. 5 vol.................................... 2$500

Estudos da idade média, contendo: Mythologia iberica: O cyclo de Sam-Graal — Virgilio na idade média — Os contos de fadas — Lenda do Judeu Errante — Lenda do Doutor Fausto — Poesia da navegação portugueza — Poesia mystica amorosa: As cartas de uma religiosa portugueza — Os poetas menores — Lucta da introducção do romantismo em Portugal, por *Theophilo Braga*. 1 vol............................ 500

Ferreiro (O) **da abbadia da Côrte de Deus,** por *Ponson du Terrail*, traducção de *Gomes de Sousa*. 2 vol. em 12.º.............................. 1$000

Folhas verdes, versos dos quinze annos, por *Theophilo Braga*. 2.ª edição, correcta e augmentada. 1 vol. em 12.º.................................... 500

Olympia, por *Ernesto Pinto d'Almeida*. 1 volume em 8.º..................................... 400

Freira (A) no subterraneo, romance historico, traduzido por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição. 1 vol. em 8.º 500

Impressões da natureza, poesias, por *Augusto Luso da Silva*. 1 vol. 500

José Balsamo (Compendio da vida e feitos de), chamado o conde de Cagliostro ou o Judeu Errante, traduzido do italiano, por *A. Sanches*, com um prefacio, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. 400

Julia de Trécœur, por *Octavio Feuillet*, traducção de *Gaspar Borges d'Avellar*. 1 vol. em 12.º 300

Memorias de fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, com uma extensa introducção e notas illustrativas, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. em 12.º 500

Memorias d'uma viuva, por *Ponson du Terrail*, vertido em portuguez, por *J. J. da F. Guimarães*. 2 vol. em 8.º .... 1$000

Memorias d'um caixeiro, ou um drama da vida commercial, por *A. Belot* e *J. Dautin*. 1 volume em 12.º 600

Mosaico e silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. em 12.º 500

Nervosos, lymphaticos e sanguineos, por *Alberto Pimentel*. 1 vol. em 18.º 400

Noites d'insomnia, revista critica, por *Camillo Castello Branco*. O anno completo de 1874. 12 vol. 2$400

Obras poeticas de José Agostinho de Macedo, contendo: A natureza, poema. — A meditação, poema. — Newton, poema. — Viagem extatica ao templo da Sabedoria. — Biographia, por *J. L. Carreira de Mello*, seguidas d'um catalogo alphabetico de todas as suas obras. 1854. 6 vol. em 8.º .... 1$440

Odes modernas, por *Anthero de Quental*. 2.ª edição. 1 vol. 400

Visão dos tempos. Antiguidade homerica — Harpa de Israel — Rosa mystica. 2.ª edição, 1871, correcta e augmentada, por *Theophilo Braga*. 1 v. em 12.º 500

Passeios e digressões, por *Tito de Noronha*. 1 volume.................................... 400

Phantasias e escriptores contemporaneos: Camillo Castello Branco — Pinheiro Chagas — Thomaz Ribeiro — Julio Diniz — Bulhão Pato — D. Thomaz de Mello, pelo *Visconde de Benalcanfôr*. 1 vol..... 500

Physiologia do matrimonio ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade e infelicidade conjugal, por *H. Balzac*, traducção de *A. da Silva Dias*. 2 vol.................................... 1$000

Rei (O) **dos bohemios**, por *Ponson du Terrail*, traducção de *J. G.* 2 vol. em 12.º............... 1$000

Scenas da vida de Bohemia, romance por *Henry Murger*, traducção de *Gustavo A. Barbosa*. 1 vol. 600

Sonho d'uma noite de S. João. Theatro de Shakespeare, 1.ª tentativa, pelo *Visconde de Castilho*. Drama em 5 actos e em verso. 1 vol.............. 600

Torrentes, por *Theophilo Braga*. 1 vol........ 500

Vendetta (La), por *Balzac*, versão livre de *Bulhão Pato*. 1 vol. em 8.º.............................. 400

Vergonha (A) **que mata**, romance por *Amédée Achard*, traducção de *Lopo de Sousa*. 1 vol..... 500

Vida d'el-rei D. Affonso VI, escripta no anno de 1684, com um prefacio, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. em 18.º.............................. 400

Vingança (A) **da baroneza**, por *Ponson du Terrail*, traducção de *J. Guimarães*. 1 vol. em 12.º...... 500

Virtude (A) **de Rosina**, romance, por *Arsenio Houssaye*, traduzido por *Alberto Pimentel*. 1 volume em 12.º.................................... 400

Porto: 1875 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62